

CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
INSTITUTO SUPERIOR DE ESTUDOS E PESQUISAS PSICOSSOCIAIS  
FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS

A CRISE DO CASAMENTO CONTEMPORÂNEO:  
UM ESTUDO PSICOSSOCIAL

POR

BERNARDO JABLONSKI

FEV  
200  
PRETO

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

DOUTOR EM PSICOLOGIA

Rio de Janeiro, setembro de 1988

CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
INSTITUTO SUPERIOR DE ESTUDOS E PESQUISAS PSICOSSOCIAIS  
FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS

A CRISE DO CASAMENTO CONTEMPORÂNEO:  
UM ESTUDO PSICOSSOCIAL

BERNARDO JABLONSKI

FGV/ISOP/CPGP  
Praia de Botafogo, 190 sala 1108  
Rio de Janeiro - Brasil

## A G R A D E C I M E N T O S

Ao professor Aroldo Rodrigues, pela orientação e amizade.

a Ana Cristina Manfroni, pelo afeto e apoio.

aos ex-alunos que colaboraram na pesquisa: Genny Baran, Mônica Cristóvão, Teresa Warwar, Maria Letícia Vasconcellos, Sandra Hijjar, Maria Luiza Vizeu, Viviane Gomes Ribeiro, Márcia Erlich, Cristiana Albuquerque, Karla Ferreira, Simone Band, Leila Lobo, Alexandra Ullmann, Adriano Mesquita, Marina Orelhano, Ana Paula Gomes, Consuelo Medina, Monica Baran e Pedro Paulo da Silva.

a Andrea Rego, Patrícia Oliveira e Angela Pia Manfroni, fiéis datilógrafas.

a Débora Pinto Otoni, pela datilografia final.

a Ronald Fucs, pela amizade e revisão do texto.

ã Adriana Menescal, pela amizade e no auxílio ao tratamento dos dados por computador.

ã CAPES pelo financiamento parcial.

às Instituições PUC/RJ, CPGP/ISOP/FGV e ã UGF pelo apoio conferido.

aos meus pais, por tudo.

e a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para que fosse possível a realização desse trabalho.

## R E S U M O

A atual família nuclear urbana e a instituição do casamento passam por momentos difíceis. Profundas mudanças sócio-econômicas levaram o casamento contemporâneo a um estado de crise caracterizado pelo aumento do número de separações a tal ponto que, aproximadamente, cinquenta por cento das uniões, nos dias de hoje, tendem à ruptura em poucos anos.

Na primeira parte de nosso trabalho expomos os fatores aparentemente responsáveis por essa situação. Assim, a diminuição da religiosidade, a modernização e a industrialização, o encurtamento das famílias, a excessiva e acrítica valorização do amor como base única do casamento e solução para todos os males, o aumento da longevidade, a revolução sexual, um estilo de vida que privilegia um individualismo exarcebado, a emancipação feminina, a menor integração social na comunidade e o isolamento excessivo seriam as principais causas da crise e da configuração do que denominamos - pelo fechamento e isolamento resultantes - de fam-ilha.

Com os objetivos de testar uma série de hipóteses relacionadas à propensão ao divórcio e de contrastar o que pensam os estudiosos da área com o que as pessoas no seu dia-a-dia consideram como causas da crise, expomos na segunda parte de nosso trabalho os resultados de pesquisa realizada com quatrocentos sujeitos de classe média, distribuídos em quatro condi-

ções: jovens solteiros, casados, separados e casados idosos (metade do sexo masculino, metade do feminino).

Através de questionários criados para esse fim, comparamos as avaliações pessoais em função das diferenças de estado civil, faixa etária e sexo, nos quatro grupos - outra de nossas metas.

Abordamos também a aplicação de alguns princípios da psicologia social a nossa área de estudos. Para tanto incluímos nos questionários perguntas tendo como embasamento teórico (a) as hipóteses de Jones e Nisbett sobre perspectivas divergentes na atribuição de causalidade entre atores e observadores, (b) a percepção de inequidades existentes na relação entre homens e mulheres e suas conseqüências (tópicos em justiça distributiva) e (c) a divisão de poder no casamento.

As conclusões de nosso trabalho estão na última seção, onde são sumarizadas e relacionadas com o exposto na primeira parte as hipóteses que confirmamos: a hipervalorização do amor, principalmente entre os mais jovens, a crescente secularização e suas implicações, o movimento feminista, o espírito individualista reinante e o grande número de relações extramariais são alguns dos principais fatores que contribuem para a dissolução das uniões.

Verificamos ainda, além de distintas visões do casamento por parte de homens e mulheres, a relação entre a percepção de inequidades no casamento e insatisfação conjugal, a existên

cia de perspectivas divergentes em termos de atribuição causal entre atores e observadores e uma divisão mais igualitária de poder entre casais jovens.

## S U M M A R Y

The present nuclear urban family and the institution of marriage are going through a difficult period. Deep socioeconomic changes brought contemporary marriage to a state of crisis highlighted by a growing number of divorces that nowadays tends to reach 50% of married couples shortly after the wedding.

The first part of our study depicts the main factors that seem to account for this situation. Thus, declining religiousness, modernization and industrialization, family shortening, overevaluation of love as sole basis of marriage and universal remedy, longer life expectancy, sexual revolution, a life style that brings individualism to the fore, women's liberation movement, lower social integration within the community, and a growing degree of isolationism would be the main causes of the crisis and of the state we call - because of the isolation thereby caused - the "fam-ilha".

To test a number of hypotheses to divorce-proneness and to compare researches' opinions with those of common people, we show in the second part the results of a research made with four hundred middle-class subjects divided in four conditions: single youths, married, divorced and aging married people (half male, half female).

Using specifically prepared questionnaires, we compared personal evaluations according to marital status, age and sex in the four groups.

Social psychological principles were also applied to our study. Thus, in the research we included questions based on (a) Jones and Nisbett's hypotheses on divergent perspectives on causal attribution by actors and observers, (b) perception of inequities in man/woman relationships and their consequences (topics on distributive justice), and (c) the division of power in marriages.

In the last section the main hypotheses that were confirmed are summarized and related to the causes depicted at the beginning: the overevaluation of love, mainly among young people, the growing secularization and its consequences, the women's movement, the prevailing individualistic mood and the great number of extramarital relationships, are some of the principal factors contributing to the breakup of marriages.

We also established, in addition to men's and women's distinct views of marriages, the connection between the perception of inequities and dissatisfaction in marriages, the existence of differing perspectives on causal attribution by actors and observers, and a more equalitarian power division among young couples.

## Í N D I C E

Agradecimentos -----	iii
Resumo -----	iv
Summary -----	vii
Introdução -----	001
Hipóteses e Metodologia -----	073
Resultados e Discussão -----	083
Conclusão -----	203
Bibliografia -----	217
Anexos -----	245

## INTRODUÇÃO

### A) - O ESTADO DA CRISE:

De início, é forçoso reconhecer que o assunto é ter rivelmente complexo. Em um artigo publicado em 1981, B. Weiner lamentava o fato de haver poucos trabalhos em Psicologia acerca de um outro tópico muito importante: o das emoções. Embora se fale muito em motivação e emoção e existam livros e cursos com esse nome, a verdade é que a maior parte dos estudos refere-se à motivação, sendo bem pequeno o espaço dedicado às emoções propriamente ditas. Não é de espantar que o progresso na área tenha sido pequeno se comparado a outros campos da própria psicologia. Weiner ironiza a situação dizendo que apenas a aceitação dos princípios do prazer e da dor não são suficien tes para caracterizar os sentimentos, e que os prazeres advindos da agressão, satisfação sexual e da fome são bastantes dis tintos: "Deve haver uma diferença entre o prazer de matar o pai e o de dormir com a mãe!"

Em trabalho publicado anteriormente (Weiner et al, 1978), o mesmo autor já alertava que "é preciso grande dose de tolerância à frustração, e talvez até uma certa inclinação à autodestruição, para se dedicar ao estudo dos estados afetivos... É até de se sugerir que os investigadores não renitentes não se dediquem a pesquisas nessa área" (trad. do autor) . Voltaremos a esse autor adiante, por outro motivos: pequena par

te de nossa pesquisa volta-se para a área de atribuição de causalidade, onde B. Weiner é um dos mais destacados investigadores. No presente caso, poderíamos dizer que todo o casamento é uma ilha cercada de emoções por todos os lados, inclusive (e principalmente) o lado de dentro!

O plano básico de nosso ambicioso trabalho é tentar verificar como as pessoas percebem a situação de crise que vive hoje a instituição do casamento, e comparar essa percepção com a dos pesquisadores e teóricos que têm se debruçado sobre o complexo tema nos últimos anos. É nosso objetivo saber até que ponto coincidem os pontos de vista, se os sujeitos têm algum tipo de consciência das forças que têm empurrado o casamento para a situação em que se encontra e que relações podem ser extraídas dessas observações.

Mas, antes de mais nada, é preciso arguir: que situação é essa?

No meio teatral, diz-se que o teatro está em crise há mais de dois mil e quinhentos anos! Com isso, os teóricos pretendem, ironicamente, denunciar a fragilidade do fenômeno teatral através de uma cilada semântica proporcionada pela aplicação da palavra crise num sentido perene. Afinal, o termo se refere a acidentes repentinos, bruscas rupturas de equilíbrio, fases difíceis, etc. (Holanda, A.B., 1986). Um jogo de palavras traiçoeiro: um momento difícil que se perpetua ad infinitum, ou não é um momento, ou não é difícil. Se ambos os

termos se aplicam, o que não caberia mais seria a palavra crise. Será que, no âmbito da família, a questão não é a mesma? Isto é: passamos realmente por um período delicado e instável, ou a família sempre viveu ameaçada, não fazendo sentido portanto o epíteto de crise?

Alguns psicólogos clínicos levantam ainda uma outra questão, qual seja, a de que a família pode estar em crise, sim, mas que isso seria bom. Ou melhor, que seria símbolo de transformação, da possibilidade de crescimento, de mudanças no fundo positivas.

Conseqüências positivas ou negativas, a verdade é que a atual família nuclear e a instituição do casamento passam por momentos bastante delicados. Se consultarmos a crescente literatura acerca desses tópicos, encontraremos um sem-número de estudos que confirmam esse diagnóstico. Assim, por exemplo, segundo Frankel (1978),

"a família há muito está com problemas. No mínimo há duzentos anos ela vem recebendo golpes que a têm enfraquecido sobremaneira. As ligações entre a família e a organização do trabalho foram cortadas e as sanções religiosas diluídas (...). Apesar disso a família como instituição normativa sobrevive", p. 18.

Sobrevive, mas como? Será que já não estamos presenciando mudanças significativas nesta família normativa? Essa é a opinião de Scarr (1984) em Mother Care/Other Care. Para ela,

"o problema fundamental - em referência à questão da educação infantil - é que os líderes do governo, do comércio, bem como do público em geral, ainda acreditam que a tradicional família é a forma predominante, o que não é ver

4

dade, de acordo com pesquisas recentes realizadas nos EUA. Apenas onze por cento de todas as famílias podem ser vistas como tradicionais", p. 36.

(com um pai trabalhando fora, a mulher dona-de-casa e dedicada à criação dos filhos, - N. A.).

Impossível também não levar em consideração o contexto sócio-econômico no qual se insere a família/casamento contemporâneo. E é nas mudanças sócio-econômicas das últimas décadas que Glick (1975) situa a causa principal da "onda" de divórcios, embora esse autor reconheça não haver meios disponíveis de discriminar o peso verdadeiro de cada uma das variáveis responsável pelo fenômeno. Mas, possivelmente,

"o número cada vez maior de jovens esposas com pequenas famílias, que foram bem sucedidas em traduzir seus altos níveis educacionais em empregos que as tornaram financeiramente independentes de seus maridos; o número cada vez maior de casais cujos ganhos alcançaram um nível que lhes permite suportar os custos inerentes a um processo de divórcio e suas conseqüências, para podem pôr fim a uniões não viáveis; o crescente barateamento desse mesmo processo, que o torna acessível às classes pobres e (para os EUA) a guerra do Vietnã, que complicou a transição e a adaptação de milhares de jovens ao casamento, em nível desconhecido anteriormente", p. 74.

seriam os principais responsáveis, do ponto de vista econômico, pela situação atual. Esse mesmo autor aponta ainda outras causas para o crescente índice de divórcios, causas essas ligadas a uma maior aceitação social com relação ao divórcio como meio de resolver casamentos difíceis - inclusive pelas religiões - , o próprio estudo objetivo do casamento e das relações familia -

res, o crescente movimento em direção à igualdade entre sexos, o que facilitaria a vida das pessoas não casadas, e a reforma das leis acerca do divórcio.

Em nível de análise psicológica, algumas inferências bem interessantes vêm sendo traçadas. Assim, para Crosby (1975), ecoando em parte referências anteriores de Ariès (1973), o que está havendo é o crescimento desmesurado do conceito de individualismo, às expensas do conceito de família: "isto explicaria a decrescente ênfase do status da família em nossos dias". Crosby, no entanto, repudia as críticas vigentes, segundo as quais a família seria a principal causa, ou melhor, o principal agente de neurotização dos seres humanos, uma instituição rígida, confinadora, oferecendo modelos que privariam as crianças de profundidade, diversidade e de oportunidades reais de adquirirem uma personalidade saudável. Segundo ele, essas críticas não procedem por basicamente confundirem mudança com destruição. O fato de as funções das famílias estarem sendo instadas a se modificar, para se ajustarem às demandas de uma nova realidade social, não significaria em absoluto que a família como um todo estaria às vésperas de sua dissolução. Se é verdade que a estrutura de uma instituição está ligada às suas funções, as mudanças em uma esfera acarretarão automaticamente mudanças na outra. Para o autor, a família mudará e sobreviverá, uma vez que ela é ainda a melhor forma de proporcionar laços afetivos básicos, subsistência econômica, socialização da criança e reprodução. E o processo de mudança, de redefinição de funções, seguido de uma reestruturação da família, poderá ser descrito como

"crise" ou não, o que não teria importância se adotada a visão da família como modelo em eterno movimento de ajustamento.

A visão de Jourard (1975), no entanto, é mais drástica: "O estado em que se encontram o casamento e a família em nosso país pode ser facilmente chamado de desastroso". (...) "A falência do casamento é a falência da nossa cultura em prover modelos e expectativas razoáveis acerca dos relacionamentos humanos". Para esse autor, a nossa cultura está repleta de falácias e mitos concernentes à vida a dois.

Prosseguindo na lista de teóricos que alertam para a situação embaraçosa em que se encontra o casamento contemporâneo, podemos ainda citar Ramey (1975), que aponta a questão da revolução demográfica e sua influência no status quo, uma vez que a expectativa de vida passou dos 47 anos, em 1900, para 74 anos em 1975 (EUA). "Até que a morte os separe" era uma realidade próxima, até o início deste século, e tornava a vida a dois mais curta. Assim, o divórcio estaria simplesmente substituindo a morte (Mousseau, 1975), ou como disse Brehm (1985), o que realmente mudou foi o modo de terminar dos casamentos. Ramey sublinha ainda o papel desempenhado pela revolução tecnológica, que permitiu a emancipação econômica do indivíduo, desobrigando-o em muito da vida familiar que até então seria a melhor maneira de enfrentar um meio hostil. O que diz respeito particularmente à mulher, que através de sua emancipação alterou profundamente as relações dentro da família.

Chew (1972) utiliza estatísticas para apontar outro aspecto mal resolvido dentro do casamento: entre os casais de hoje, a percentagem de homens que tiveram pelo menos um envolvimento extramarital beira os 60% da população. Entre as mulheres, os números apontam quase 40%. Se esses números estão certos (e parece que estão, segundo outras pesquisas<sup>(1)</sup>) há aqui algo de perturbador, já que o casamento se baseia, de fato, num princípio absolutamente monogâmico. As conseqüências desses affairs estariam contribuindo de forma substancial para o agravamento da crise.

Mas, voltando ao papel das mulheres e as mudanças a elas relacionadas, Ferree (1976) observa que o trabalho de dona-de-casa tem sofrido, ao longo dos tempos, enorme desvalorização, ocasionada em parte pela perda do apoio social outrora existente, apoio esse que dava à mulher reconhecimento, suporte e atenção. Mães, irmãs, primas e amigas ofereciam-se mutuamente um tipo de apoio comunal (hoje não mais existente) que não deixava campo para a sensação de isolamento e vazio que essa mesma função hoje significa.

Movius (1978) fala da mudança no sentido de que os filhos e a casa já não são mais - como eram - a razão de ser da mulher urbana, contemporânea e isolada. Outras alternativas, em termos de ideais de realização, cresceram bastante em importância para essa mulher, tornando-a menos disposta aos sacrifícios impostos pela atual vida no lar, com óbvias conseqüências no que diz respeito à vivência em família.

---

(1) Na seção sobre sexo serão apresentados os dados a respeito.

Para Brehm (1985), além de muito do que já foi exposto acima, também pode ser apontado como fator responsável pelo aumento de divórcios a diminuição do número de filhos nos lares, o que faz com que o foco do relacionamento se centralize muito mais no casal do que na família. De fato, o censo americano de 1974 demonstra que houve uma diminuição média acentuada da família. Passou de cinco membros por lar, de 1890 a 1910, para menos de três membros em 1974.

As estatísticas mostram também que as taxas de participação feminina na força de trabalho covariam com as taxas de divórcio, isto é, há uma relação positiva entre emprego feminino e propensão ao divórcio. Segundo Booth (1983) não se pode predizer exatamente qual o mecanismo específico que conduz a esse estado de coisas - se a ligação ao trabalho, o aumento de ganhos pela mulher, ou a emancipação que a predispõe menos a agglutar situações inequitativas, etc.

O que esperamos ter demonstrado, nessa longa lista de citações, é a realidade da denominação de "crítico" ao momento ora vivido pela família urbana contemporânea. E mais, que é fundamental um melhor entendimento das novas expectativas e atitudes que as pessoas têm com relação ao casamento e que, no tearão, em grande parte, os caminhos a serem trilhados pela instituição família.

Ainda para clarificar e reforçar nosso ponto de vista, mostramos a seguir alguns dados estatísticos ligados à família e ao casamento, que acreditamos ser de grande interesse e dignos de reflexão, constituindo "prova adicional" da existência de um quadro de crise:

- A taxa de divórcio nos Estados Unidos mais do que duplicou nos últimos vinte anos. Se esta tendência prosseguir, por volta de 40% dos casamentos de mulheres nascidas entre 1945 e 1949 acabarão em divórcio. Para mulheres mais jovens, essa previsão alcança 50%. (Brehm, 1985)
- Segundo levantamento feito pelo Serviço de Movimento Forense junto à Corregedoria Geral da Justiça do Rio de Janeiro, os dados relativos ao 1º semestre de 1984 indicam um total de 7212 pedidos de habilitação de casamento e de 4909 pedidos de separação judicial. (Jornal do Comércio, 14-10-84)
- A Rússia ocupa o segundo lugar no mundo na taxa de divórcios. (Moskoff, 1983)
- Quase metade de todas as mães com crianças pequenas, nos EUA, trabalham fora, de acordo com o Bureau of Labor Statistics (...) Algumas predições afirmam que 80% das famílias terão pai e mãe trabalhando na virada do século (Psychology Today, FEB, 1986)

- O número de casais vivendo juntos nos Estados Unidos sem estarem oficialmente casados pulou de 500 mil em 1970 para 1,8 milhão em 1981, o que equivale a 4% de todos os casais.
- Aproximadamente 47% de nossos jovens desaprovam o casamento e as relações familiares tais como elas são hoje (Revista Veja, 1984).
- A mão-de-obra feminina no Brasil cresce 6,9% ao ano: Em 1983, o número de mulheres ativas era de mais de 16 milhões, ou seja, um terço das pessoas ocupadas no país (Fonte, IBGE, 1984). São dados importantes, se for verdadeira a afirmação de que as taxas de participação feminina na força-de-trabalho covariam com as taxas de divórcio.
- Um terço dos homens e mulheres casados entrevistados disseram que estiveram envolvidos em pelo menos uma relação extramarital. No grupo dos entrevistados na faixa dos quarenta anos, especificamente, os dados apontam um total de 50% (Psychology Today Survey, 1983).

Somando os dados da página anterior às citações já mencionadas no início deste trabalho, parece-nos justo supor que a família - que é uma das mais antigas instituições sociais da humanidade, e que, ao longo dos tempos enfrentou toda espécie de cataclismos e intempéries - dessa vez está se defrontando com uma situação bastante complicada e merecedora de cuidados (e estudos) especiais.

Na seção seguinte exporemos nosso plano de trabalho e os objetivos da presente pesquisa.

## B) - OBJETIVOS

Nosso objetivo maior no presente trabalho é fornecer algumas contribuições que venham a proporcionar um maior entendimento do momento vivido hoje pelo binômio "casamento & família". Pretendemos verificar - via aplicação de um questionário especialmente construído para este fim - como solteiros, casados, separados e idosos casados percebem e avaliam os principais "ingredientes" que embasam ou constituem o casamento. Assim, esses quatro diferentes grupos foram inquiridos na esperança de se inferir, em função de suas respostas com relação a diversos tópicos, algumas tendências sócio-perceptivas e atitudinais que lancem alguma luz sobre o atual "estado de crise" por que passa o matrimônio, e também, suas perspectivas futuras.

Como já indicamos na introdução (o estado da crise), as transformações por que passa o casamento são fruto possivelmente da ação de inúmeras variáveis, que associadas, formam um complexo emaranhado de fatores intervenientes. Assim, a emancipação da mulher, o novo liberalismo sexual, a adaptação da família à nova sociedade industrial urbana, a diminuição da força da Igreja, o esvaziamento do papel da família como fator de sobrevivência diante de um meio físico hostil, o questionamento da monogamia, a democratização das relações familiares e a valorização da autonomia, da liberdade e do companheirismo como forma ideal de relacionamento, com a conseqüente diminuição do autoritarismo e controle patriarcais, são algumas dessas va

riáveis - entre outras - que têm empurrado o casamento contemporâneo para a situação em que se encontra.

Mas até que ponto essas causas - que os teóricos que se têm debruçado sobre o assunto apontam como as principais - são percebidas por sujeitos como realmente significativas e atuantes? Casados e solteiros têm consciência da atuação dessas variáveis? Quais as diferenças existentes entre os jovens solteiros de hoje e os representantes do grupo dos idosos em torno de questões como a monogamia, educação dos filhos, ideal de uma relação a dois, deveres e obrigações para com a relação e expectativas quanto à vida sexual? A que, predominantemente, os separados atribuem o "fracasso" de suas uniões? Homens e mulheres têm visões diferentes acerca do casamento?

Para responder a essas e outras questões concernentes aos nossos objetivos, criamos um questionário específico, que foi inicialmente submetido a um pré-teste e depois revisto para a aplicação definitiva. Atenção especial foi dada às perguntas que visavam a obter indicadores indiretos da percepção dos fatores envolvidos, numa tentativa de evitar as respostas ditas "ideais" (e não reais). Assim, tanto as respostas ligadas a instigações conscientes quanto a instigações inconscientes - que tendem a distorcer a realidade, superestimando, subestimando ou simplesmente negando aspectos relevantes - foram analisadas. Voltaremos a abordar o instrumento utilizado na parte destinada ao mesmo.

Mas além dos objetivos primários, procuramos testar também algumas outras suposições extraídas da psicologia social contemporânea, especificamente com hipóteses relacionadas ao princípio da atribuição de causalidade diferencial no sucesso e no fracasso (aplicados ao matrimônio), da equidade na relação homem/mulher e das relações de poder no casamento, a partir das constatações levantadas por Raven, Centers e Rodrigues (1973). Essas hipóteses são testadas per se e em conjunto com os objetivos primários que dizem respeito à percepção social do casamento.

Esses são, em resumo, nossos objetivos, que, em última análise, se propõem a fornecer alguma contribuição ao entendimento do estado de crise que se encontra a instituição casamento nos dias de hoje. Na seção seguinte voltaremos a analisar, mais detalhadamente, as possíveis raízes da situação atual.

## A CRISE: PRINCIPAIS CAUSAS<sup>(1)</sup>

### a) - a questão de religiosidade

A religião tem sido ao longo dos tempos uma poderosa força no que diz respeito à questão dos valores da família. A vasta documentação existente acerca da Idade Média atesta o grau de interferência (alto) exercido pela Igreja católica na moral, sexualidade e nas normas de comportamento, como um todo, das famílias cristãs (Flandrin, in Ariès & Béjin 1985; Tannahill, 1980; Atkinson, 1983, Herlihy, 1983; Socci, 1983, entre outros). Essa influência, aparentemente, manteve-se extremamente ativa até meados do século XVIII ou, segundo comentam ironicamente Bahr e Chadwick (1985), até um ponto inespecífico situado entre a Renascença e o ano de 1900...

Se bem que não nos seja possível retratar com absoluta fidelidade o mundo emocional da família medieval, e saber se a estrita obediência às normas da Igreja era fruto de adesão íntima e profunda ou apenas uma manifestação de acatamento por conformismo, pressão social, medo ou equivalente, a verdade é que os números existentes atestam - via o número baixo de nascimentos ilegítimos, concepções pré-nupciais e um menor número de casamentos e concepções quando da Quaresma - uma real obediência aos ditames religiosos existentes.

---

(1) Como os assuntos são muitas vezes bastante interligados, essa divisão por tópicos é mais didática do que real, e visa apenas a estabelecer um mínimo de ordem na explanação dos principais pontos de vista dos estudiosos e nossa sobre a "crise do casamento"

Para um melhor conhecimento da natureza desse ditames, remetemos o leitor aos autores acima citados, bem como ainda a Ariès (1978) e aos autores citados por eles. De nossa parte, o que nos interessa é a percepção de que, da revolução industrial aos dias de hoje, a Igreja vem perdendo gradativamente a influência e o prestígio, pelo menos no que se refere ao acatamento por parte dos fiéis das normas e regras ditadas por ela (até agora estamos nos referindo somente à Igreja Católica Romana, mas acreditamos que o mesmo fenômeno esteja acontecendo com outras religiões. Voltaremos ao assunto posteriormente). E qual o reflexo dessa diminuição do acatamento aos preceitos religiosos no âmbito da família e do casamento?

Antes porém de passarmos em revista as possíveis respostas a esta pergunta, examinemos mais detidamente o processo de secularização (no Ocidente). De um modo geral os autores são unânimes em apontar um declínio na religiosidade, principalmente após a modernização e a industrialização. Para Berger (citado em Bahr e Chadwick, 1985) por secularização entende-se o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura passam a sofrer cada vez menos o domínio - ou a influência - das instituições religiosas, passando os indivíduos a avaliar, interpretar e lidar com o mundo sem o auxílio de indicações provenientes da religião "oficial". Esse mesmo autor pondera para auto-evidente questão, qual seja a de que o impacto desse processo varia grandemente de grupo para grupo, "afetando mais homens que mulheres, os de meia-idade mais que os jovens e idosos, os das cidades mais do que os dos campos, trabalhadores industriais mais que lo

jístas, e protestantes mais que católicos". De nossa parte, apenas não entendemos muito bem porque os lojistas têm sido menos afetados ... mas com relação à diferença entre protestantes e católicos, veremos adiante que, pelo menos em outras pesquisas, ela não tem sido significativa. Mas afora isso, aparentemente, Berger soube retratar a questão acuradamente (sua conceituação de secularização é freqüentemente citada por outros autores).

Naturalmente, não há unanimidade em torno dessas colocações. Os próprios Bahr e Chadwick (1985) em pesquisa realizada na lendária Middletown - na verdade uma réplica - em 1977/78, concluíram que pelo menos naquela comunidade, as pessoas continuavam tão religiosas - e às vezes até mais - do que seus antepassados consultados nos anos 20. E Wuthnow (1976) sugere que o processo de secularização é descontínuo, não podendo ser simplesmente atrelado à urbanização, expansão industrial, difusão da ciência e a outros fatores, comumente apontados. Entre os anos 1950 - 1972, por exemplo, houve momentos de maior ou menor religiosidade, que o autor atribui a diferenças entre gerações (generation units) que se distinguem entre si nos modos de sentir, agir e pensar, em função do momento sócio-cultural que norteou o crescimento dessas gerações. Wuthnow, no entanto, reconhece que se vive hoje (no momento em que o trabalho foi publicado) um período menor de religiosidade, consequência do movimento da contracultura que vicejou nos anos 60. Se esta tendência prosseguirá ou não, vai depender da geração posterior e de seu sistema de valores e crenças.

Mas, face à montanha de dados e pesquisas que têm evidenciado o processo em questão, esses resultados soam estranhos. Seja porque for, os estudos desses autores são considerados ilhas no meio de um mar de evidências.

Um fator que talvez esteja ajudando a dificultar o entendimento da situação como um todo é a não distinção entre o sentimento religioso estrito senso e a obediência a uma instituição religiosa em sentido genérico. Ou seja, de um lado cabe observar se há ou não uma diminuição da religiosidade que se traduz pela crença do sobrenatural, na fé, independente da razão, e no conforto moral/espiritual proveniente desse sentimento. E de outro lado, se as pessoas simplesmente não estão deixando de lado a obediência às recomendações "oficiais" determinadas pelas autoridades maiores de suas religiões. Assim, a religiosidade pode não ter diminuído, mas o acatamento às normas institucionais sim, com a possível consequência de, por exemplo, uma menor frequência aos serviços religiosos. Os autores se dividem com relação ao primeiro item, mas se mostram bem mais unânimes com relação ao segundo.

De nossa parte, conquanto seja difícil pronunciar - mo-nos quanto ao primeiro item, já que não somos especialistas em fenômenos religiosos, e porque também faltam dados empíricos relativos à religiosidade íntima das pessoas, parece-nos - se tomarmos a história conhecida da humanidade como padrão de comparação - que estamos vivendo um momento particularmente caracterizado por uma menor preocupação com o sobrenatural e o extra

terreno, principalmente se olharmos para o meio em que vivemos: um meio urbano - industrial - cosmopolita - moderno e racionalizante. A História tem nos ensinado no entanto, que movimentos pendulares no eixo racionalismo/irracionalismo são bastante comuns, o que pode significar ser esse momento apenas o que reza a palavra: um momento.

E com relação ao segundo ponto (da obediência às instituições), examinamos por exemplo, as considerações de D'Antonio acerca do catolicismo.

Para esse autor, a modernização - além de ter aumentado a longevidade e de ter dado uma ênfase especial mais às relações sociais do que exatamente ao controle social - vem proporcionando também um impulso à autonomia pessoal, em detrimento da obediência às instituições. Uma sociedade que enfatiza sobremaneira as realizações do indivíduo, seus direitos, e principalmente sua liberdade de fazer o que quiser, quando e da forma que que quiser, é uma sociedade que necessariamente se torna menos sensível ao apelos à submissão e à obediência irrestrita, mormente no que diga respeito a valores primários morais e/ou afetivos. (1)

Segundo D'Antonio (1985) os católicos estariam vivendo um processo de gradual desinstitucionalização religiosa. Embora con

---

(1) Veremos adiante o impacto do enorme valor que hoje é dado ao amor na formação e manutenção dos laços familiares. um amor tão grande e tão voltado para as pessoas queridas próximas, que talvez rivalize com a devoção divina.

tinuem se identificando como católicos, não mais seguem à risca os ensinamentos formais das autoridades máximas da Igreja Católica, optando por ligações mais próximas, paroquiais e mais atentos às pregações dos bispos locais do que à da distante Roma.

Além do mais, o fato de os indivíduos terem de lidar com duas realidades distintas joga, em nosso entender, um foco de luz na razão de ser dessa crescente separação religiosidade íntima/normativa. Isto é, se os sujeitos vivem na prática, no cotidiano, questões condenadas por sua religião, ou seja, divorciam-se ou se separam, adotam medidas de controle da natalidade que não as recomendadas pela Igreja e praticam ou toleram em certas condições o aborto, é de se esperar que se voltem para "um individualismo religioso". Como salientaram Roof e McKinney, (1985), "a modernidade criou uma situação em que a fé se tornou uma questão altamente individualizada e privatizada", com os indivíduos expressando sua religiosidade em termos de foro íntimo. De qualquer forma, teorias dentro da própria psicologia social, como por exemplo a da dissonância cognitiva, podem fornecer pistas relevantes para o entendimento desse movimento (face à tensão provocada pela dicotomia entre o comportamento esperado pela religião e o comportamento realizado de fato pelo indivíduo e conseqüente adequação cognitiva) privativista, movimento esse que acaba por fazer esmorecer mais uma "estrutura de mediação" entre indivíduos e a ordem social em que se inscrevem, no mesmo processo de afastamento por que passa a família contemporânea. Isso, por sua vez, levará a uma ênfase ainda maior no individualismo, num processo onde causas e conseqüências acabam concorrendo para o mesmo efeito.

O fenômeno em questão evidentemente não está atacando apenas a comunidade católica. Seus efeitos se fazem sentir igualmente entre judeus, protestantes e outros grupos religiosos, afetados da mesma forma e pelas mesmas forças "secularizantes" (Roof e McKinney, 1985; Nelson, 1983; Thornton, 1985; D'Antonio, 1985; Cherlin e Celebuski, 1983).

Em resumo, o efeito de "cola" - se é que se pode dizer assim - que os movimentos religiosos exerciam sobre a vida em família parece ter em muito se desvanecido. Assim, um dos freios mais importantes no caminho do divórcio e da desagregação familiar deixou de funcionar.

b) - Modernização e Urbanização - a "Fam-Ilha"

São nestes dois fatores que a maioria dos sociólogos contemporâneos vêm colocando as maiores cargas de responsabilidade pelo momento delicado que a família vive. Na urbanização crescente que levou e fez com que a maioria da população mundial passasse a viver nas colméias que caracterizam as grandes cidades, e na modernização - com a industrialização e suas implicações sócio-econômicas - é que estariam no entender dos estudiosos as principais causas da crise atual.

O conceito de modernização não se caracteriza exatamente por sua distintividade, clareza ou auto-evidência. Embora a arte atual já se proclame em muitos setores como pós-moderna, ainda estamos algo confusos na determinação do que seja - ou tenha sido - exatamente a modernização. Mesmo assim, correndo os riscos da simplificação exagerada que sempre acompanha as generalizações, pode-se afirmar que o conceito em questão relaciona-se (1) à industrialização, (2) à urbanização, (3) à mudanças sócio-econômicas significativas que podem ser traduzidas, por exemplo, no aumento da alfabetização, na maior exposição aos meios de comunicação de massa, maior participação política, e (4) a um conjunto de atitudes que, em nível individual, apontam um caminho para a secularização, ênfase na racionalidade, autonomia, independência, e uma crescente valorização do individual às expensas de grupos, que no passado, exerciam uma influência muito mais acentuada e determinante (como a família ou a igreja).

No âmbito das famílias, o binômio urbanização/modernização teve o impacto de algumas bombas atômicas (como se não bastasse apenas uma para um efeito devastador...). Hareven (1976), por exemplo, afirma que a família urbana/moderna apresenta características únicas, a saber, uma estrutura bem simplificada, primariamente nuclear, com a fertilidade e outros assuntos de igual importância sendo decididos pelos indivíduos (ou o casal) e não pela sociedade, uma separação cada vez mais distinta entre as famílias de orientação e de procriação, baixa integração entre os parentes e relações familiares tornando-se bem menos autoritárias, com o conseqüente declínio da autoridade paternal.

A nosso ver, as conseqüências, ou melhor dizendo, os resultados do processo de interação da família e a modernidade criaram o que chamaremos ao longo do presente trabalho de "FAMILHAS". A família tornou-se uma ilha, à medida em que foi encurtando, perdendo membros tanto pela diminuição do número de filhos e pela "expulsão" de agregados e serventes quanto pelas menores possibilidades de contato com o "resto" da família (seja como resultado de uma maior mobilidade social, seja por isolamento mesmo). Some-se a isso a gradual perda de funções que foi se efetivando e "ilhando" a família, agora no sentido de uma perda de contatos significativos com a comunidade na qual ela se insere. Essa perda de funções - que talvez tenha afetado mais significativamente as mulheres - torna-se evidente quando se verifica que a família era o "lugar" de trabalho, o reformatório, o asilo, a escola, o hospital, a fábrica de alimentos, remédios e vestuários, etc. Todas essas funções foram retiradas da

família e entregues a instâncias e agências sociais, com uma óbvia diminuição da interação e das trocas entre família e sociedade. Como dissemos acima, essas atividades, cabendo mais à mulher (ensino, socialização, e tudo o que foi dito acima, menos o trabalho), levaram-na a uma situação curiosa e sem paralelo na história da humanidade, qual seja, a de "rainha do lar" sem reinado palpável. Ainda, falando da mulher, a perda do suporte emocional que lhe era oferecido por outras mulheres da comunidade - unidas por laços de sangue ou não - tornou-se igualmente mais tênue e esparsa. Assim, a solidão e a perda de funções economicamente reconhecidas e valorizadas pela sociedade parecem ter afetado bem mais a "classe feminina como um todo" (na seção dedicada especificamente à emancipação feminina, examinaremos com mais vagar essas questões).

Esse isolamento teve outras consequências muito importantes aos olhos de Ariès (1978) e de Lasch (1976). Para o primeiro a organização familiar deslocou sua base, das atividades então ligadas ao dia-a-dia, à sobrevivência contra um meio físico hostil e à proteção ao grupo em direção a uma maior ênfase da função emocional, colocando o afetivo acima de todo o resto. E mais, com o isolamento progressivo, o afeto que antes era "distribuído" pela família mais extensa e pela comunidade "concentrou-se" em alguns poucos membros, que passaram a ter então uma importância capital. De nossa parte, acrescentaríamos que colocar toda a afetividade em uns poucos eleitos pode criar paradoxalmente uma dependência muito grande desses mesmos poucos eleitos. Numa família de quinze primos, se um viaja, há uma tris

teza relativa. Numa família de um ou dois primos, sua partida tem efeitos bem mais significativos. Com relação aos filhos, Ariès desenvolve o mesmo raciocínio. Hoje, aparentemente de uma forma igualmente sem paralelo na história da humanidade, as crianças têm uma enorme importância emocional. Embora não haja grande concordância entre os estudiosos acerca do porquê dessa valorização emocional, inegavelmente o fechamento da família foi um fator preponderante. Claro que a questão da diminuição dos índices de mortalidade infantil contribuiu bastante: devia ser mais difícil ligar-se afetivamente a um "objeto" que poderia não estar ali semana que vem. Essa atitude de relativa indiferença ainda pode ser observada no interior do país, no Nordeste, por exemplo, onde as características de grande número de partos, alta mortalidade infantil e uma "relativa" indiferença afetiva convivem. De qualquer modo, a obrigatoriedade e a primazia da afetividade entre seus membros é que teriam transformado a família, segundo Ariès, em uma "prisão do amor".

Com relação às idéias de Lasch, o título de uma de suas obras é bem revelador de sua tese: Haven in a Heartless World, The Family Besieged (Refúgio num mundo desalmado, a família sitiada). Desde o final do século XVIII, o casamento por amor, a idealização da criança, a emancipação feminina e o isolamento da família nuclear dos sistemas de parentesco e da sociedade em geral tiveram como consequência a criação em termos ideológicos de um conceito de família como uma espécie de abrigo, um refúgio afetivo em meio a uma sociedade agora - e cada vez mais - fria e competitiva. O trabalho mecanizado e fragmen-

tado dos tempos modernos transformou-se não mais em um meio de satisfação em si, mas apenas em um instrumento na consecução de satisfações e consolo fora desse mesmo trabalho. Essa alienação no trabalho, somada a uma cada vez menos inteligível economia de mercado - por ser excessivamente complexa mesmo para especialistas - e principalmente à perda de funções (notadamente as educativas e econômicas), impuseram praticamente à família moderna uma função predominantemente afetiva. Já outros sociólogos, antes de Lasch e Ariès, haviam captado essas tendências com muita clareza. Examine-se por exemplo, esse trecho escrito por E.R. Mowrer em 1932 (citado pelo próprio Lasch):

"Um dos traços mais pronunciados e marcantes da era moderna é o da repressão das emoções (...) O homem de negócios tem de ser frio, insensível e calculista. As relações de troca são objetivas e não-emocionais (...) O lar tornou-se o lugar da expressão emocional. Nos outros lugares, para o resto da vida, emoções não têm lugar". p. 30.

Se me permitem um exemplo pessoal, meu próprio pai, que nunca foi exatamente um sociólogo, e sim um imigrante que veio de uma pequena cidade do interior da Polônia para vir morar no Rio de Janeiro, passou a adotar a máxima que ouviu assim que começou a captar o idioma português: "Lá fora é a selva". O "Lá fora" referia-se aos limites estreitos e rígidos de um apartamento onde se concentrava nossa família.

Inúmeros outros sociólogos, como Wirth ("O nexu pecuniário que permeia a troca de serviços e coisas destronou as relações pessoais como base de associação") e Folsom ("a sociedade nos tem levado a um aumento generalizado da necessidade de

afetos intensos e mesmo de romances"), ambos na década de 30, foram precursores na indicação desse fenômeno.

O curioso, apontado já pelo próprio Folsom, é que essa necessidade não trouxe automaticamente para a família o mar de rosas esperado. Pelo contrário, o que se pode observar hoje pelas estatísticas relativas ao divórcio - é uma real dificuldade para a família urbana, moderna e isolada, a nossa família, atender a essas expectativas.

Um de nossos jornais de maior circulação costuma perguntar a entrevistados VIPS quem eles levariam para uma ilha deserta, ou quem deixariam lá. A primeira pergunta evidencia a intensidade do que seria um relacionamento intenso e paradisíaco em termos afetivos, e a segunda fala do isolamento (desejável) a que estaria condenado algum ser antipático, odioso e insuportável aos olhos do entrevistado. Mas ambas as perguntas servem para descrever o lugar da nossa família: paraíso afetivo e talvez ideal para lua-de-mel, mas talvez um ambiente muito complicado para relações mais duradouras. E um isolamento que prejudica sensivelmente as trocas com a sociedade, fazendo com que mesmo pessoas não-antipáticas, não-odiosas e não-insuportáveis sejam condenadas a um ostracismo involuntário.

Pode ser que uma das causas que contribuem para esse espírito de elegia do individualismo e do narcisismo que vem assolando a cultura contemporânea esteja vinculada a essa separação entre família e sociedade, num processo onde, mais uma vez,

causas e conseqüências se aliam, formando uma viciosa e indomável bola de neve.

Assim, a nosso ver, um dos principais efeitos da modernização/urbanização é o fechamento do grupo familiar ante à sociedade como um todo, com todos os males que normalmente se seguem a estancamentos deste tipo - perda de comunicação, deterioramento de funções, estagnação, "gangrena" ou, como já o estabelecera Sartre em "Huis Clos", uma verdadeira visão do inferno.

Curiosamente, em 1986, era lançado no Rio de Janeiro um filme do cineasta Arnaldo Jabor - "Eu sei que vou te amar" - onde um casal de classe média afluenta se debatia e se entregava a um desvario de paixões, brigas, confissões e catarses diversas. Aproximadamente 90% do filme se passava dentro de um apartamento fechado, o que para nós serve - independentemente das qualidades ou não do filme em questão - como uma alegoria deste processo que estamos procurando descrever e que caracteriza os sistemas fechados ou de pouca circulação com o meio externo.

A propósito, não têm sido poucos os estudos que alertam para a correlação existente entre baixos níveis de integração social e altos índices de divórcio. Quando a intensidade dos laços entre as pessoas de uma das comunidade em um dado tempo é mais tênue ou há poucos valores compartilhados que sirvam de fatores de união, percebe-se também uma maior propensão ao divórcio (Glenn e Shelton, 1985; Glenn e Supancic, 1984; Breault e Kposow, 1987). E esse baixo nível de integração social, por

sua vez, está firmemente atrelado à urbanização em primeiro lugar e à diminuição da religiosidade e à alta mobilidade populacional em segundo lugar. Fatores econômicos, ligados ao desemprego e à pobreza, têm evidentemente um papel influente significativo neste processo, embora não de tanto peso quanto a urbanização.

Até para ilustrar a dificuldade do estudo e análise de fenômenos sociais onde as mais diversas forças estão permanentemente em ação, alguns urbanistas têm apontado a construção de grandes condomínios com amplas e verdadeiras áreas de lazer - principalmente na Barra da Tijuca - destinados às classes média-alta e alta, como tentativas de uma vida melhor, em primeiro lugar no que tange à segurança, problema crônico de todas as grandes cidades, e em segundo, à possibilidade do resgate de uma vida comunal, com a criação de pontes e meios de circulação entre essa família confinada e a comunidade na qual ela se insere. É claro que ainda é muito cedo para se saber se as soluções servirão ao fim a que se propõem, mas a própria tentativa de buscá-las serve para validar a crescente percepção de que organismos fechados - como a nossa "fam-ilha" - estão a priori condenados a uma vida particularmente difícil.

## c) - Amor

Como disse Thornton Wilder, "Em sua maioria as pessoas descem à sepultura casadas" ("Nossa Cidade", 1938). Igualmente - e desculpem se a comparação soa descabida - a maioria das pessoas sobre ao altar por amor. Em nossa cultura - urbana, moderna, pós-industrial - o amor permanece quase que como a única razão para se casar.

Curiosamente, embora a possibilidade de se apaixonar tenha sido uma constante na história da humanidade, a conexão amor e casamento, ao ponto em que a valorizamos, é bastante recente. Sem querer aprofundarmo-nos na questão (confira-se a esse respeito: Safilios - Rothschild, 1977; Socci, 1983; Brehm, 1985; Skolnick, 1987, entre outros), o que queremos precisar aqui é que vivemos uma época sem precedentes na história da humanidade, pois até aproximadamente os séculos XVII e XVIII na Europa, amor e casamento não eram necessariamente vistos como "feitos um para o outro". Embora encontre-se na Bíblia - bem como na literatura grega - belos exemplos de casamentos por amor, essa conexão permaneceu afastada dos ideais de vida da humanidade. Segundo Levi-Strauss, o casamento entre as sociedades pré-letradas, por exemplo, sempre obedeceu a ditames econômicos.

Segundo Safilios-Rothschild (1977), "a idéia de que o amor poderia fazer parte do casamento surgiu com o nascimento de uma classe média em muitos países europeus ainda no século XIV", contrariando as tendências predominantes no Ocidente -

dente desde os tempos do auge da cultura grega - onde o amor era exaltado fora do casamento<sup>(1)</sup> e muitas vezes em termos referidos a uma ligação homossexual -, passando pelas tradições romanas, onde a paixão era vista ora como um tormento, ora como um jogo, mas naturalmente fora do casamento. (Observe-se que o Império Romano instituiu o divórcio, embora, nem de longe relacionado ao amor ou à falta dele).

Na Idade Média, a situação não se modificou substancialmente, exceção feita ao florescimento do chamado "amor cortês", a elegia de um sentimento mágico, especial, e para muitos autores a origem do que hoje denominamos de amor romântico. Uma característica marcante deste amor cortês - além dos ideais de beleza, arrebatamento, mistério, alternâncias de dor e extrema felicidade, e a maior razão de se viver - era o fato de não estar devotado ao cônjuge. Como os casamentos ainda eram arranjados, levando-se em consideração interesses familiares de base sócio-econômica, era natural que esses arrebatadores sentimentos - curiosa mistura de devoção religiosa e paixão luxuriosa - ocorressem fora das uniões legítimas.

Mesmo nos dias de hoje, nas culturas não ocidentais, ou fora dos centros urbanos, razões como segurança financeira, alianças familiares, fuga à solidão e desejo de ter filhos ainda aparecem, entre outros, como motivos bem mais relevantes para se casar.<sup>(2)</sup>

(1) Até hoje, na Grécia, há um dito popular segundo o qual o casamento destrói o amor.

(2) Berscheid (1986), através de interessante análise comparati-

Uma questão que pode ser levantada, mas que foge ao escopo do presente trabalho, é a que se refere à natureza deste sentimento de amor, paixão, ou amor romântico, ou mais precisamente acerca da evolução da "ideologia do amor" ao longo dos séculos em nossa cultura. Como o acesso à vida privada de nossos antepassados é feito através de mera especulação, é tarefa bastante difícil tecer analogias entre o amor tal como ele é vivenciado nos dias de hoje e como o era em tempos anteriores, ou mesmo até em períodos mais recentes. P. Ariès (1982), escrevendo sobre o amor na Idade Média refletia como "é difícil para o historiador interpretar o silêncio que reina sobre vastos domínios da vida: ora ele significa a indiferença ou a ignorância, ora o pudor e o segredo. Existiam coisas que não se diziam: o amor conjugal era uma delas." (grifo do autor). De qualquer forma, a noção que aparentemente predominava, de que o sentimento nascia e se desenvolvia após o casamento ao longo de uma vida em comum, passa quilômetros ao largo da concepção moderna. Pelo contrário, a visão "hollywoodiana" que agora reina soberana e que pode ser detectada facilmente na literatura, música, cinema, teatro, jornais, novelas e até em comerciais de TV é a de que o amor deve preceder o casamento, e que por ser um sentimento mágico transcende barreiras sociais caracterizando-se por uma forte ligação emocional, sexualizada, revestida

---

(2) Cont.

va de noivados no século XIX na Alemanha, chegou à conclusão de que apesar de toda elegia ideológica já reinante acerca do sentimento romântico, o que predominava mesmo na maioria das vezes era a solidez material do(a) parceiro(a) como critério de escolha. Cite-se ainda Kumagai (1986), que afirma que no Japão até a II Guerra Mundial, 70% dos casamentos eram arranjados pelos pais (omiaí).

de ternura e por uma potentíssima - ao menos no início da relação - idealização do outro. É digna de nota também uma valorização do "objeto amado" em detrimento do processo de amar. O que os adolescentes aprendem através de maciça doutrinação é que um dia encontrarão um príncipe encantado (ou princesa encantadora), com todas as qualidades possíveis e imagináveis, que lhes trará felicidade ímpar para o resto de suas vidas. Enquanto que na antiguidade era preciso beijar o sapo para transformá-lo em príncipe, nossa geração quer o príncipe já "pret-a-porter".

Essas considerações têm como objetivo apontar para uma das grandes contradições que vem contribuindo para a dita crise do casamento. Se em tempos primevos o amor não era importante no casamento, ou mesmo era visto como uma arte ou um processo a ser desenvolvido, os casamentos não acabavam se o amor terminava, no primeiro caso, e nem no segundo, porque aí, ou ele se desenvolvia, ou era também relegado a um segundo plano. Assim, em termos históricos, quando os jovens começaram a se ver livres para escolher seus próprios pares o amor começou a se impor como critério ou bússola para nortear as preferências conjugais. No Brasil - cuja colonização portuguesa transportou para cá os modelos europeus de cortejamento e de casamento - há também um provérbio que não se sabe bem se data do período colonial ou do império, que reza "que casamento é loteria". Provérbio esse bastante compreensível para o cônjuge que mal conhecia seu par antes do casamento, se é que o conhecia: pura sorte, da qual dizem não escapou nem o imperador D. Pedro que escolheu sua noiva através de um quadro, cujo pintor toma-

ra a liberdade - para azar do imperador - de pintá-la, a princesa - em cores bem mais benevolentes do que a natureza tinha feito.

Mas como esse movimento, a princípio até libertário, poderia contribuir para a crise do casamento? O que a maioria dos autores aponta nesse caso, é que o fato de se procurar sedimentar uma relação com todas as implicações que possui o casamento em basicamente apenas um sentimento fundamentalmente efêmero, intenso, curto, abrasador e "idealizador", é no mínimo uma opção muito arriscada.<sup>(1)</sup> Já em 1936, Ralph Linton (The study of Man, An Introduction, citado em Brehm, 1985) alertava que

"... todas as sociedades reconhecem a existência de violentos laços emocionais ocasionais que acometem pessoas do sexo oposto, mas nossa cultura é praticamente a única que tenta capitalizar esses sentimentos e transformá-los na base do casamento (...). A raridade dessa opção na maioria das sociedades sugere uma anormalidade psicológica, à qual a nossa cultura passou a atribuir extraordinário valor, da mesma forma que outras culturas atribuíram extremo valor a outras anormalidades".

Assim, a própria sociedade passa a criar nos indivíduos uma expectativa impossível de ser alcançada. Ao tornar

---

(1) Uma série de pesquisas acerca da duração da fase de paixão reportadas por Walster e Walster (1978), apontam - melancolicamente - para um período máximo de 30 meses, após o qual, surge o "companionate love", com "sintomatologia" bem mais moderada, quando comparado ao "passionate love". Entre nós, a melhor definição parece ser aquela extraída de um verso do poeta Vinicius de Moraes: "que não seja imortal, posto que é chama, mas que seja eterno enquanto dure".

sinônimos amor e casamento, este ainda indissolúvel e monogâmico, a cultura, ela própria, cria uma armadilha inescapável aos jovens nubentes gerando uma expectativa que não se poderá cumprir, com todas as frustrações e conseqüências funestas que advêm de esperanças alimentadas e em seguida abortadas.

Quando o amor acaba ou se transforma, os casais se sentem traídos, tendendo a culpar seus pares - ou a si mesmos "pelo fracasso" e não à cultura que lhes empurrou um modelo não muito compatível com a própria realidade. ( ) Adiante, quando da análise do grupo de solteiros, veremos como está de fato entranhada entre nós essa concepção de "que só o amor constrói", esquecendo-se os sujeitos de que sem a "devida manutenção", pontes, edifícios e prédios podem virar ruínas em um espaço de tempo surpreendentemente curto. É nesse sentido que o amor pode ter se tornado entre nós ao mesmo tempo fator de união e de sagregação do casamento contemporâneo.

Uma espécie de armadilha, bem sintetizada na irônica observação do escritor Tohann Nestroy em 1845: "The nice thing about love is that one can stop loving when one no longer enjoys it! But marriage! The awareness that one is married forever, that is enough to do one in."

---

(1) Como os poetas são inegavelmente bem mais felizes do que os teóricos em captar flagrantes do espírito do tempo em que vimos - e por tratar-se de um capítulo dedicado ao amor - tomamos a liberdade de reproduzir os versos de Caetano Veloso em "Querereres" que tratam do amor: ... "eu queria querer-te e amar o amor, construir-nos dulcíssima prisão, encontrar a mais justa adequação, tudo métrica e rima e nunca dor, mas a vida é real e de viés, e vê só que cilada o amor armou, eu te quero e não queres como sou, não te quero e não queres como és. Ah, bruta flor do querer, ah, bruta flor, bruta flor.

d) - Expectativas de vida e expectativas na vida.

Como já apontamos na página 6, os casamentos na antiguidade não eram longos, até mesmo porque as taxas de mortalidade eram bem altas. Segundo Uhlenberg (1980), por exemplo - e para não se ir mais longe - por volta de 1900, mais da metade das crianças que sobreviviam e chegavam aos quinze anos já não possuíam um dos pais vivos. Sujeitos que se casam por volta dos vinte anos podem antever hoje - ou poderiam, não fosse a crise - quase cinquenta anos de uma união monogâmica e indissolúvel, sendo boa parte desse período já sem crianças pequenas necessitando de atenção e/ou cuidados. (Lembre-se que com poucas ou nenhuma criança, o "foco" tende a concentrar-se no relacionamento do casal em si, em detrimento de relações dentro da família).

Essa precariedade da vida ou a presença constante da morte que fazia da jovem viúva (ou do jovem viúvo) uma figura típica da paisagem social de outrora desapareceu, segundo Skolnick (1987), levada que foi pelos antibióticos e pelo progresso da medicina como um todo.

Como vimos anteriormente também, o próprio apego às crianças pode estar tendo uma importância ímpar nos dias de hoje, em função dessa mesma causa. Hoje, nos grandes centros urbanos, a morte de uma criança passou a ser um evento pouco comum, se contrastado com outros períodos. Em consequência disso fez-se possível um "natural" planejamento familiar, uma vez que não há mais a necessidade de se ter vários filhos na esperança de "compensações" ou como proteção contra possíveis perdas.

No Rio de Janeiro, por exemplo, segundo o IX Recenseamento Geral do Brasil (1980) mais de 800 mil pessoas já haviam passado dos 60 anos. (Percentualmente, apenas 7%, pelo grande número de crianças até 10 anos: 21%).<sup>(1)</sup> Se compararmos esses dados com os que pressupõem uma vida em torno dos trinta anos para nossos antepassados primevos e menos de quarenta para o cidadão romano (Lederer, 1968), podemos antever modificações respeitáveis no que diz respeito às expectativas das pessoas com relação à vida de um modo geral, ou para com o casamento, de modo mais específico.

Desse modo, por mais irônico que possa parecer, me nos mortes complicaram mais a vida pelo menos no que diz respeito à vida familiar. Como observou Davis (1972, citada em Skolnick, 1983) "à medida que a probabilidade de se escapar de um mau casamento pela morte do indesejável parceiro aproxima-se de zero, o desejo por um possível divórcio deve naturalmente aumentar".

O fator longevidade não é nem de longe avaliado pelas pessoas - como pudemos observar em nossas amostras - como tendo alguma responsabilidade na "crise do casamento". De um modo geral é impossível ao sujeito colocar-se na pele de um antepassado seu há cem, mil ou mais anos atrás e ver o mundo por uma ótica que não a sua. A cultura nos arma de óculos especiais - ou como querem os mais críticos, de antolhos - que nos

---

(1) À guisa de curiosidade, no Japão a proporção de idosos com 65 anos ou mais passou de quase 5% em 1947 a 10% em 1983. E a expectativa de vida passou de 44 em 1970, para 77 anos em 1983 (in Kumagai, 1986).

fazem ver a realidade filtrada pelo momento em que vivemos. Isto inclusive torna as discussões sobre a felicidade no casamento em termos históricos algo estéreis e inconclusivas. Não dispomos de um "felicítômetro" para avaliar o grau de satisfação de nossos bisavós e compararmos com a nossa. As expectativas de um sujeito, atreladas que são ao momento cultural, tornam bastante relativas as avaliações individuais nesse sentido. Assim, por exemplo, com a atual liberação sexual (próximo item), nossas bisavós - para quem, segundo a literatura, o orgasmo era um prato raro de se obter - parecem-nos extremamente infelizes quando se observa a liberada e emancipada mulher urbana de hoje. Mesmo assim, é difícil saber o grau de importância que isso realmente tinha para a nossa querida bisavó. O controle da contracepção e a possibilidade de auto-independência foram fatores que concorreram para uma liberação sexual, o que por sua vez levou os maridos de hoje a uma inegável maior preocupação com o gozo de suas parceiras, do que seus colegas de antigamente.

Se é verdade que a felicidade está intimamente relacionada às expectativas, a questão da satisfação conjugal vai evidentemente depender do que marido e mulher de quaisquer épocas esperam dessa relação. Quando essa era vista como acima de tudo uma manifestação de solidariedade, companhia, procriação e de deveres diversos, ser feliz passava necessariamente por outros caminhos bem distintos dos de hoje em dia onde amor, sexo e igualdade tornaram-se os objetivos mais importantes.

Da mesma forma, a noção de sacrifício, isto é, de se colocar necessidades individuais hierarquicamente bem abaixo das necessidades da família, o que era visto como uma decorrência normal da vida de casados (o que pode ser depreendido inclusive da análise de nosso grupo de idosos), hoje em dia virou "sacrifício" mesmo: renúncia, abnegação e um passaporte seguro para a infelicidade.

Digressões à parte, nossos sujeitos não se sentem mais felizes por viverem mais que seus antepassados, simplesmente por não fazer parte do seu universo de referências a noção - de outras épocas - da efemeridade da vida. Mas, conscientes ou não, a realidade é que a longevidade é uma variável de peso no processo que estamos estudando.

e) - Sexo (e a questão da frustração/privação)

Uma das questões que mais afligem e torturam os sociólogos contemporâneos é a que se refere às causas da libera-  
ção sexual no século XX. A diminuição da religiosidade, o adven-  
to de anticoncepcionais efetivos e simples (e uma conseqüente  
maior separação entre sexualidade e maternidade), o movimento  
de emancipação da mulher, os avanços tecnológicos (curiosamente  
incluindo o telefone e o automóvel) e o surgimento da psicanáli-  
se são as principais causas apontadas - per se ou interrelacio-  
nadas - para a chamada revolução sexual que acabou por luzir nos  
anos 60, embora de modo algum possa se dizer que haja consenso  
entre os estudiosos acerca da primazia ou do grau de importân-  
cia de alguns dos motivos supracitados.

O que os autores concordam é na constatação de que  
existe uma tradição ocidental que remonta aos primórdios do cris-  
tianismo e que faz do sexo - mesmo o legitimado socialmente pe-  
lo casamento - algo de impuro, imoral, pecaminoso, ou no melhor  
dos casos, "tolerável". Esse conjunto de atitudes no entanto vem  
mudando de modo significativo em direção a um liberalismo, libe-  
ralismo esse que pode ser traduzido pelo aumento de sexo pré-ma-  
rital, uma vida sexual mais livre (principalmente para as mulhe-  
res), aumento dos estudos sobre a própria sexualidade, comunica-  
ção mais espontânea e franca entre os casais sobre sexo (que por sua  
vez deve levar a uma melhoria da qualidade das relações) e a um  
aumento das expectativas pela elevação dos patamares pretendi-  
dos do que seria uma relação satisfatória. Alguns pesquisadores

lembram, muito apropriadamente, que

"a história de sexualidade ocidental é muito mais a história de ciclos antagônicos do que a de um desenvolvimento linear. Períodos de liberação se seguem a períodos de repressão, num típico movimento pendular": (Skolnick , 1987, p.204)

Assim, o movimento de liberação que estamos vivendo hoje pode muito bem dar lugar a uma nova versão vitoriana ou mesmo cristã da Idade Média acerca da sexualidade. A questão da herpes no final dos anos setenta, e agora, a Aids, - de forma mais grave por ser ainda incurável - podem se transformar bem rapidamente em balizadores de um tempo mais conservador, mais "puritano".

Afinal, a questão da "normalidade" da vida sexual encontra-se em grande parte atrelada ao que a cultura em um dado momento chama de certo ou errado. Enquanto na Idade Média os teólogos percebiam a paixão entre os cônjuges como imoral ou sa lutar apenas quando visava à concepção, hoje em dia, amor e sexo são aspectos centrais do casamento constituindo-se mesmo em motivo aceitável de divórcio uma incompatibilidade irremovível nessa área. O bissexualismo grego e romano, a submissão total por parte das mulheres na maior parte de nossa história, a poligamia islâmica, as centenas de milhares de mulheres africanas sem clitóris (milhões, para alguns pesquisadores), a disfarçada poligamia da colonização portuguesa, tudo isso nos parece, segundo os padrões que aprendemos hoje como moralmente corretos , como destituído de sentido e até mesmo de difícil aceitação, como se nunca pudesse ter havido "anomalias" dessa natureza.

Mas como não é nossa intenção traçar aqui uma história da sexualidade - assunto aliás tão ou mais complicado do que o próprio casamento - vamos nos limitar ao que já foi dito acima e tentar analisar as possíveis influências desse dito movimento de liberação no casamento.

Talvez, por mais irônico que possa parecer, seja a combinação de uma sexualidade mais livre, mais tempo de vida e a emancipação da mulher que tenha colocado contra a parede o modelo tradicional de união monogâmica e inseparável até a morte de um dos cônjuges.

Começando pelo princípio - sexo mais livre - dos relatórios Kinsey à pesquisa de Hunt nos anos 70, o sexo veio se tornando mais igualitário, com os maridos mais preocupados com a satisfação de suas esposas, com as mulheres mais participantes, com ambos os parceiros mais livres em termos de carícias preliminares ou de posições durante o coito, com uma consciência mais clara da busca de prazer como algo aceitável e desejável e de um aumento por parte das mulheres no acesso ao orgasmo. Segundo Hunt (1970, in Skolnick 1983) as relações sexuais com orgasmo para as mulheres teriam passado de uma em cada dez nos idos do século XIX, para 5 ou 6 nos anos 70.

Essas mudanças, como se pode perceber, afetaram bem mais dramaticamente a mulher do que ao homem. Quando se fala, por exemplo, do significativo aumento de relações sexuais antes do casamento, o que se tem em mente é o contingente feminino, onde houve uma verdadeira inversão de atitudes e de comportamentos em

menos de trinta anos. A virgindade antes do casamento passou de meritória e modal a suspicaz e minoritária (em nossa amostra de jovens solteiras 36% declararam-se virgens, das quais metade não pretende casar-se sem ter experiências).<sup>(1)</sup> Se por um lado o aumento vertiginoso do número de adolescentes grávidas, principalmente nos EUA, é um subproduto bem indesejável desse novo estado de coisas - quase um milhão de adolescentes engravidam anualmente naquele país, num processo merecedor de muita atenção pelas evidentes consequências psicossociais envolvidas - por outro lado, essas experiências parecem desempenhar um papel importante no que toca à satisfação sexual posterior, numa relação positiva entre maior experiência e satisfação. (pesquisas realizadas por Terman, Burgess, Wallin, Kinsey, citadas por Hunt, 1970).

A emancipação feminina, por sua vez, tem levado a uma demanda de maior igualdade entre homens e mulheres quanto à livre expressão sexual e à diminuição gradativa da chamada "dupla moral". E aqui a mulher se encontra em um momento particularmente difícil. Não quer mais ser a subserviente passiva e assexuada, mas também não é ainda a mulher livre idealmente cantada em verso e prosa nos filmes, propagandas, letras de música ou na imagem popularizada que os grandes jornais fazem de pequenos

---

(1) Mais uma vez cabe lembrar que o desenvolvimento histórico, pelo menos no que diz respeito à sexualidade, não é linear. No século XVIII, nos Estados Unidos (Massachusetts), no fim do período Puritano, há registro de quase 1/3 de noivas subindo ao altar não-virgens.

segmentos da zona sul do Rio de Janeiro. O que se pode observar, e aqui incluo os dados da presente pesquisa, é um meio de caminho até bastante frustrante, e, como o dissemos acima, fator precipitador da crise.

Para esclarecer mais adequadamente essa posição vamos remontar a Aronson (1984) que aponta as diferenças entre frustração e privação e as implicações psicológicas importantes envolvidas nessa distinção, que são a nosso ver fundamentais também em nosso campo de estudos. Na privação, o sujeito não possui algo (um objeto, emprego, situação, etc.) mas também tem poucas ou nenhuma expectativa de vir a tê-lo. Tomando-se um exemplo pessoal, à guisa de ilustração, no meu caso, como pesquisador e professor universitário e vivendo no país em que vivo, não penso seriamente em comprar um carro Mercedes-Benz, passar as férias de inverno nos Alpes Suíços ou desposar a miss Brasil. No entanto, vou me sentir bastante frustrado se não dispuser ao menos de um carro usado, não puder tirar férias anuais e não me casar com uma mulher dentro de certos padrões (pode ser a segunda colocada no supracitado concurso...). A felicidade no caso dependerá dos objetivos propostos. Mas além disso, os estudos sobre frustração têm demonstrado - e isso nos interessa de perto - que quanto mais perto se está de um alvo aparentemente atingível e, que se por uma razão qualquer isso não se dá, os sentimentos de perda, insatisfação, dor ou raiva serão significativamente maiores. Em um exemplo citado por Aronson, sujeitos com fome eram impedidos de conseguir seus pedidos em uma lanchonete em vários momentos: ao sair de casa, próximos da lanchone-

te, na porta, e na fila de espera no início, no meio e na boca da caixa. As respostas dos sujeitos eram tão mais agressivas e irritadiças quanto mais perto do alvo eles estavam. A frustração aumenta à medida em que a interrupção ocorre mais próxima do alvo.

O que acreditamos estar acontecendo, voltando à sexualidade e à próxima emancipação feminina, é um movimento análogo ao citado por Aronson. Quando as mulheres estavam desesperançadas e quase que apáticas com relação aos seus direitos ou possibilidades no casamento, seu grau de insatisfação era, ironicamente, menor - ou senão, pelo menos, imobilizante. Segundo a maioria das pesquisas atuais sobre a iniciativa dos divórcios, percebe-se inequivocamente o papel da mulher como a parte que propõe a separação, mesmo com o conseqüente empobrecimento. Da mesma forma, estudos sobre revoluções e conflitos raciais apontam para o fato de que sujeitos sem esperança, ou na mais extrema pobreza, têm uma dificuldade muito maior de se "rebelarem" do que sujeitos em melhores condições sociais e econômicas, sujeitos esses que puderam sair da situação de penúria em que estavam, olhar "criticamente" suas posses e/ou possibilidades ao comparar com o que a sociedade local está então a lhes oferecer.

Em nosso caso, as amostras indicam - ainda que não significativamente - uma maior insatisfação por parte das mulheres com relação ao casamento (solteiras, separadas, casadas e casadas idosas: a tendência se dá nos quatro grupos) como ele é, ou pelo menos, como ele está.

Essa insatisfação - que deve estar fundamentada em iniquidades percebidas pelas mulheres, sobrecarregadas entre outros problemas por dupla jornada de trabalho, por estarem casadas com maridos que detêm uma visão mais tradicional do papel que lhes cabe em casa, por dificuldades no ingresso e na ascensão no mercado de trabalho, etc.<sup>(1)</sup> - pode estar sendo agravada pelo fenômeno de "frustração-aumentada-pela-visão-da -luz-no fim-do-túnel."<sup>(2)</sup>

Mas, além deste aspecto psicológico ligado à frustração, apontado por nós, pesquisadores levantam uma outra questão, até mais delicada, e que diz respeito à sexualidade e à monogamia. O aumento da longevidade pode ter chamado a atenção para a extrema dificuldade no contrato de exclusividade sexual que os nubentes se prometem diante do altar. A bem da verdade, como já salientava Ariès (1982) "o casamento no qual o homem pode repudiar a mulher e se casar novamente é sem dúvida o modelo mais difundido, o mais comum em toda parte, exceto no Ocidente" (grifo nosso). Deste modo, as outras culturas, no espaço e no tempo, resolveram/resolvem a questão da monotonia e o desejo de variedade sexual simplesmente mudando de parceiro.

---

(1) Veremos no próximo capítulo, dedicado à emancipação feminina, outros pontos conflituos ligados a esse movimento.

(2) Cite-se a propósito, A. de Tocqueville: "Evils which are patiently endured when they seem inevitable, become intolerable once the idea of escape from them is suggested".

E os casais de nossa cultura, como resolvem sua situação? Como já apontamos na página 7, as soluções encontradas, se é que podem ser assim denominadas, passam pelo adultério.<sup>(1)</sup> Como ainda vigora em nossa cultura o padrão de dupla moral (que concede ao homem muita liberdade e à mulher muita falta de liberdade) o homem goza de uma independência e uma autonomia muito grande, contando para isso com a colaboração de mulheres solteiras, separadas, algumas casadas adúlteras, ou mesmo as ditas "profissionais do ramo".

Dentro do que é possível confiar em questionários respondidos anonimamente (sempre com um desconto para "menos"), os dados de nossas amostras mostram um índice geral de infidelidade (com pelo menos um affair) de 58% para separados (homens 80% e mulheres 36%), de 38% para o grupo dos casados (homens 58% e mulheres 18%), e de 33% para o grupo de casados idosos (sendo homens, 50% e mulheres 16%). Macedo Araújo (1985) encontrou também aqui no Rio de Janeiro porcentagens ainda maiores: de 87% para os homens e de 38% para as mulheres independentemente da

---

(1) Estamos conscientes que a relação adultério/crise de casamento não é unívoca. As REM (relações extramaritais) podem ser causa ou consequência de problemas maritais, ou simplesmente não haver nenhuma relação entre um e outro. Mas, na maioria dos casos acredita-se que as REM derivam da necessidade de variação sexual, busca de novas satisfações emocionais, reatualização, ou são reflexo de um mau casamento. Outros estudiosos apontam ainda para o papel desempenhado por fatores tais como: envelhecimento, falta de maturidade, alcoolismo, surgimento de oportunidades, etc. Confira-se a esse respeito o recente trabalho de Spanier e Margolis (1983).

condição civil. Como já o indicamos na introdução, Chew (1972) encontrou respectivamente os números de 60 e 40%. Podemos citar ainda Hunt (1974), com 41 e 18%, o clássico estudo de Kinsey , com 50 e 26%, e o trabalho de Thompson (1983), "Extramarital Sex: A Review of the Research Literature", que menciona mais outros 10 estudos, com percentis encontrados que variam, para homens , de 20 a 66%, e para mulheres, de 10 a 69%. Ele mesmo, em 1984 , encontrou em pesquisa realizada na Austrália, 42% e 45% - uma "vitória" apertada das mulheres. Para encerrar essa sucessão de dados, o "Jornal do Brasil", na sua edição de 22 de fevereiro de 1988, reporta resultados da Associação Italiana para Estudos Demográficos que, em pesquisa recente com 20 mil pessoas, encontrou o impressionante índice de 66% de infidelidade para mulheres casadas. Estudiosos da formação étnica brasileira revelam que a prática de sexo não marital na época colonial principalmente - acho que poderia se dizer exclusivamente - entre portugueses e seus descendentes e escravas, índias e negras era considerada "normalíssima"...

O que todos esses números significam? De certo modo a infidelidade masculina não constitui nenhuma novidade em termos históricos e os etólogos chegam a reivindicar o que chamam de efeito Coolidge, como uma propriedade dos machos mamíferos e primatas. Esse efeito diz respeito à capacidade de renovação de avanços sexuais por parte do macho sempre que uma nova fêmea é/está à disposição. (1)

---

(1) Segundo a lenda, esse efeito foi assim batizado em honra ao presidente americano Coolidge. Estariam ele e a primeira da  
(cont.)

Se este comportamento é cultural ou se tem bases biológicas é uma discussão que não cabe aqui. O que nos interessa é demonstrar que a emancipação feminina aliada à liberação está fazendo com que as relações extramaritais deixem de ser uma prerrogativa eminentemente masculina, sacudindo os valores reinantes e precipitando a busca de soluções para problemas até então relativamente ignorados, dada a submissão feminina e o domínio masculino (aliados ao comodismo e a uma certa dose de hipocrisia...) A esse respeito, Hunt (1974) faz uma analogia entre as atitudes do cidadão médio para com a infidelidade e o imposto de renda:

"muitos trapaceiam - alguns pouco, outros muito; a maioria dos que não o fazem, não o fazem por medo, embora gostassem de fazê-lo : nem os sonegadores de fato nem os que só fantasiam admitem isso a não ser para alguns poucos confidentes; e praticamente todos ensinam seus filhos a não fazerem isso, mesmo não acreditando em si mesmos e nem que seus filhos tampouco acreditem..."

Ironias à parte, os números que apresentamos, agora avolumados por um significativo contingente feminino, deve primeiramente ser encarados como um reflexo de que algo vai muito mal no reino do casamento, e em segundo lugar como provável

---

(1) (cont.)

ma (a senhora Coolidge) passando o fim-de-semana em uma fazenda. À tarde, em meio a um passeio solitário, a Sra. Coolidge deteve-se no galinheiro e impressionada pelas atividades do galo, perguntou ao caseiro quantas vezes o galo copulava por dia. "Dúzias de vezes", foi a resposta. "Por favor, diga isso ao presidente quando ele passar por aqui", falou a primeira dama. Quando o presidente mais tarde fazia seu passeio igualmente solitário foi abordado pelo envergonhado caseiro. Calmamente o presidente retorquiu: "Com a mesma galinha?" "Ah, não, sr. presidente, cada vez com uma diferente". "Pois é, diga isto à minha senhora quando ela tornar a passar". E saiu para prosseguir em seu passeio (para desespero das feministas - nota do autor).

fator desencadeante de grandes mudanças nas atitudes, comportamentos e mesmo na legislação para com o casamento monogâmico e indissolúvel, o mesmo casamento que "herdamos" como um seguro navio que singraria num mar de felicidades e que percebemos estar fazendo água por todos os lados.

Apenas, antes de passar adiante, gostaríamos de abordar ainda que resumidamente outros pontos relevantes à questão da sexualidade.

O primeiro deles diz respeito a um outro fator mediador das diferenças no número de relações extramaritais entre homens e mulheres. A maioria dos estudos existentes dá apoio à noção popularmente difundida de que os homens - comparativamente - procuram a relação sexual mais pela relação em si enquanto que as mulheres a procuram dentro de um contexto mais afetivo, como um meio de desenvolver uma relação de modo, digamos, mais holística, e que engloba a esfera sexual. A constatável crescente diminuição do número de REMs (relações extramaritais) entre homens e mulheres é produto a nosso ver da emancipação feminina e do clima de liberação sexual de nossos dias, que faz com que as mulheres - mesmo mantendo como meta o vínculo sexo/amor - acabem se envolvendo com mais facilidade em relações de curta duração.

A segunda observação é a de sublinhar a já sobejamente constatada dificuldade de se traçar normas e padrões gerais de conduta quando se fala de sexualidade. O que se observa nesse campo é uma grande variedade, mesmo quando se tem em men-

te regras de conduta e de atitudes tidas como ideais em certo tempo/momento cultural. Como exemplo podemos citar a própria atividade sexual dentro do casamento, a única forma amplamente aceita e socialmente legitimada de sexo, e que, segundo pesquisa levada a cabo por Greenblat (1983) ocorre em recém-casados até um ano, de uma vez por mês a todos os dias (média, 14,1, dp 8.6), com uma surpreendente variação para uma amostra relativamente homogênea. Estudo similar realizado por Jasso em 1970 e 1975 e reportado em 1985 encontrou respectivamente as médias e desvios padrões de 8,9 e 7,1 e de 8,2 e 5,7, também com respeitável dose de variação. Em matéria de sexo é preciso se estar consciente para o fato de que se os números não mentem, pelo menos, contam histórias fantásticas...

Dentro dessa mesma linha de atenção às diferenças destaca-se a importante questão das classes sociais. Quando escolhemos a classe média em nossa pesquisa, o fizemos conscientes de que classes alta, média e pobre detêm visões bem distintas em termos de atitudes e comportamentos acerca de sexo, mesmo nos dias de hoje, quando a classe média urbana tende, através de um expressivo controle da maioria da mídia e das artes, a exportar o seu código de valores sobre este e outros assuntos. Voltaremos ao tema quando da discussão sobre a amostra.

Finalizamos este longo capítulo reiterando o que nos parece um ponto crucial, qual seja o da contradição entre a concepção que herdamos de um casamento monogâmico indissolúvel e uma atordoante liberação sexual, que faz da prometida monoga-

mia um compromisso difícil de ser efetivado para a maioria das pessoas, com todas as dolorosas conseqüências que têm as promesas rompidas/não-cumpridas.

f) - A emancipação feminina: Velhos e novos papéis em conflito

Semestre passado, na universidade onde leciono psicologia social, eu tinha acabado de comentar um texto sobre emancipação feminina e perguntei, como de praxe, se alguém tinha alguma dúvida, pergunta ou comentário a fazer. Era um estudo de Harris (1984) intitulado "Por que as mulheres saíram de casa?". Um aluno, possivelmente um "agent provocateur", levantou o braço e disse que tinha entendido bem porque as mulheres tinham saído de casa. Ele só queria saber a que horas elas iam voltar...

Os alunos homens da sala riram muito, e as moças por sua vez, vaiaram muito. Na verdade, nem elas - as mulheres - saíram totalmente de casa e nem marcaram hora para voltar para casa, se é que o farão.

Historicamente, segundo Margaret Mead (in Savells e Cross, 1978), de um modo geral às mulheres coube primordialmente o exercício de tarefas nas casas ou próximas a elas, em função das demandas criadas pela gravidez (constantes) e a alimentação e cuidados dos bebês. Somou-se a isso, por decorrência, a educação das crianças e a atenção aos idosos e doentes, e num plano menos concreto, a conservação de valores afetivos, familiares e tudo mais ligado ao relacionamento privado, incluindo, é claro, sua transmissão geracional. Em contrapartida, os homens, dada sua maior força física - que até bem pouco tempo era importante como delimitador de funções - empenhavam-se em tarefas que pediam movimentação mais livre, até por grandes distân-

cias, maior esforço físico, exposição mais direta ao perigo e (por decorrência?) ao desenvolvimento das instituições formais, da vida pública e dos valores que a norteiam. Isto tudo numa relação bem definida - apesar da complementariedade de papéis - de poder, com os homens detendo a maior fatia do mesmo (quase todo ou praticamente todo, segundo o movimento feminista).

Não é fácil fazer um resumo da evolução das relações de poder e dos papéis que as mulheres foram assumindo desde a antiguidade, de modo que vamos nos ater aos aspectos que nos parecem mais relevantes para a família e o casamento contemporâneos. Além do que, este é um assunto extremamente polêmico, em torno do qual os debates costumam ser tudo, menos objetivos. De qualquer forma, há várias áreas de concordância resgatáveis. Uma delas diz respeito à perda de funções no lar, que vem afetando a mulher particularmente desde a modernização e a industrialização. A divisão de papéis que vigorou por muitos e muitos anos deixava na mão da mulher, literalmente, os cuidados básicos para com as crianças, sua educação e socialização. Engravitando seguidamente, isso significava para ela uma enorme quantidade de tempo e energia dispendidos. Some-se a isso os cuidados para com os idosos, os doentes e os trabalhos em casa, já que os lares eram considerados verdadeiras fábricas em miniatura com produção de roupas, medicamentos, acessórios e miudezas, além da prestação de uma série de serviços vinculados à conservação, limpeza e manutenção desse próprio lar. Tudo a cargo das mulheres.

E como já indicamos por alto na introdução (pág. 7), todo este mundo de atividades era praticado de portas abertas para com a comunidade - senão toda, pelo menos uma parcela significativa da mesma, o que dava à mulher apoio, atenção e suporte social, tanto objetiva como afetivamente. Ou seja, um tipo de reconhecimento e de comunhão que nada tem a ver com o isolado e desvalorizado pequeno mundo da atual dona-de-casa urbana, sô, sem outros parentes, agregados, primos, etc. e tendo como "companhia" apenas quase que indiferentes vizinhos. O próprio valor econômico de tais atividades esvaiu-se, ocupado que foi pelas instituições criadas pela sociedade: escolas, hospitais, asilos, indústrias - que afastaram o homem de casa - e agências prestadoras de toda sorte de serviços. Um processo de tal forma impactante que levou Greenfield (1969) a proferir que

"de um ponto de vista racional, não existe mais nenhuma razão que leve um indivíduo a se casar nos dias de hoje: a divisão de trabalhos entre os sexos não é tão extrema que impeça as pessoas de sobreviverem sem um(a) parceiro(a) e todas as necessidades, de roupas à comida, de serviços diversos ao sexo, podem ser satisfeitas na esquina mais próxima". (p. 371)

Ao contrário de outras épocas onde solteiros(as) não sobreviveriam fisicamente sem uma família, hoje, tal sobrevivência é bem possível, o que acabou situando o casamento em um contexto basicamente afetivo/sentimental. Mormente nas famílias de classe média, o trabalho doméstico perdeu, como dissemos, de importância o seu valor produtivo e econômico: deixou de exercer funções de importância socialmente reconhecida, não é remunerado e nem leva à produção de bens materiais visíveis e valorizáveis.

Voltando apenas um pouco atrás na história, foi o isolamento das famílias no início da industrialização, ao lado de uma ideologia da "domesticidade" fortemente veiculada na época vitoriana, que fez da mulher uma espécie de rainha do lar, santa e... prisioneira. Senhora do lar. penhor da estabilidade familiar mas encurralada em seu próprio refúgio.

Para Harris (1984) a primeira motivação para a saída da mulher de casa foi econômica: "a liberação da mulher não criou a mulher trabalhadora, e sim a mulher trabalhadora que criou a liberação da mulher".

Assim, a necessidade de suplementar o salário de seu marido já pela década de 1950 - época em que uma série de produtos e de aparelhos eletrodomésticos surgiu ou barateou-se o suficiente para passar a fazer parte dos sonhos dourados das classes média e média-baixa - teria sido a responsável pelo ingresso da primeira onda feminina no mercado de trabalho. Mais tarde a inflação acabaria por estender suas garras, fazendo com que o emprego da mulher deixasse de ser o de uma mera suplementação pró-consumismo para atingir o status de complementação indispensável para se poder manter o padrão de vida sonhado/alcançado. A partir daí, a conscientização de que estavam em meio a uma dura dupla jornada de trabalho, já que seus companheiros "não iam mesmo estragar suas lindas mãos lá na cozinha", somado ao fato de que os empregos que lhes eram oferecidos eram de segunda classe, pior remunerados e com poucas possibilidades de real ascensão, isto tudo teria levado, segundo o autor, à eclosão nos anos sessenta do movimento feminista.

De nossa parte, acrescentaríamos que o raciocínio de Harris é parcialmente correto no sentido de que os ditames econômicos foram importantíssimos, mas só conseguiram pôr em ação a até então emperrada roda da liberação feminina porque encontrou um terreno extremamente propício para isto: uma mulher isolada, sitiada, sentindo-se inútil, com a crescente percepção da progressiva desvalorização dos serviços domésticos, com menos filhos para criar/cuidar e com maiores expectativas de vida.

É interessante observar como que, naquilo que denominamos objetos de estudo das ciências sociais, causas e consequências vão se imiscuindo de tal forma que em dado momento só se cabe falar de um processo em andamento, porque o que era efeito, ou já virou causa de outras forças ou já está ajudando a acentuar o que teoricamente lhe fez "ser efeito". No caso do movimento feminista a progressiva conscientização das iniquidades - seja pelos diferentes salários, seja pelas armadilhas impostas pelos trabalhos de meio expediente, <sup>(1)</sup> na maioria das vezes maçantes e sem futuro, ou mesmo, por ter de, ao voltar para casa, continuar arcando com o grosso das funções domésticas - passou ela mesma, a conscientização, de efeito à causa de uma postura mais agressiva na luta por direitos iguais. Ao mesmo tempo,

---

(1) Os trabalhos de meio expediente, que teoricamente permitiriam à mulher um equilíbrio até ideal entre as demandas do lar e as responsabilidades de ganhos pecuniários significativos, esbarram - em termos reais - no fato de que serão em sua grande maioria empregos de prestação de serviços com pouquíssimas possibilidades de ascensão social ou econômica, envolvendo pouca criatividade, espírito de iniciativa e segurança, em termos de estabilidade, reduzidíssima.

a revolução tecnológica (que prometeu mas não cumpriu de toda facilidades no alívio das cargas nas lides domésticas) somava-se à uma confusão psicológica considerável, fruto de culpas e indefinições quanto a se saber qual o papel certo a ser desempenhado. Seria o ensinado pelas mães ou o acenado pela nova realidade? O de dona-de-casa ou o de executiva liberada? isso tudo trouxe por fim os ingredientes que faltavam para se obter um formidável e indigesto bolo.

O estudo das condições da mulher ao longo dos tempos revela, mesmo ao mais convicto dos machistas, exemplos e momentos cuja própria descrição nos enche de assombro. Da mulher ateniense da época áurea de Péricles, que era impedida de estudar e/ou sair de casa, à mulher japonesa, ainda cidadã de segunda classe, passando pela mulher da Idade Média vista como um "animal doméstico e útil", as centenas de milhares de africanas mutiladas sexualmente, as refugiadas paquistanesas confinadas em suas tendas de manhã à noite, as islamitas cuja maior característica era a "insignificância", a brasileira do período colonial sem oportunidades de obter uma educação formal, a mulher hindu sacrificada se o marido morria, ou a americana da época da colonização vista como um ser mental e moralmente inferior, o que se observa é uma dolorosa e infundável coleção de exemplos que colocam a mulher em posição bem próxima do estado de escravidão e semi-escravidão.

A partir da culpa que lhe foi imputada na civilização cristã ocidental pela expulsão do paraíso, a mulher até bem pouco tempo atrás veio pagando caro por isto, com uma imagem es

treitamente ligada a fraquezas intrínsecas de caráter, inferioridade e pouca capacidade para resistir a tentações de quais - quer natureza, tornando-se suspeita como depositária de confiança para atividades menos comezinhas. com o agravante de ser tudo isso adornado por certa dose de mistério, medo e suspeita. E nas civilizações não ocidentais, mesmo sem a cumplicidade com a cobra e a maçã, a situação não foi essencialmente diferente. O direito à sexualidade, à liberdade, a um tratamento respeitoso (entenda-se por respeito, no mínimo, o fim de humilhações, espancamentos e similares), autonomia e igualdade sempre estiveram em maior ou menor grau fora do alcance do sexo dito irágil.

Assim, de certa forma, nossa geração está presenciando (e participando de) uma mudança e tanto: duzentos anos depois da revolução francesa seu lema - liberdade, igualdade e fraternidade - surge como uma possibilidade viável nas relações de poder entre homens e mulheres. É verdade que, se para o movimento feminista essa revolução ainda está longe de se acabar, e de fato, pode-se concordar em que muitas iniquidades persistem, por outro lado não se pode negar as tremendas transformações ocorridas no âmbito das conquistas femininas tomadas em uma perspectiva histórica.

Boa parte dessas transformações relaciona-se, como já o afirmamos, com o ingresso maciço da mulher no mercado de trabalho. No Brasil, segundo o IBGE (1980), 1/3 da mão de obra é feminina, e nos EUA aproximadamente 55% das mulheres estão empregadas (contra um total de 35% nos anos 60 e 20% nos anos 40; fontes Hackes - 1987 e Harris - 1984).

Se a máxima parodiada "tudo é força mas só tutu é poder" for correta, o que se pode esperar então é uma ainda maior participação feminina na força de trabalho e uma consequente tendência igualitária em todos os campos. Também é verdade que, comparativamente, as mulheres ainda ganham menos que os homens: nos EUA, segundo o Bureau do Censo em 1984, as mulheres recebiam 637 para cada mil dólares recebidos por homens; e no Brasil, de acordo com fontes do IPE (Instituto de Pesquisas Econômicas) da USP (citado em Barroso, C. 1982), as diferenças salariais entre os sexos chega à casa dos 57%.

Essa desigualdade se origina de vários pontos: menor investimento educacional por parte da mulher, maior tendência à interrupção de uma carreira, opção por trabalhos de meio expediente, escolha de carreiras de menor reconhecimento sócio-econômico (e com poucas opções de ascensão em termos pecuniários), menores pretensões salariais, a própria limitação gerada pela sociedade que impele o contingente feminino a certas ocupações e, por fim, a existência de um tratamento discriminatório propriamente dito.

No entanto, apesar de todas essas causas, a tendência crescente e perceptível é de diminuição das disparidades existentes no mercado de trabalho.

O mesmo, no entanto - falando-se em tendências igualitárias - já não se pode dizer dos trabalhos realizados dentro do lar. Aqui, as mudanças têm sido bem menos marcantes. Pesquisa realizada recentemente pelo The New York Times (último

trimestre de 1987, citado no "Jornal do Brasil" de 28-02-88) , com quase duas mil mulheres entrevistadas, revelou que 90% delas é que assumem as tarefas ligadas à alimentação direta ou in diretamente (compra, preparo, confecção, etc...). Quanto à arru mação da casa, que inclui limpeza de utensílios, roupas, etc, as mulheres dessa pesquisa despendiam um total de aproximadamente 30 horas, contra quatro horas assumidas pelos homens. E não se pode dizer que esse tipo de queixa seja um produto típico da cultura norte-americana. Artigos cubanos, russos, europeus e brasileiros vêm denunciando números bastante aproximados, comparando a existência do que se convencionou chamar de "dupla jornada de trabalho". Monnerat (1985), em pesquisa realizada no Rio de Janeiro com 171 mulheres de classes sociais distintas , chegou à conclusão de que 89% dos homens simplesmente não com - partilhavam significativamente de tarefas ditas domésticas.

Uma outra discussão que se abre nesse campo é o da libertação - ou não - provocada pelos avanços tecnológicos, no que tange aos trabalhos domésticos. Alguns autores louvam tais avanços como reais agentes beneficiários em termos de alívio na carga de trabalhos no lar, enquanto outros se mostram bem mais céticos quanto à existência de efeitos nesse sentido.

É impossível, no entanto, deixar de reconhecer que mudanças consideráveis vêm ocorrendo no âmbito dos trabalhos dentro do lar. Para as que podem obtê-los, liquidificadores, fornos de microondas, processadores, máquinas de lavar roupas e louça, congeladores, etc., constituem um arsenal bem razoável,

principalmente em países onde as empregadas domésticas são uma raridade. Além disso, alimentos pré-preparados ou de preparo quase instantâneo, e alimentos já pré-selecionados e limpos - faz parte da minha infância a imagem de minha mãe e/ou da empregada passando preciosos quartos de hora catando feijão - também vieram contribuir para uma certa facilitação de serviços.

Pedindo apoio à estatística, os dados disponíveis relacionados ao número de horas por semana despendidos pelas "demandas do lar" apontam para a seguinte evolução (EUA, fonte: Institute for Social Research, Univ. de Michigan).<sup>(1)</sup>

50	horas nos anos 20 (dados estimados)
44	" em 1965
35	" em 1975
33	" em 1982

Embora esses números não corram paralelamente ao surgimento no mercado de inovações tecnológicas, evidenciam uma sensível diminuição no tempo dedicado às prendas do lar, com a óbvia consequência de facilitar a vida, principalmente da mulher que trabalha fora.

Por outro lado, também não se pode negar que outras demandas foram criadas. Como Jordan (1985) salientou em trabalho de meta-análise, as mulheres urbanas de classe média (e média-alta dos tempos atuais) passaram a ser responsáveis pelo

---

(1) Para Monnerat (1985), no RJ, o total chega a ultrapassar o impressionante número de 100 horas por semana.

"transporte" de: (a) uma série de objetos/serviços que antes eram entregues em casa (o que implica em dirigir, fazer compras, entrar em filas, etc.) e (b) filhos para uma série de atividades que se tornaram parte integrante da vida de uma criança (escola, esportes, atividades artísticas, etc.). E isso tudo, inevitavelmente, consome tempo.

Mesmo assim, nos é difícil compartilhar das opiniões de Hareven (1976), para quem "uma das mais arraigadas e equivocadas concepções sobre o impacto da tecnologia é a de que ela tenha proporcionado mais tempo livre à mulher em seu trabalho doméstico. Trata-se de um mito". Ela invoca em sua defesa números coletados até 1974 pelo U.S. Bureau of Labor Statistics. Pode ser até que a tecnologia não tenha trazido a "alforria" como foi sonhada e acalentada pela mulher, mas também, a despeito de Hareven, não se pode dizer que não tenha havido uma redução sensível nas "penas domésticas" ao longo dos últimos cinquenta anos.

Mas saindo da polêmica "tecnologia: dívida ou promessa?" e descendo a um nível, digamos, mais psicológico, um ponto muito importante na discussão - e que é um dos títulos da presente seção - diz respeito ao modo como as mulheres, mais ou menos a partir dos anos 50, conseguem (ou tentam) conviver com "duas verdades conflitantes": ou cumprir os papéis que os ditames tradicionais aprendidos com suas mães e avós lhes indicam, ou, por outro lado, seguir os caminhos que racionalmente suas consciências individuais lhes apontam como os mais "corretos". Essas duas "verdades" se referem, respectivamente, a um modo de

ser-ver-sentir-pensar e viver mais "tradicional" aprendido desde a infância, e por isso mesmo bem mais "entranhado" afetivamente, e que está em oposição a um outro modo, apreendido posteriormente, e que é mais racional, comprometido com as mudanças sociais e econômicas recentes e bem mais "inovador".

Qualquer que seja a alternativa escolhida, os efeitos da opção descartada se farão sentir e/ou lamentar. Se a preferência recair num estilo "à antiga", um sentimento difuso de inutilidade, vergonha e vazio se fará presente. Como já o observamos, esses sentimentos não estão ligados necessariamente ao fato de se ser uma dona de casa, e sim às conotações que agora estão a reboque dessa opção. Como se o lugar "no trem da história" estivesse ocupado por outrem, sendo esse outrem uma "bela, libertada e emancipada mulher" - ao menos aos olhos daquela que decidiu permanecer em casa como mãe e dona-de-casa.

Como pudemos depreender por nossos questionários, as mulheres totalmente dedicadas ao lar não gostariam, em sua maioria, que suas filhas trilhassem o mesmo caminho, o que nos parece uma clara indicação de insatisfação com a escolha feita. Ferree (1976) foi uma das muitas pesquisadoras que também encontrou o dobro de insatisfação entre mulheres que não trabalham do que entre suas colegas que o fazem. À medida em que o reconhecimento social vai se inclinando pela valorização da mulher que trabalha fora, a sensação de solidão e de estar à margem das tendências em voga vai predominando e marginalizando a mulher que escolheu ficar em casa, e lhe incute uma autopercepção de inferioridade e desvalorização.

Mas o dilema se revela como tal quando se observa o mar de culpas que envolve a mulher que se decidiu "pela rua". Aqui há reconhecimento, há liberdade, há o contato com o outro, mas também a velada acusação de negligência nos cuidados para com os filhos e a culpa por vastas parcelas de responsabilidades na crise do casamento. Se na Idade Média o sentimento de família era menor devido à política de portas abertas para com a comunidade, com a vida se dando mais na rua do que em casa, agora, a mulher ao sair para o mundo deixou a "porta aberta", com o conseqüente esvaziamento do "lar". Culpa por culpa, se essa segunda hipótese ainda é discutível ou questionável e nem chegou à consciência individual das mulheres, a primeira, que se refere a descuidos no papel que historicamente lhes foi consagrado, se mostra bem mais impactante e expressiva emocionalmente. O resultado é uma perene sensação de não se estar cumprindo um dever a contento, com o remorso, a insatisfação e a dúvida sempre à espreita. E a culpa, como se sabe, vem sempre acompanhada de muita paralisia e de pouco prazer. Quanto tempo durará esse "estado emocional" é algo difícil de se prever, mas enquanto ele perdurar, qualquer escolha implicará em sofrimentos inescapáveis.

Nicolaci-da-Costa (1985) centra o atual "mal-estar na família" na luta entre esses dois modos distintos de percepção da realidade. De um lado, o sistema simbólico internalizado pelo sujeito na infância, que o impele a repetir os padrões de pais e mães. De outro - em função das bruscas mudanças sociais - um novo sistema mais coerente com os novos tempos.

É "a incoerência entre as internalizações mais primitivas e as mais recentes" - que a autora batiza de descontinuidade - a grande responsável pela crise. "O sujeito internaliza uma versão de identidades e papéis sexuais, do casamento, da constituição familiar, da reprodução biológica e de algumas entre várias formas de se lidar com a mesma, do tipo de educação a que é submetido, etc..." que entra em rota de colisão com "as representações mais recentes e concretas de participação real na reprodução da ordem social oriundas de sistemas simbólicos internalizados através de socializações secundárias" (grifo da autora).

O conflito entre esses dois modos de ser - e que nós no presente trabalho chamamos de "verdades emocionais versus verdades racionais" - coloca a mulher de hoje em uma posição nada invejável. Além disso, como vimos, sua participação no destino e nos rumos a serem tomados na solução da crise do casamento é simplesmente fundamental. A elas, mais uma vez, caberá dar à luz a uma nova mentalidade que funcione como uma solução de compromisso viável e exequível, naturalmente sem deixar o leite derramar e nem chorar sobre o leite derramado - por uma opção equivocada...

Obs.: Embora nosso trabalho seja focalizado nas aspirações e vivências de mulheres de classe média, estamos atentos às diferenças existentes entre as classes sociais. Evidências anedóticas, por exemplo, mostram que o sonho da mulher de classe baixa brasileira é o de parar de trabalhar e poder virar uma dona-de-casa, justo o oposto da classe média - o que é pesadelo para uma classe, vira sonho para outra. Evidentemente, o tipo de trabalho que se apresenta para as mulheres dessas classes distintas é que dá o tom "onírico" observado. No presente momento está em andamento uma pesquisa de um grupo de alunos do mestrado de Psicologia Social da Univ. Gama Filho, cujo objetivo é de examinar o uníverso de atitudes de mulheres faveladas acerca das questões levantadas nesse capítulo.

g) - O Impacto dos meios de comunicação de massa, da psicanálise e questões afins.

A idéia do presente capítulo é examinar alguns tópicos cuja ascendência sobre a crise do casamento, embora não de forma muito acentuada, ainda assim se fazem sentir de modo significativo.

Que vivemos numa época dominada pela comunicação de massa é uma verdade tão auto-evidente que não nos parece necessário tecer maiores comentários a respeito. Jornais, rádios e televisão vendem com inquestionável sucesso desde produtos de toucador até candidatos políticos e filosofias de vida. Agora mesmo (março de 1988), no I Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico promovido pela ANPEPP (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia) em Caruaru, a Profa. Zaida Lewin, da UFRGS, em palestra sobre Crianças e Televisão, divulgava estatísticas recentes sobre o hábito de se ver televisão, pelas quais um adulto de 60 anos teria passado, em média, nove anos diante de um aparelho de TV. Aronson cita na última edição de seu famoso The Social Animal trabalhos em que aproximadamente 90% de crianças em idade pré-escolar pedem alimentos e brinquedos que viram anunciados na TV. E mais, que nas eleições de 1972 para o Congresso norte-americano, um grupo de pesquisadores foi capaz de predizer 83% dos vitoriosos baseando-se apenas no tempo individual recebido em termos de cobertura pela mídia! (ponto de exclamação a cargo do autor da presente).

Assim sendo, não nos parece adequado desprezar o impacto que TV, rádio e jornais têm - ou podem vir a ter - em fenômenos sociais, mesmo quando não haja unanimidade em termos de posições, prós ou contra. Em nosso caso, o que se pode observar é que o casamento atual tem de fato chamado a atenção da imprensa, atenção essa que se traduz ora pela freqüente consulta e exposição de opiniões e pareceres de especialistas - psicólogos, médicos, psiquiatras, sociólogos - ora pela divulgação de resultados de pesquisas e mais pesquisas sobre REMs, atitudes sobre o casamento e o divórcio, emancipação feminina, crescimento do número de separações, etc.

Toda essa atenção, por sua vez, serve como criadora ou de divulgadora de normas e pautas ideais de comportamento. E como muitas vezes esse material publicado - por várias razões - está distante da realidade dos fatos, o resultado pode ser bem perturbador. Exemplo disso é a questão da virgindade. Apesar dos meios de comunicação de massa refletirem uma imagem bastante liberada de nossa juventude quanto à sexualidade, o que podemos observar em nossos questionários foi um surpreendente número de virgens em nossa amostra de jovens de classe média, a maioria moradoras da Zona Sul (mais de 30%, idade média de 19 anos). Ou seja, há no caso uma razoável discrepância entre as realidades da mídia e da vida. Uma bela amostra de como pode ser indevida a generalização das atitudes e comportamentos de um grupo de jovens que freqüentam certo trecho de certa praia para todo "o resto da população jovem" de todo o Estado e que - e isso é importante - vai servir de modelo comportamental idealizado e al-

mejado para todos os outros jovens do país. De minha parte, já há alguns anos, quando trabalhava como estagiário no Núcleo do Instituto de Seleção e Orientação (Nuiso) do Ministério da Aeronáutica atendendo (orientação vocacional-vital) filhas e filhos de militares, pude observar uma notável diferença em suas atitudes ou comportamentos sexuais. Na época atribuí-a ao fato de - por serem filhos de militares - terem eles(as) uma educação mais tradicional. Agora, somando as duas amostras, pode se aventar alternadamente que a verdadeira exceção talvez esteja mesmo é nas páginas de nossos jornais.

Enfim, esse foi apenas um exemplo de como - acuradamente ou não - os meios de difusão "vendem" um comportamento como sendo "típico", e conseqüentemente, paradigmático.

Como inúmeros estudos já o comprovaram, a tendência à conformidade aumenta em função da insegurança: quando o sujeito, por alguma razão, não sabe como comportar-se (ex. situações novas, almoço com pessoas de outras culturas, primeiro dia de trabalho, etc.), ele olha em volta para saber como "os outros" agem e a partir daí traçar sua própria linha de conduta. Por estarmos vivendo numa época onde as transições são bruscas, onde reina uma boa dose de instabilidade e há rejeição dos velhos valores sem que os novos estejam ainda devidamente reconhecidos, o resultado é que somos obrigados a conviver com um aumento generalizado do grau de insegurança. Os efeitos se fazem sentir em termos de uma busca de informações que indiquem o caminho, a fórmula, o jeito mais "correto" de ser. Se anteriormen

te a família e a Igreja preponderantemente mantinham o controle e eram o "lugar" das respostas, hoje, a sociedade traz "os especialistas" como os detentores do "saber". E a opinião dos mesmos é acessível principalmente através dos meios de comunicação de massa.

Estes passam assim a ocupar um lugar privilegiado no estabelecimento e/ou confirmação das "verdades" que vão nortear nossas expectativas, comportamentos, educação dos filhos, etc. Evidentemente, não se pode acusar a mídia de criar "inverdades absolutas": a própria realidade se encarregaria de desmistificá-las, ou se não a realidade, pelo menos o concorrente mais próximo. Mesmo no caso que citamos - virgindade - há de fato um segmento da juventude bastante liberado quando se o compara a outras parcelas da população. É mais uma questão de quantidade do que qualidade, embora - e é isso o que queremos frisar aqui - a própria divulgação da maneira maciça e abrangente como é feita, tende a "exportar" para outras classes o que era a "verdade" somente para reduzido agrupamento. Assim, a longo prazo, a imprensa escrita, falada e eletrônica por "profecias auto-realizadoras de contágio", acabarão fatalmente tendo razão...

Um bom exemplo das influências exercidas pela mídia pode ser vista no trabalho de Santos (1982): "um estudo dos efeitos da penetração do discurso psicanalítico através de preocupações feministas sobre o papel da mulher". Aqui, através da análise de setenta exemplares da revista Cláudia, trinta da década de 60 e quarenta da década de 70 e dos anos 80/1, Santos procede a uma exegese da interpretação entre uma demanda inespe

cífica de atendimentos e a imposição de um modelo médico-psicologizante transformador e recodificador das vivências de suas leitoras.

Embora particularmente não endossemos a tese de Santos, pela qual "esse novos poderes (medicina higiênica, pedagogia, psicologia, psicanálise e psiquiatria) fazem da crise da família um mecanismo permanente de sua promoção e da demanda imprescindível de seus serviços", ambos concordamos no poder de influência que os veículos de transmissão detêm nesse processo. Não se trata evidentemente de propor aqui a censura ou a queima dos órgãos de imprensa, e sim de estudar o poder real ocasionado por suas interferências e de como é possível evitar ao máximo a divulgação de imagens estereotipadas ou irreais, como se fossem fiéis indicadores de padrões comportamentais. Mesmo porque, até o presente momento, as contribuições da imprensa têm sido muito mais positivas do que negativas. Afinal foram os meios de divulgação de massa que ajudaram a destruir aquilo que em termos de conhecimento sexual os sociólogos batizaram de "ignorância pluralística": todos sabiam de seu próprio comportamento sexual mas ninguém sabia do que os outros estavam fazendo ou sentido. E depois, como se sabe - e dolorosamente por sinal - a opressão e o totalitarismo passam sempre pelo cerceamento dos órgãos de imprensa, seja em termos científicos, seja em termos políticos. (1)

---

(1) Apenas para deixar mais claro como pode ser obscuro tentar de limitar o impacto da mass media, vários autores (a começar por Berelson e Janowitz, 1966, citados em Savells e Cross, 1978) têm apontado para o fato de que - grosso modo - cidadãos nos países democráticos tendem a selecionar previamente alguns meios (jornais, estações de TV) e dentro deles, cer -

A reboque das considerações traçadas acima encontra-se a questão da própria aceitação do divórcio. À medida que vai aumentando o número de divórcios e suas conseqüente divulgação, as próprias atitudes vão se reformulando, fazendo com que a crescente aceitação do fenômeno provoque um ainda maior número de divórcios. Justamente porque um dos freios para o aumento do número de separações era o medo da reprovação e das sanções sociais para aqueles(as) que se propunham a terminar o que a sociedade estipulava como interminável. Ou seja, mais um exemplo de como conseqüências sociais passam agora ao papel de causas: a maior aceitação social levando a um maior número de divórcios. Não se pode desprezar igualmente o fato de que, - no âmbito da esfera judicial, os processos de separação vêm se tornando mais baratos e, por conseguinte, mais acessíveis.

Com essas observações encerramos a primeira parte do presente trabalho, cuja finalidade era expor as principais posições dos teóricos e estudiosos - incluindo a modesta colaboração desse autor - acerca da "crise do casamento contemporâneo". Veremos a seguir, após a seção que trata de procedimentos, amostras e outros detalhes técnicos, como é que os nossos quatrocentos sujeitos de classe média - solteiros, casados jovens, casados mais velhos e separados - consideram, avaliam e interpretam o mesmo fenômeno.

---

(1) tos tipos de mensagens que sejam consistentes e coerentes com seus próprios valores. Deste modo, o máximo que poderia ser atribuído à mass media é a precipitação de impulsos pré-existentes, e mesmo assim, tais impulsos teriam de estar afinados com a personalidade e os valores de leitores/telespectadores. Estamos pois diante de um processo de realidade, de espelhamento da realidade e de reflexos inovadores que é de uma complexidade tal, que lembra a natureza de nosso próprio objeto de estudos: o casamento contemporâneo...

## HIPÓTESES E METODOLOGIA

### 1) HIPÓTESES

Ao longo da seção anterior buscamos expor as principais especulações e tentativas de explanação para as maciças mudanças que vêm ocorrendo no binômio família/casamento. Agora, a questão que se levanta é saber como sujeitos de classe média do Rio de Janeiro percebem e avaliam os principais fatores que são aparentemente responsáveis pelas modificações que se vêm fazendo sentir.

A primeira hipótese a ser testada diz respeito a possíveis diferenças existentes em função do estado civil e da idade: como solteiros (em torno dos vinte anos), casados e separados (por volta dos quarenta anos) e casados idosos (com mais de sessenta anos) divergem na "constatação pessoal da crise" . O que, por exemplo, distingue os grupos de separados e casados - e que pertencem à mesma faixa etária - ou no que contrastam solteiros e idosos, apartados entre si pela condição de estado civil e por mais ou menos quarenta anos de vida. Assim, através da análise de suas respostas, pretendemos obter elementos preciosos para que se delimite mais claramente que conjunto de atitudes e comportamentos está de fato em vias de transformação, e o que permanece inalterado.

Em segundo lugar, queremos verificar como mulheres e homens diferem entre si nas quatro condições - indagação que julgamos bastante pertinente quando se tem em mente, por exemplo, a emancipação feminina. Supomos que o grupo feminino mais jovem faça - entre outras - uma avaliação bem distinta da mulher como dona-de-casa e voltada basicamente para os afazeres domésticos, quando comparada à percepção masculina (principalmente a do grupo "menos jovem"). Em outros aspectos - como no caso das relações extramaritais, primazia da afetividade, motivos impeditivos para uma eventual separação e a própria importância da emancipação feminina - esperamos igualmente diferenças significativas na visão de homens e mulheres.

Um terceiro ponto que pretendemos abordar, ao qual já nos referimos anteriormente, é o que trata da aplicação de alguns princípios que vêm sendo estudados dentro da psicologia social ao "mundo da família e do casamento". Pretendemos averiguar até que ponto esses princípios já testados em outras situações se aplicam no campo de nosso objeto específico de estudos. Para tanto, incluímos nos questionários perguntas cujo em basamento teórico repousa nas hipóteses de Jones e Nisbett (1977) sobre perspectivas divergentes na atribuição diferencial de res ponsabilidades; sobre a divisão de poder no casamento, inspirado nos trabalhos de Raven, Centers e Rodrigues (1973), e nas con seqüências da percepção de inequidades existentes na relação entre homens e mulheres (justiça distributiva, diversos auto - res). Quando da análise dos resultados, pretendemos expor com mais vagar esses princípios e sua aplicabilidade na situação estudada por nós.

Ainda com relação aos objetivos principais de nossa pesquisa, há uma sucessão de constatações ou "mini-hipóteses" que vêm sendo discutidas e abordadas em trabalhos similares e que nos interessa saber em que medida se fazem presentes em nossa realidade. Assim, pretendemos avaliar, entre outras, a relação entre as seguintes variáveis e uma maior propensão ao divórcio: a) idade ao se casar - quanto mais cedo o sujeito se casa, maiores os riscos, segundo a literatura, de que a união se rompa; b) nível de tensão percebida no casamento dos pais - correlação positiva com a propensão ao divórcio; c) diferenças sensíveis de idade - idem, principalmente quando a mulher é mais velha. Da mesma forma, supõe-se que: d) menor religiosidade, e) falta de comunicação entre os cônjuges, f) excessiva diferença de nível educacional, g) ausência de filhos, h) mulher trabalhando fora, i) adultério - principalmente o feminino - e j) insatisfação no relacionamento sexual do casal sejam outras variáveis indicadoras de uma maior fragilidade e de uma tendência à ruptura precoce.

Com relação à amostra escolhida, optamos por sondar exclusivamente atitudes e comportamentos de sujeitos pertencentes à classe média e média-alta. Arafat e Yourburg (in Savells e Cross, 1978), ecoando outros autores, lembram o papel de vanguarda, em termos de mudança, que é exercido pela classe média-alta urbana. Além do mais, como já apontamos na introdução (item e), é a classe média que, através de um expressivo controle da arte e dos meios de comunicação, funciona como exportadora e impositora de opiniões, atitudes e valores em um amplo espectro de situações.

Curiosamente, essa mesma classe é tida como conservadora, seja do ponto de vista político, seja do ponto de vista moral. Essa ambivalência, já cantada em verso e prosa por intelectuais, artistas e cientistas sociais, se real, deverá se fazer presente nos resultados de nossa pesquisa, principalmente - e isso é uma outra hipótese - na comparação por faixas etárias, supondo-se um espírito mais vanguardista nos mais jovens e um espírito mais "passadista" no grupamento mais idoso.

Todos esses dados, somados a uma inegável maior facilidade e disponibilidade de acesso, nortearam a escolha de sujeitos de classe média como o ideal para a presente pesquisa. O próprio instrumental de que dispomos - questionários individuais relativamente extensos e preenchidos pelos próprios sujeitos - se mostraria inadequado se aplicado a sujeitos de classe mais baixa, até mesmo por questões ligadas ao analfabetismo, ao semi-analfabetismo ou a dificuldades correlatas em função de um código lingüístico restrito. Evidentemente, os resultados encontrados não poderão ser generalizados para além da classe a que pertencem os sujeitos da amostra.

Não poderíamos também encerrar essas considerações sobre a escolha da amostra sem deixar de reconhecer as dificuldades inerentes à conceituação do que seja um cidadão/cidadã de classe média. Em nossos questionários, usamos os critérios de Centers (1949) onde os próprios respondentes indicam - entre sete opções - a classe social com que mais se identificam. Trata-se de um entre vários modos de se obter uma unificação em

um terreno caracterizado por grandes doses de diferenças e disparidades. As classes superiores e as menos favorecidas - trabalhadores e as muito carentes - são consideradas pelos sociólogos bem mais homogêneas e menos díspares do que a colcha de retalhos que incluiria as classes média-baixa, média e média-alta. Mesmo assim, a despeito dessas dificuldades e apesar da consciência de que os cientistas sociais não concordam nem na terminologia nem no conjunto de conceitos definidores dos contornos de uma classe social, é possível se chegar a uma delimitação razoavelmente precisa. Deste modo, estilos de vida, profissões, salários, nível educacional e reputação na comunidade podem ser aglutinados em função de uma autopercepção subjetiva e se constituir - com razoável grau de fidedignidade, como o dissemos, - num grupo diagnosticável como pertencente à classe média.

## 2) METODOLOGIA: SUJEITOS, INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTO

### A) Sujeitos

A amostra desta pesquisa foi integrada por 400 sujeitos de classe média, sendo metade do sexo masculino e metade do sexo feminino, distribuídos em igual número pelas quatro condições: solteiros, casados, separados e idosos casados (cem em cada, metade de cada sexo).

O grupo solteiro foi requisitado entre alunos da PUC/RJ (cursos de psicologia, letras, artes e engenharia). Os demais grupos foram acessados igualmente - na sua maior parte - por intermédio de alunos da PUC/RJ, a quem era solicitado que entregassem a seus pais ou avós questionários a serem preenchidos. Veremos na seção procedimento maiores detalhes quanto à forma de coleta de dados. Posteriormente, para se poder chegar ao número pretendido por nós, ampliou-se para outras universidades cariocas o trabalho de busca de sujeitos, principalmente para compor o grupo de idosos (idosos(as) casados(as) parecem cada vez mais uma espécie em extinção...)

Com relação às idades médias, os solteiros ficaram em torno dos 20,6 anos; casados, 41,3 anos; separados, 39,6 anos e idosos, 65,9 anos.

Como critério para a formação do grupo de casados, exigiu-se pelo menos cinco anos de união, e para o grupo de separados, um espaço de tempo de três anos desde a última separa

ção. No grupo dos idosos casados, a idade próxima dos sessenta anos foi a única exigência feita.

## B) Instrumento

Para tentar obter respostas relevantes e significativas a tantas e tão ambiciosas indagações, a opção foi criar um questionário básico com perguntas que abrangessem o maior número possível de variáveis que a nosso ver desempenham papel atuante no processo que estamos estudando. O resultado foi um instrumento contendo mais ou menos cinquenta e poucas perguntas - abertas ou fechadas - sobre os mais variados tópicos. Da da a diferente natureza dos quatro grupos, naturalmente, os questionários não poderiam ser exatamente iguais. Os separados pronunciaram-se além do que era solicitado genericamente sobre amor, sexo, religião, emancipação feminina, etc., acerca de fatos relacionados a causas e a considerações sobre seus relacionamentos desfeitos. Da mesma forma, aos solteiros era requisitada adicionalmente uma "antecipação" do que - e como - seria a vida de casado: expectativas, ideais, divisão de poder, etc. Já casados e casados idosos respondiam ao mesmo questionário. No Anexo I, o leitor encontrará a reprodução integral do conjunto que era entregue aos sujeitos.

Esse conjunto consistia em uma folha de rosto onde era explicada a finalidade da pesquisa, contendo também instruções genéricas quanto ao preenchimento adequado. Seguiam-se os

questionários e um terceiro bloco dedicado às respostas. A idéia aqui era, por motivo de economia, aproveitar os cadernos de perguntas para repetidas aplicações. O bloco entregue aos idosos continha também uma outra folha que alertava para a existência de perguntas de "foro íntimo". Levando-se em conta a idade e a formação mais tradicional deste grupo de respondentes, a folha em questão serviria aos propósitos de evitar reações negativas e de colocar os sujeitos mais à vontade para preencher os questionários, principalmente no tocante às perguntas relativas à esfera da sexualidade.

A forma final do instrumento entregue aos quatro grupos foi obtida após uma fase de pré-testes com uma amostra-piloto (80 sujeitos, 20 por condição). Inicialmente, o mesmo continha 70 perguntas, muitas das quais do tipo "aberto". Havia também um espaço reservado no final para que o respondente opinasse sobre a adequação das perguntas, inclusive sobre a necessidade de se formular perguntas relativas a possíveis tópicos importantes e não cobertos no questionário.

O exame dessas respostas nos levou a "encurtar" o caderno de perguntas e a "fechar" algumas delas, o que contribuiu para facilitar a análise através do processamento de dados por computação.

Assim, por exemplo, enquanto que no pré-teste sondávamos os principais fatores que na opinião dos sujeitos contribuiriam para uma relação sexual satisfatória, a forma final dos

questionários vinha com as - no caso - nove opções mais citadas, para serem agora colocadas em ordem de importância.

Nem todas as questões foram criadas por nós. Aproveitamos diversos itens de outras pesquisas, ora em sua forma original, ora ligeiramente adaptados. O leitor familiarizado com estudos na área da sexualidade, por exemplo, reconhecerá indagações típicas de surveys feitos ao longo dos últimos anos. Por sua vez, os itens sobre divisão de poder basearam-se nos trabalhos de Centers, Raven e Rodrigues (1971). A idéia de se utilizar perguntas de "reconhecido valor" serviu aos propósitos de efetuar comparações e de se poder contar com a certeza de estarmos utilizando um instrumental confiável e pré-testado.

### C) Procedimento

O trabalho de coleta de dados iniciou-se pelo grupo de solteiros(as). Era-lhes entregue o caderno com a folha de instruções, bloco de perguntas e respostas em um envelope previamente selado e já sobrescritado, com a orientação de que, após o preenchimento, todo o material fosse posto no correio. Nesse contato era reiterado o caráter confidencial e a garantia de anonimato para os respondentes. Conforme se pode observar no Anexo I, a folha de instruções foi redigida da maneira mais simples e direta possível.

O mesmo anonimato que garantia, a nosso ver, uma maior propensão à franqueza nas respostas, levou também muitos alunos que recebiam os questionários a não completá-los e/ou devolvê-los. Um número aproximadamente três vezes maior de questionários foi necessário para se obter o número de sujeitos almejado.

A mesma dificuldade estendeu-se na coleta de dados para os demais grupos, onde a alunos de algumas turmas era solicitada a entrega da pesquisa ao pai ou à mãe (casados ou separados) e de outras, à avó ou avô.

Foi em nome desses impedimentos que optamos por estender nossa amostra-alvo para além dos muros da PUC/RJ, contratando alunos de outros cursos - principalmente do mestrado em psicologia social da UGF - para ajudar na obtenção de pessoas dispostas a colaborar como sujeitos. Esses "contratados" colocavam suas iniciais junto à etiqueta com o endereço para onde eram remetidos os envelopes, de modo que, ao recebermos os mesmo, podíamos identificar o nome do prestimoso colaborador e assim recompensá-lo, ainda que - face à nossa pouca disponibilidade monetária - modestamente. As iniciais eram postas de tal modo que, aos olhos dos sujeitos, não passassem de alguma codificação pessoal. Isso era facilitado pelo fato de nosso endereço ser, por coincidência, adornado de algumas indicações alfa-numéricas. No Anexo II, há um exemplo de etiqueta distribuído pelos colaboradores.

Na seção seguinte apresentaremos as respostas dos quatro grupos, bem como a análise dos resultados encontrados.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Procederemos nessa seção à exposição e análise das respostas obtidas nos quatro questionários. Para facilitar a organização e discussão das mesmas optamos pela abordagem sequencial, pergunta por pergunta, incluindo a comparação por sexo sempre que tiver se mostrado relevante.

De início mostraremos algumas questões contidas apenas nos cadernos de perguntas do grupo dos solteiros, e por isso mesmo sem padrão de comparação para os demais grupos.

Para efeito de simplificação - até mesmo em termos de exposição gráfica - passaremos a utilizar as seguintes abreviaturas:

solt	-	para o grupo dos solteiros
cas	- " " " "	casados
cas-id	- " " " "	casados idosos
sep-rec	- " " " "	separados ou recasados

---

Nota Estatística: Os resultados obtidos são apresentados em termos percentuais. Nos itens em que há escalas envolvidas os dados são exibidos em termos de médias. Além dessas estatísticas descritivas utilizamos - quando nos pareceu necessário - testes de estatística inferencial, tais como o t de Student para diferenças entre médias e o teste z para diferenças entre porcentagens.

1) Você pensa em se casar algum dia? (solt)

respostas em percentagem

1 - certamente sim	43%
2 - possivelmente sim	48%
3 - em dúvida	5%
4 - possivelmente não	4%
5 - certamente não	0%

Como se pode observar, no que depender de nossa amostra, o casamento perdurará ainda pelo menos mais uma geração...

Dos nove por cento que se mostraram em dúvida ou acham que possivelmente não se casarão, a maioria é do sexo masculino (66%), e de um modo geral suas respostas ao longo do resto do questionário não foram muito distintas do resto do grupo, a não ser, é claro, nas críticas ao status do casamento atual (solt - pergunta 5), onde foram bem mais duros em suas avaliações que os demais. Coerentemente, na pergunta 13 - você se imagina o resto de sua vida casado com a mesma pessoa? - a quase totalidade (uma exceção) descartou a resposta sim.

2) Caso pretenda se casar, quando o fará?

1 - este ano	0%
2 - ano que vem	6%
3 - dentro de no máximo 5 anos	23%
4 - dentro de no máximo 10 anos	45%
5 - daqui a dez anos ou mais	10%
6 - não responderam	16%

Essa pergunta foi incluída com a finalidade de comparar as expectativas da idade do casamento com a média real na

população das idades em que se dão de fato os casamentos. Em nossa amostra de casados, por exemplo, temos a idade média para a data do casamento como sendo 24,8, sendo 26,4 para os homens e 23,2 para as mulheres. Estatísticas americanas apontam para os mesmos números: 23,3 em 1985 para as mulheres (fonte : U.S. Bureau of the Census). Para a revista Psychology Today - May, 87 - os dados são ligeiramente diferentes, com a média em torno dos 23,9, sendo 25,0 para os homens e 22,9 para as mulheres.<sup>(1)</sup> Se esses dados, somados aos de nossa amostra, forem verdadeiros ao espelhar a idade em que realmente se dá o casamento, podemos concluir que solteiros e solteiras cometem erros bem significativos quando estimam - para cima - a data provável de seus casamentos. Considerando que a média de idade de nossa amostra é de 20,6, e somando-se a resposta predominante - entre 5 e 10 anos - obtém-se um número superior àquele que reflete a idade real em que se dá a maioria dos casamentos.

Não nos foi possível na atual pesquisa, com os instrumentos de que dispúnhamos, sondar causas e porquês desse erro de avaliação cometido pelos sujeitos de ambos os sexos (a diferença existente - homens, 3,9 e mulheres 3,5 - ainda que

---

(1)

Segundo Vera e Berard (1985), a diferença média de idade entre homens e mulheres é hoje em dia de 2,9 anos na Europa Ocidental, 3,2 anos na Europa Oriental, 2,0 anos nos EUA, 5,3 anos no Oriente Médio e 4,7 anos na Ásia - sempre com o homem mais velho. Curiosamente, não há dados disponíveis para a América Latina. Os mesmos autores apontam ainda a existência de diferenças consideráveis quando se observam isoladamente os números de certos países. Assim, por exemplo, na Líbia essa diferença é de aproximadamente 9 anos, na Iugoslávia, 1,9 anos, etc...

não significativa, é esperada, uma vez que tende a refletir diferenças entre sexos na idade real de casamentos), muito embora, dadas as circunstâncias, um pesquisador mais pessimista ficaria tentado em atribuir esse erro a mecanismos ego-defensivos, pelos quais sempre achamos que certas "desgraças" custarão mais a nos atingir...

3) Você pretende se casar com uma mulher/um homem virgem?

1 - certamente sim	6%
2 - possivelmente sim	5%
3 - é irrelevante	45%
4 - possivelmente não	14%
5 - certamente não	30%

Dos 11% que demonstram uma preferência por parceiro (a) virgem, 9% são homens, o que constitui uma significativa diferença entre sexos ( $z = 2,3$ ,  $p < 0,05$ ), e vem confirmar a permanência entre os jovens do que se convencionou chamar de "dupla moral", com uma valorização por parte dos homens da virgindade feminina - a recíproca não sendo verdadeira. Este padrão, que na civilização ocidental remonta aos tempos bíblicos, mostrou-se ainda bem sedimentado entre nossa amostra de jovens varões. Afinal, 9 entre 50 sujeitos (18%), têm esperanças e o propósito de desposar uma moça que valorize a pureza e a castidade acima das tentações da vida moderna. Resta saber se esses jovens senhores encontrarão o que procuram. A pergunta seguinte do questionário dos solteiros trata justamente desse item.

A julgar pela leitura dos jornais e pela imagem que TVs, rádio, propaganda e letras de músicas, difundem, esta procura estaria fadada ao insucesso. Mas, como já observamos no capítulo sobre sexo, o "retrato fornecido pela mídia pode estar simplesmente fora de foco... Confira-se a esse respeito as respostas à próxima pergunta.

4) Você é virgem?

1 - sim	23%
2 - não	76%
3 - não respondeu	1%

Do que responderam sim,

18 são do sexo feminino e

5 são do sexo masculino

Ou seja, 36% da amostra feminina são virgens, contra apenas 10% da amostra masculina, outro dado indicador das diferenças educacionais impostas pela cultura entre homens e mulheres. A média da idade desse subgrupo (virgens) é de 19,4 anos, pouco inferior à média das não-virgens. O que significa que essa diferença não pode ser explicada por uma questão de maior ou menor juventude, e sim, por uma questão de opção. Assim, esses números estão em franca oposição à percepção mais difundida por nossos meios de comunicação de massa.

Uma objeção a ser levantada é que as entrevistadas poderiam estar faltando com a verdade, dizendo-se virgens quando não mais o seriam. Dois fatores nos levam a refutar esse ti

po de objeção. O primeiro está relacionado ao fato de o questionário ser preenchido anonimamente. Mesmo assim - supondo-se a existência de almas mais sensíveis a inquietações paranóides - o que se poderia esperar nesse caso seria um aumento das respostas no sentido contrário, uma vez que prevalece no meio universitário uma espécie de "tabu às avessas", onde uma moça de dezenove anos "ainda" virgem é olhada como portadora de alguma espécie de desajuste psicológico, ou representante de algum tipo raro de animal em vias de extinção. O comportamento "esperado" de uma jovem universitária de uma faculdade de Zona Sul estaria então predispondo aquelas entrevistadas mais sensíveis à pressão social a responder "ocultando" sua condição virginal, e não ao contrário.

Um terceiro fator que poderia explicar tão alto índice estaria ligado ao fato de as entrevistadas procederem de uma faculdade católica e portanto mais propensas a acatar os preceitos religiosos que pregam a abstenção sexual antes do casamento. A análise das respostas à pergunta 38/solt., que trata de frequência a templos - e que vem sendo considerada uma medida fidedigna de convicção e práticas religiosas - não demonstrou em termos globais, no entanto, uma diferença significativa entre esse grupo, especificamente, e o restante da amostra (médias rigorosamente iguais: 4,21). Apenas a resposta modal no grupo virgem é a nº 1 (uma vez por semana), e não mais a nº 4 (algumas vezes por ano) examinado o grupo como um todo. Somente parte do grupo das virgens pode ser considerado mais religioso.

Tomadas em conjunto, essas três considerações parecem confirmar, em nosso entender, a existência de uma discrepância entre a realidade e sua representação pelos meios de comunicação de massa.

Embora a próxima pergunta dos solteiros seja a de número 5, optamos por primeiramente abordar a de nº 26, que é a última "exclusiva" desse grupo.

26) Você pretende se casar virgem? (respondida apenas pelas(os) que se enquadram nessa categoria)

	mulheres	homens
1 - sim	30%	0%
2 - não	38%	27%
3 - não sabe	5%	0%

Os homens definitivamente são virgens "provisórios" - não pretendem permanecer nesse estado por muito tempo mais - enquanto as representantes do sexo feminino encontram-se divididas. Nas que pretendem se casar virgens - voltando a se avaliar a influência da religiosidade - há uma significativa maior adesão a princípios religiosos, medida pela frequência sistemática a igrejas/templos. Comparando-se as médias das respostas dadas à pergunta 28 (frequência a igrejas/templos) do grupo das virgens que pretendem se casar assim com o restante do grupo, obtém-se uma diferença significativa ( $t_{(91)} = 2,05, p < 0.05$ ), o que demonstra que a religião - mesmo nesse grupo mais jovem - ainda exerce considerável influência, coerentemente com os resultados alcançados em outros estudos citados no item a do presente trabalho.

A primeira pergunta comum aos quatro grupos, número 5 do questionário dos solteiros, 4 dos separados e 2 dos casados, idosos ou não, é a seguinte:

5) Você aprova o casamento e as relações familiares como elas são?

	solt.	sep. rec	cas.	cas.id.
1 - certamente	8%	14%	19%	52%
2 - sim, com restrições	48%	44%	55%	27%
3 - igual número de de- feitos e qualidades	19%	11%	11%	7%
4 - não, embora haja mu <u>i</u> tos pontos positivos	22%	26%	14%	12%
5 - de jeito nenhum	3%	5%	1%	2%

Agrupados, os itens 1 e 2 que apontam uma atitude mais positiva para com o casamento e delinham uma "escada ascendente de satisfação": solt (56%), sep-rec (58%), cas (74%) e cas-id (79%). No degrau mais alto da satisfação, os casados idosos, e no mais baixo, os solteiros.

O que se pode depreender desses números é que o casamento - apesar das melhorias, aberturas e crescentes igualitarismo - é visto pelos mais jovens de forma negativa. Tais melhorias (v. próxima pergunta), "não foram suficientemente significativas" aos olhos de nossa amostra. Resta saber se são críticas devidamente fundamentadas ou se refletem apenas uma tendência natural do jovem de criticar a tudo e a todos ("adolescente é aquele sujeito que se recusa a acreditar que um dia fi

cará tão cretino quanto os pais" - anônimo). Vamos ver se ao longo do questionário será possível discriminar entre essas duas qualidades de respostas. Mesmo assim, se formos considerar que casados idosos dificilmente se separam e que as previsões estatísticas falam de 50% de probabilidades de separação para os jovens casais, veremos que as respostas por nós obtidas são bem coerentes com o retrato fornecido pela própria realidade.

Quanto às diferenças entre casados e separados, ( $z = 2,66$ ,  $p < 0.01$ ), é de supor mesmo que estes últimos, em função de suas experiências quase sempre traumatizantes, sejam mais críticos com relação às satisfações provenientes do casamento.

No que diz respeito às diferenças de percepção entre homens e mulheres, abriremos um espaço específico para discussão após a análise geral de todos os resultados.

- 6) Segundo o seu ponto de vista, o casamento como instituição mudou: (pergunta 5 dos sep-rec e 3 dos cas e cas-id)

	solt	sep rec	cas	cas-id
1 - para muito melhor	6%	3%	1%	2%
2 - para melhor	51%	42%	42%	26%
3 - não mudou	18%	33%	36%	28%
4 - para pior	24%	20%	20%	33%
5 - para muito pior	1%	2%	1%	11%

Procedendo-se da mesma maneira que na questão anterior, ou seja, somando-se os dois primeiros itens, obtemos os seguintes indicadores de "melhoria do casamento": solt: 57% ; sep-rec: 45%; cas: 43%; e cas-id: 28%.

Os idosos e os jovens têm inegavelmente uma visão bastante distinta do rumo que as coisas estão tomando. Os jovens, que não aprovam tanto o casamento, acham que as coisas es tão melhorando. E os idosos, ao contrário, aprovam o casamento, mas estão bem desgostosos com as "novidades" em torno dessa ins tituição ( $z = 4,14, p < 0.001$ ).

Aqui também cabe a ponderação - semelhante à feita na questão anterior com relação aos jovens - de que os mais velhos, de modo geral, acham que as coisas nunca são tão boas como eram antigamente, com a nostalgia do anos dourados do pas sado (reais ou não) colorindo a percepção da realidade presente. Por outro lado, mudanças sociais de peso somadas à libera ção de costumes e a onda crescente de divórcios - mais do qual quer percepção distorcida de uma idílica "idade de ouro" - podem ser motivos suficientes para que a amostra de idosos consi dere as inovações ocorridas, à luz de suas vivências e de seu modo de ver as coisas, como simplesmente perniciosas e de letérias.

- 7) Se você acha que o casamento mudou, indique(a) em que ele melhorou? Por quê? (pergunta 6 dos sep-rec e 4 dos cas-id). (1)

(1) Obs: só foram reproduzidas as seis respostas mais freqüentes, ou então aquelas que alcançaram um mínimo de 6% do total.

As respostas a esta pergunta, originariamente do tipo aberta, foram agrupadas em função do material obtido quando da realização do pré-teste, em 24 itens (v. anexo IIa). Expomos em seguida as causas mais citadas nas quatro condições, com suas respectivas porcentagens.

<u>solteiros</u>		<u>separados/recasados</u>	
1º emancipação feminina	17%	1º maior liberdade	11%
2º maior liberdade	15%	2º mais igualdade	10%
3º mais igualdade	9%	3º mais diálogo	9%
4º mais diálogo	8%	4º emancipação feminina	8.5%
5º mais sinceridade nas relações	7%	5º/6º maior possibilidade de separação	8.5%
6º maior possibilidade de separação	6.5%	maior divisão de responsabilidades	8.5%
(total de respostas:169)		(total de respostas:150)	
<u>casados</u>		<u>casados idosos</u>	
1º maior liberdade	19%	1º mais igualdade	15%
2º emancipação feminina	18%	2º/3º mais liberdade	13.5%
3º mais diálogo	12%	emancipação feminina	13.5%
4º mais igualdade	11%	4º maior divisão de responsabilidades	11%
5º mais sinceridade na relação	6.5%	(total de respostas:67)	
(total de respostas: 93)			

O grupo mais entusiasta - pelo menos quanto ao número de respostas - para com a melhoria no casamento foi o dos solteiros, cabendo aos idosos, por esse mesmo critério, o menor grau de satisfação. Maior liberdade, mais igualdade, mais diálogo e emancipação feminina foram os quatro fatores mais citados como causas da melhoria pelos quatro grupos. Algumas nuances, no entanto, puderam ser detectadas. Assim, por exemplo, a

emancipação feminina foi pouco valorizada no grupo sep-rec - em bora análise posterior das respostas por sexo tenha, como vere mos adiante, mostrado que essa diminuição se deve mesmo à (o) posição masculina. Este mesmo grupo privilegiou, juntamente com os solteiros, a maior possibilidade de separação como fator de melhoria no casamento. Curiosamente, idosos não colocaram como os outros três grupos, o diálogo como motivo de aperfeiçoamento da instituição.

- 7) Se você acha que o casamento mudou, indique (b) em que ele piorou? Por quê? (pergunta 6 dos sep-rec e 4 dos cas-id).

Como no item anterior, as respostas a essa pergunta foram agrupadas após o pré-teste em 19 itens (v. anexo IIb). Expomos a seguir as causas mais citadas na quatro condições.

<u>solteiros</u>		<u>separados/recasados</u>	
1º maior possibilidade de separação	23%	1º emancipação feminina	17%
2º maior imaturidade das pessoas e questões psicológicas afins	21%	2º maior imaturidade das pessoas e quest. psi. afins	12%
3º mau uso da liberdade adquirida	9%	3º causas diversas	11%
4/5º menor consciência do que representa o casamento	6.5%	4º falta de romantismo e de amor nos dias de hoje	9%
aumento da infidelidade	6.5%	5º falta de respeito mútuo	8%
(total de respostas: 78)		6/7º liberdade excessiva menor consciência do que representa o casamento	6%
		(total de respostas: 66)	

<u>casados</u>		<u>casados idosos</u>	
1º maior imaturidade das pessoas e quest. psic. afins	21%	1º maior imaturidade das pessoas e quest. psic. afins	19%
2º emancipação feminina	12.5%	2º menor consciência do que representa o casamento	11%
3º mau uso da liberdade adquirida	9%	3º menor persistência	9%
4/5/6º maior possibilidade de separação	7%	4/5/6º mau uso da liberdade adquirida	8%
menor consciência do que representa o casamento	7%	falta de religiosidade	8%
causas diversas	7%	consequências adversas da modernização	8%
(total de respostas: 56)		(total de respostas: 99)	

O item maior imaturidade das pessoas e questões psicológicas afins, que engloba respostas relacionadas à falta de seriedade, egoísmo, casar por casar, individualismo, relações superficiais, etc, recebeu uma votação expressiva em todos os grupos. Existe pois uma percepção, ainda que difusa, de uma mentalidade, de um esprit du temps que enfatiza o individualismo, a preocupação narcísica e a satisfação urgente de desejos e necessidades pessoais. E ainda, que essa mentalidade é em parte responsável pela fragilidade dos casamentos atuais. E o item menor consciência do que representa o casamento, que foi igualmente bastante citado, pode muito bem ser colocado ao lado desse conjunto de causas ditas mais "psicológicas". Já a emancipação feminina deve esse curioso lugar de destaque entre casados e separados ao contingente masculino, que vê esse movimento em parte como vantajoso, e em parte como nocivo.

Outros indicadores que merecem nossa atenção foram, da parte dos idosos, o grande número de respostas - de modo geral esse grupo foi bastante reticente e lacônico em críticas ao longo dos questionários - e declínio da fé religiosa apontado como fator de deterioração do casamento.

No grupo dos solteiros, temos um impressionante primeiro lugar ocupado pela maior possibilidade de separação. O dado se torna ainda mais interessante quando se observa que esse item, para parte dos solteiros, é fator de aperfeiçoamento. O mesmo poderia ser dito da emancipação feminina, só que nesse caso, como veremos adiante, o que houve foi uma divisão de respostas entre homens e mulheres. Já a questão da separação aparece como um fantasma ameaçador, independentemente do sexo do respondente. A separação mais fácil nos dias de hoje é vista como uma espécie de faca de dois gumes, simultaneamente um problema e uma solução, o veneno e o antídoto. E quando o príncipe a cavalo não consegue mais distinguir com clareza entre o dragão e a princesa capturada, é forçoso reconhecer que empreitadas desse tipo se tornam bem mais arriscadas e complexas...

- 8) Se você acredita na propalada crise do casamento, a que fatores você a atribui? (itens colocados por ordem de importância) - pergunta 7 dos separados e 5 dos casados.

	solt	sep-rec	cas	cas-id
1. fatores econômicos	2.1	2.2	2.1	2.4
2. emancipação feminina	2.7	2.3	2.7	3.0
3. educação inadequada dos filhos	3.0	3.0	3.2	2.8
4. excessiva ênfase em sexo	3.2	3.4	3.3	3.3
5. declínio da fé religiosa	3.9	3.5	3.5	2.8

(Obs: os resultados apresentados variam de 1 a 5 e correspondem à média das ordenações. Quanto menor o valor, maior a importância dada à causa).

Elaboramos a pergunta acima na esperança de obter indicações mais precisas acerca da avaliação dos sujeitos quanto às causas da crise. Infelizmente, no entanto, tanto quanto pudemos perceber, os dados coletados não serviram para muita coisa. Mesmo assim, confirmam a importância que o grupo dos idosos dá à diminuição da religiosidade, e que todos dão aos fatores econômicos. Mas como a pergunta é fechada, ficamos nós sem saber exatamente o que a amostra entende por motivos econômicos e como eles se fazem sentir no processo de crise. Considere-se, ainda, como a emancipação feminina é influente, mormente aos olhos do grupo sep-rec.

- 9) O que você acha da emancipação da mulher e qual a importância deste fenômeno para o casamento nos dias de hoje? (pergunta 6 dos sep-rec e 8 dos cas)

A exemplo das perguntas abertas anteriores todas as opções de respostas foram agrupadas, no presente caso, em 20 itens (v. anexo IIc).

solteiros

1º	avaliações positivas genéricas	22%
2º	mais igualdade na relação	11%
3º	melhora o casamento	10%
4º	maior conscientização dos respectivos papéis	9%
5º	é um direito delas	6.5%
6º	excessos e radicalismo e outras respostas de desvalorização	6.0%

(total de respostas: 238)

separados

1º	avaliação positivas genéricas	22%
2/3/4º	excessos e radicalismos e outras respostas de desvalorização	7%
	maior conscientização dos respectivos papéis	7%
	pode ser bom/mau	7%
5/6º	contribui para a crise do casamento	6.5%
	melhora o casamento	6.5%

(total de respostas: 225)

casados

1º	avaliação positivas genéricas	18%
2º	mais igualdade na relação	10%
3º	consequência natural do desenvolvimento social	6.5%

(total de respostas: 204)

casados idosos

1º	avaliações positivas genéricas	21%
2º	excessos, radicalismo e outras respostas de desvalorização	12%
3º	melhora as finanças do casal	9%
4º	mulher mais independente	8%
5º	melhora o casamento	7.5%

(total de respostas: 197)

A esmagadora predominância da resposta avaliações positivas genéricas, que engloba elogios diversos em torno do mesmo tema (ótimo, bom, válido, importante, etc.) é resultante - como veremos na análise diferencial das respostas dadas por

homens e mulheres - das opiniões emitidas primordialmente pelo contingente feminino. Já as respostas críticas provêm em maior parte do grupo masculino.

Cumpramos observar ainda que no grupo dos casados houve uma grande dispersão em torno das respostas possíveis, ou seja, trata-se de um tópico diante do qual prevalece a divisão das opiniões individuais, sem que se observe algum tipo de percepção mais global que possa, de alguma forma, caracterizar o grupo dos casados como um todo.

Antes de prosseguir na análise comparativa das perguntas, vejamos os resultados obtidos nas três primeiras questões de separados e de casados (apenas a 1ª) que não foram apresentadas até agora por não constarem nos questionários dos solteiros, pelos quais começamos a presente seção. Dessa maneira, a partir dessas, quase todas as questões subsequentes serão comuns aos quatro grupos.

1) Indique a situação que melhor se aplica ao seu caso: (só para grupo sep-rec)

1 - mora com companheiro(a)	14%
2 - casado(a) pela 2a. vez	12%
3 - separado: divorciado(a) ou desquitado(a)	59%
4 - casado(a) ou "juntado"(a) pela 3a. vez ou mais	6%
5 - eu e minha(meu) companheira(o) moramos em casas separadas	8%
6 - não respondeu	1%

Em nossa amostra, podemos observar que a maioria ainda não se casou de novo (se é que o fará), enquanto praticamente um terço o fez, dos quais 6% (da amostra total), já pela terceira vez. Temos ainda como respondentes um pequeno e "moderno" grupo que optou, pelo menos provisoriamente, pelo esquema de "casais unidos/casas separadas" (8%).<sup>(1)</sup>

2) Quantas vezes você já se casou (Ou se uniu a alguém)? (só para o grupo sep-rec)

1 - uma vez	63%
2 - duas vezes	29%
3 - três vezes	7%
4 - quatro vezes ou mais	0%
5 - não respondeu	1%

Outra pergunta para descrever o universo de nossa amostra de separados e/ou recasados. A maioria de nossos entrevistados casou-se (ou se uniu a alguém) apenas uma vez, e - como se vê pelas respostas à pergunta 1 - está no momento separada. Os dados não são absolutamente coincidentes, porque os 63% que se casaram uma vez dividiram-se na questão anterior pelos itens separado (59%) e - em parte - morando com

---

(1) Ainda há poucos estudos acerca das motivações que levam casais a optar voluntariamente por morar em residências separadas. Talvez seja uma tentativa de lidar com aspectos ruins da vida a dois em um casamento - tédio, rotina, comunicação empobrecida, etc - levada a cabo por casais de razoável poder aquisitivo. É um estilo alternativo de casamento com temporâneo que começa a merecer maior atenção pelos estudiosos da família e do casamento.

companheiro(a) (14%). E 36% já passaram pela experiência mais de uma vez ("Os segundos casamentos são um triunfo da esperança sobre a experiência" - anônimo). É possível, no entanto que essa "geração" daqui a vinte anos venha a apresentar - caso a atual tendência separatista permaneça - um perfil distinto do atual, com maior número de separações e re-casamentos.

3) Quando você conheceu o(a) seu(sua) primeiro(a) esposo(a)? (pergunta 1 dos casados)

	cas	sep-rec	cas id
1 - infância	3%	1%	5%
2 - adolescência (13 aos 18 anos)	31%	38%	31.5%
3 - universidade (ou 19 aos 25 anos)	44%	46%	27.5%
4 - já adulto(a) (mais de 25 anos)	22%	15%	36%

Não há entre os três grupos diferença palpável que possa fornecer indícios identificadores, principalmente quanto a alguma característica que distinguísse separados dos outros dois grupos, e que jogue alguma luz sobre possíveis relações entre idade em que se conheceu o futuro cônjuge e propensão à separação. Pelo contrário, o único resultado divergente foi o exibido pelos casados idosos, onde o conhecimento entre os cônjuges se deu com ambos os parceiros já adultos.

10) O que você espera do casamento? (solt)

O que procurou no casamento? (demais grupos)

11) O que você acha que a maioria das pessoas procura no casamento?

(respectivamente, 9 e 11 dos sep-rec e 7 e 9 dos cas e cas-id).

O que você realmente encontrou no casamento?

(pergunta 10 dos sep-rec e 8 dos cas - obviamente sem similar no grupo dos solt).

Essas perguntas foram agrupadas porque tratam da mesma temática, facilitando assim um exame conjunto.<sup>(1)</sup>

. o que espera/procurou?	solt	sep rec	cas	cas-id	média
1- segurança financeira	4.6	4.7	4.7	4.4	4.6
2- amor	1.2	1.6	1.5	1.6	1.5
3- companheirismo	2.1	2.0	1.9	1.9	2.0
4- sexo	3.1	3.0	3.2	3.1	3.1
5- estabilidade	3.9	3.6	3.6	3.6	3.7
. o que a maioria procura?					
1- segurança financeira	3.1	3.4	3.7	3.2	3.3
2- amor	2.4	2.3	2.1	2.2	2.2
3- companheirismo	3.1	3.0	2.5	2.1	2.7
4- sexo	3.1	2.9	3.0	3.8	3.2
5- estabilidade	3.0	3.3	3.5	3.2	3.3

---

(1) A escala varia de 1 a 5. Neste e nos quadros subsequentes, quanto menor o valor, maior a importância conferida pelo entrevistado.

. O que encontrou?	solt	sep rec	cas	cas-id	média
1- segurança financeira	-	3.5	4.2	4.0	3.9
2- amor	-	2.8	2.1	1.9	2.3
3- companheirismo	-	2.5	2.2	2.1	2.3
4- sexo	-	2.6	3.2	3.0	2.9
5- estabilidade	-	3.0	3.2	3.3	3.2

Dentre as cinco possibilidades apresentadas, o amor configurou-se para todos como a principal motivação para se casar, com os solteiros se destacando na valorização deste "sentimento mágico". Os dados obtidos nesse grupo revelam uma diferença significativa quando comparados à média dos casados ( $t_{(98)} = -3,22$ ,  $p < 0.01$ ) e a todas as outras médias constantes no quadro de respostas. Estes números traduzem a importância, em nossa cultura, do amor romântico como fator decisivo na escolha do cônjuge e nas razões para se casar, e relevam como os nossos jovens acreditam piamente nessa valorização, endossando-a ainda com mais vigor do que os grupos relativamente mais idosos.

Pesquisando as diferenças entre o que se procurou e o que se encontrou, percebemos entre os casados que eles acham que encontraram mais estabilidade e maior segurança financeira ( $t_{(88)} = 3,53$ ,  $p < 0.001$  e  $t_{(95)} = 2,78$ ,  $p < 0.01$ ) e menos amor e menos companheirismo ( $t_{(98)} = -4,30$ ,  $p < 0.001$ ) e  $t_{(99)} = -2,32$ ,  $p < 0.02$ ), permanecendo o sexo invariável. A mesma coisa sucedeu aos casados idosos: mais estabilidade ( $t_{(73)} = 2,40$ ,  $p < 0.01$ ), mais segurança financeira ( $t_{(64)} = 2,27$ ,  $p < 0.02$ ), menos companheirismo ( $t_{(83)} = -2,61$ ,  $p < 0.01$ )

e menos amor - aqui a diferença foi quase significativa. Sexo mostrou-se igualmente inalterado. No grupo dos separados, a mesmíssima coisa: aumento de estabilidade ( $t_{(68)} = 2,58$ ,  $p < 0.01$ ) e de segurança financeira ( $t_{(62)} = 6,62$ ,  $p < 0.01$ ), e diminuição significativa de amor ( $t_{(69)} = -6,99$ ,  $p < 0.01$ ) e de companheirismo ( $t_{(70)} = -2,45$ ,  $p < 0.01$ ), com sexo permanecendo nos mesmos níveis.

Assim, face a tantas concordâncias intergrupais, podemos afirmar que quem estiver para se casar, pode se preparar para um rôseo porvir em termos de estabilidade e de segurança financeira, e um não tão colorido futuro quando o que está em jogo é amor e companheirismo - e, diga-se de passagem: infelizmente. Quanto ao sexo, todos os grupos encontraram o que esperavam.

Um dado interessante diz respeito ao grupo dos separados, que foi o que mais discrepâncias mostrou entre o que buscavam e o que encontraram - o que faz sentido, por que se não houvesse discordância, não teriam se separado. Para este grupo, por exemplo, amor ocupou apenas um modesto terceiro lugar.

Antes de comentarmos as diferenças entre o que os entrevistados buscam no casamento e o que eles acham que os outros - a maioria das pessoas - buscam, abordaremos, ainda que sucintamente, a questão da atribuição diferencial de causalidade, princípio que fornece embasamento teórico que dá significado aos números encontrados nessa questão.

A teoria da atribuição tem captado desde os anos 60 a atenção de um grande número de psicólogos sociais. Este interesse vem se traduzindo numa grande quantidade de trabalhos de pesquisa e no crescimento e na diversificação dos tópicos abrangidos por essa teoria.

Assim, a importância de variáveis disposicionais ou externas na origem de um comportamento, o princípio do desconto, a questão da relevância hedônica e a do "mundo justo", as consequências emocionais das atribuições feitas no sucesso e no fracasso e a hipótese das perspectivas divergentes são - entre outras - contribuições significativas de diversos autores (Heider, Jones e Davis, Kelley, Weiner, Lerner, Nisbett, etc.) à teoria das atribuições causais.<sup>(1)</sup>

De nossa parte, e com relação a essa última pergunta que está sendo analisada, o interesse maior vai para a hipótese de Jones e Nisbett acerca das perspectivas divergentes. Para esses autores, observadores e atores de uma ação tendem a atribuir à mesma distintas causas. Os observadores, por exemplo, costumam atribuir fracassos de outrem a características pessoais desse outrem, e atribuir seus próprios fracassos - já como atores, e não mais observadores - a contingências externas.

---

(1) O leitor não familiarizado com esse tópico encontrará em Rodrigues (1986) um excelente resumo das principais suposições referentes a essa teoria. Recomendamos também a obra de Dela Coleta (1982), exclusivamente dedicada ao tema.

As razões para tal distorção perceptiva pode estar sediada em inúmeras causas: desde o simples fato de que os atores dispõem de informações e dados que não estão acessíveis de todo ou em grau satisfatório aos observadores, até diferenças de natureza motivacional, ou a uma crença generalizada em que as outras pessoas têm o que merecem, ou merecem o que têm (uma hipótese que Lerner batizou de "mundo justo" - citada em Dela Coleta, 1982).

Mesmo não havendo um consenso sobre o papel dessas e de outras variáveis na explicação do processo em questão, inúmeros estudos vêm comprovando a existência de perspectivas divergentes entre atores e observadores quando se trata de atribuições causais.<sup>(1)</sup> E nossa pesquisa vem engrossar essa lista, como podemos verificar através do exame das diferenças entre o que as pessoas buscam no casamento (enquanto atores) e o que elas acham que os outros buscam (atuando aí como observadores).

Os números por nós obtidos indicam que, aos olhos dos atores, o casamento dos "outros" nunca é tão nobre. Embora a ordem de escolha tenha se mantido a mesma em ambos os casos (amor, companheirismo, sexo, estabilidade e segurança financeira, em ordem decrescente), a magnitude dos valores encontrados conta uma outra história. Quando envolvidos direta

---

(1) Para a psicanálise, por exemplo, tratar-se-ia de um caso de projeção, um mecanismo ego-defensivo que opera inconscientemente fazendo com que algo de emocionalmente inaceitável para alguém seja rechachado inconscientemente e atribuído (projetado) a outra pessoa.

mente no processo, nossos entrevistados tendem a valorizar mais o amor e o companheirismo nas suas motivações para um casamento. Por outro lado, segurança financeira e estabilidade são mais importantes relativamente, quando se trata do casamento de outrem. Todas as comparações estatísticas (via t de Student) mostraram-se significativas a nível igual ou menor que 0,05 na direção apontada: os outros sempre valorizando mais aspectos "menos nobres", como a estabilidade e a segurança financeira, e os atores<sup>(1)</sup> - por sua vez, comparativamente, privilegiando o amor e o companheirismo.

O fato dessa tendenciosidade aparecer nos quatro grupos entrevistados, e com números tão relevantes, parece-nos colocar na lista dos que endossam as evidências empíricas da existência desse viés perspectivo, que põem em campos distintos observadores e atores de uma mesma realidade.

- 12) Qual o grau de franqueza na sua relação com o(a) namorado(a)? No sentido de lhe contar tudo.
- no grupo dos separados a pergunta (14) é referida ao(a) ex-esposo(a) e nos grupos casados e casados idosos (10) ao esposo(a).

---

(1) Única exceção para o grupo dos casados, que não fez uma distinção significativa no item estabilidade. Houve diferença na direção esperada, embora não estatisticamente significativa.

	solt	sep-rec	cas	cas-id
1 - conto tudo	39%	34%	30%	31%
2 - conto 75%	37%	37%	46%	32%
3 - conto 50%	17%	19%	14%	16%
4 - conto 25%	3%	3%	3%	3%
5 - não conto quase nada	1%	15%	7%	11%
6 - não respondeu	3%	3%	0%	7%

Como era de se esperar, o grupo de menor diálogo intraconjugal foi o dos separados. Somando-se os itens que denotam o menor grau de comunicabilidade - 4 e 5 - temos os separados com 18%, idosos com 14%, casados com 10% e solteiros com 4%.

Por outro lado, os solteiros quase não têm segredos entre si. A surpresa mesmo ficou por conta dos casados idosos, que alcançaram um inesperado segundo lugar, bem próximos dos separados. Pode ser que para essa geração que está atualmente na casa dos sessenta anos ou mais, o diálogo intraconjugal não seja considerado tão importante quanto para as gerações mais novas. Uma análise por sexo, nesse grupo, não revelou qualquer diferença marcante - a pouca valorização da troca de confissões se dá igualmente entre homens e mulheres.

Uma das limitações da presente indagação é que ela trata da quantidade e não da qualidade das conversas, mas nos parece legítimo assumir que, neste caso, elas se equivalem. Seria um tanto improvável que um marido ou esposa contasse tudo à mulher (ou esposo), menos que a(o) odiasse...o que dentro

de um critério rigorosamente quantitativo, daria 99% de comunicações trocadas, e num critério qualitativo, um casamento praticamente falido. Esse tipo de discrepância no entanto, como dissemos, parece bastante improvável, o que justifica a nosso ver a equivalência entre - neste caso - qualidade e quantidade de comunicações mútuas.

13) Você se imagina passando o resto de sua vida casado(a) com a mesma pessoa?

- nos casados e nos casados idosos, a pergunta (11) se refere aos cônjuges. (No grupo dos separados não há esta questão).

	solt	cas	cas.id
1 - sim	49%	78%	82%
2 - não	12%	4%	7%
3 - em dúvida	39%	18%	7%
4 - não responderam	-	-	4%

É interessante observar como as relações entre a juventude e a realidade são múltiplas e variadas. Ao lado de uma excessiva valorização do amor - como a grande solução para todos os males - e de um erro de avaliação quanto à data de seus casamentos, coexiste, como podemos ver pelas respostas dadas acima, a convicção de que as estatísticas, que mostram o número cada vez maior de separações, tem algo a ver com suas próprias realidades. Assim, apenas metade de amostra dos jovens solteiros (49%) se imagina passando o resto da vida casados com a mesma pessoa, sonho que é igualmente compartilhado por moças e rapazes (respectivamente 49% versus 51%

dos que responderam sim ao item 1). Os dados nos outros dois grupos não oferecem, por sua vez, surpresa alguma.

14) Na sua opinião, o que faz durar um casamento?

- pergunta 15 dos sep e 12 dos cas e cas-id.

	solt	sep-rec	cas	cas-id	média
1 - persistência	6,9	6,7	6,4	5,9	6,5
2 - sexo	5,0	4,6	5,3	5,4	5,1
3 - sorte	8,5	8,3	7,7	6,9	7,8
4 - amor	2,3	3,0	3,0	3,0	2,8
5 - confiança	3,8	4,0	4,3	3,8	4,0
6 - respeito mútuo	2,7	2,7	2,6	2,8	2,7
7 - companheirismo	3,7	3,7	3,3	3,8	3,6
8 - certos traços de personalidade	6,2	6,3	6,2	6,4	6,3
9 - comunhão de idéias	5,7	5,2	5,7	5,0	5,4

(Obs: os resultados apresentados variam de 1 a 9, e correspondem à média das ordenações.)

Respeito mútuo, amor, companheirismo, confiança, sexo, comunhão de idéias, certos traços de personalidade, persistência e sorte, nessa ordem, são os ingredientes que nossos sujeitos em média consideram responsáveis por um casamento feliz e duradouro. Principalmente os dois primeiros itens: respeito mútuo e amor.

Inúmeras considerações podem ser inferidas das respostas aqui obtidas. Em primeiro lugar, ao se comparar os resultados nos quatro grupos, observa-se uma admirável concordância com relação à importância dos ingredientes - todos sabem a receita ideal (a despeito do fato de que, em algum momento, algo "dá bolo"). Como vimos na introdução, há outras variáveis mais poderosas em ação, que criam expectativas impossíveis de serem satisfeitas em função das mudanças relevantes ocorridas na família e na sociedade - mas essa discussão será retomada quando da conclusão do presente trabalho. No momento o que nos interessa é proceder à análise das respostas emitidas nessa questão, relativa aos fatores que possibilitariam um casamento mais duradouro.

O grupo dos solteiros foi o único a colocar o amor em primeiro lugar. Obviamente os solteiros respondem a essa pergunta a partir de suas percepções do casamento dos próprios pais, familiares, vizinhos e amigos dos pais, e não de sua própria experiência. Assim, o que se pode depreender é, que após se casar, eles reavaliarão a importância do amor, principalmente com relação ao respeito mútuo.

Outras diferenças dizem respeito a uma menor valorização do sexo para idosos (sexto lugar nesse grupo contra quinto lugar nos demais) e uma maior importância da persistência para esse mesmo grupo (sétimo lugar contra um oitavo lugar ocupado nos demais grupos).

De fato nos surpreendeu a má colocação do item per

sistência no ranking de importância de fatores envolvidos. A palavra pode estar sendo interpretada de um modo distinto pelas pessoas, num processo similar ao que ocorre em nossa cultura com a palavra esforço, que é vista de forma pejorativa, quase que em oposição à competência ou ao talento (Rodrigues e Marques, 1984, Salom de Bustamante, 1984, Jablonski et al. 1985). É possível que algo parecido tenha ocorrido aqui, com o termo não mais significando a busca de permanência, a constância ou a pertinência. De qualquer modo é comum ouvir-se dos mais velhos - coerentemente com nossos resultados - que hoje em dia "os jovens desistem facilmente", "não enfrentam as crises", "não tem paciência", etc. Aparentemente o termo escolhido por nós - persistência - não traduz com exatidão o processo a que nos pretendíamos referir.

Ainda para o grupo dos idosos cumpre observar que sorte, mesmo tendo ficado em último lugar como nos demais grupos, recebeu uma média significativamente menor, quando comparada à média do mesmo item para os demais grupos ( $t_{(171)} = -2,29$ ,  $p < 0.05$ , comparação com média dos casados,  $t_{(160)} = -4,27$ ,  $p < 0.05$ , comparação com separados, e  $t_{(171)} = -4.98$ ,  $p < 0.05$ , comparação com solteiros).

Como nos casamentos realizados há mais tempo - aproximadamente 50 anos atrás - havia menor conhecimento prévio entre os futuros cônjuges, é natural que o fator sorte tenha para esse grupo uma maior importância relativa. Como já o indicamos na introdução, o dito "casamento é loteria" era mui

to apropriado na época em que as pessoas se casavam com pouco ou nenhum contato mútuo anterior.

Para encerrar as considerações sobre os dados logrados nessa questão, cabe-nos confessar igualmente o surpreendente baixo lugar ocupado pelo item traços de personalidade, simplesmente o antepenúltimo. Possivelmente os entrevistados devem ter presumido que não se casariam com parceiros antecipada e sabidamente não-confiáveis, desagradáveis, desonestos ou portadores de algum outro traço de personalidade pouco desejável e/ou recomendável. O que seria aliás, outra consequência da existência de boa dose de conhecimento mútuo entre parceiros antes da união ou casamento. O curioso no entanto, é que em termos jurídicos, incompatibilidade de gênios - outra forma de se referir a traços de personalidade - é a alegação mais freqüente na hora de se requerer a separação ou o divórcio.

Ou as pessoas não estão associando traços de personalidade à "incompatibilidade de gênios"<sup>(1)</sup> ou acham que já conhecem bem o outro(a) e supõem que esse outro(a) não mudará. É possível também que a expressão "traços de personalidade" tenha sido entendida diferentemente por nossa amostra, signifi-

---

(1) Nos EUA, a principal causa para separações gira em torno da expressão "diferenças irreconciliáveis", e na URSS, "incompatibilidade de personalidades". Essas expressões servem para evidenciar que as pessoas envolvidas não conseguem mais viver juntas sem que se faça necessário culpar uma das partes. Na URSS, 64% dos divórcios encontram aí sua razão de ser, embora muitas vezes não seja a "causa verdadeira" das separações - seria um expediente para poupar discussões maiores e evitar conflitos.

cando, a exemplo do item persistência, algo distinto do que pretendíamos.

Em suma, apesar dessas pequenas diferenças, há uma grande dose de concordância acerca dos ingredientes necessários para uma receita de felicidade e harmonia. Resta descobrir por que tanta gente está abandonando a refeição nomeio...

15) Qual a probabilidade de seu atual namoro terminar em casamento? (solt)

Qual a probabilidade de sua atual união/casamento terminar em separação? (cas e cas-id, nº 13)

	solteiros	
1 - quase zero (altamente improvável)	14%	
2 - por volta de 20 a 25%	7%	
3 - por volta de 50%	12%	
4 - por volta de 70 a 75%	3%	
5 - quase 100% (altamente provável)	19%	
6 - não estou namorando no momento	1%	
7 - não responderam	1	
	casados	casados idosos
1 - quase zero (altamente improvável)	59%	70%
2 - por volta de 20 a 25%	29%	5%
3 - por volta de 50%	8%	5%
4 - por volta de 70 a 75%	3%	0%
5 - quase 100% (altamente provável)	1%	6%
6 - não responderam	-	14%

Um quinto dos jovens (somatório das respostas aos itens 1 e 2) estão namorando sem maiores preocupações com futuros compromissos, o que deve causar esperanças nos 44% que não estão namorando no momento e podem esperar que aqueles 20% pouco entusiasmados rompam seus relacionamentos e fiquem à sua disposição.

Quanto aos casados e casados idosos, a expressiva maioria não pensa em se separar. É verdade, no entanto, que começam a surgir os primeiros sinais de que mesmo casais unidos há bastante tempo (mais de vinte anos) têm se mostrado inclinado a compartilhar do atual clima pró-separações. Mesmo se tratando de evidências anedóticas, é possível que, mais cedo do que se pense, estudiosos na área da família e do casamento tenham que se debruçar também sobre processos de divórcios e separações em contingentes aparentemente já imunes a este tipo de problema, que, a confiar nas respostas de nossa amostra, ainda é um fenômeno bem reduzido.

- 16) Caso esteja namorando, quem você acha que tem se esforçado mais para que o namoro/união/casamento se mantenha bem?  
 - pergunta 14 dos cas e cas-id e pergunta 12 dos sep. Neste último grupo, a pergunta se referia à primeira união.

	solt	sep-rec	cas	cas-id
1 - eu, bem mais que ela(e)	2%	37%	13%	19%
2 - eu, pouco mais que ela(e)	6%	19%	11%	1%
3 - nós, em igual medida	34%	17%	65%	57%
4 - ela(e), pouco mais que eu	10%	9%	5%	12%
5 - ela(e), bem mais do que eu	4%	16%	4%	3%
6 - não respondeu	44%	2%	2%	8%

Estudos sobre relações afetivas, realizados à luz da teoria da equidade, têm demonstrado que a maioria das pessoas se sente bem quando recebe o que acreditam merecer numa relação afetiva. E se sentem mal quando essa troca é injusta, isto é, quando se percebem dando mais do que recebem - o que provoca mágoa e ressentimentos - ou dando menos do que recebem, o que não é tão doloroso mas é igualmente capaz de provocar sentimentos de culpa ou de medo de que a relação termine.<sup>(1)</sup>

Segundo a teoria, homens e mulheres, quando se percebem numa relação iníqua, tentam restaurar o equilíbrio de fato ou psicologicamente - isto é, tentando se convencer de que a relação é justa. Se ambas as tentativas falham, e a segunda está sempre muito perto disso, uma terceira possibilidade é terminar a relação.

Os dados por nós obtidos nessa questão confirmam a relação entre iniquidade e insatisfação no contexto afetivo. O grupo que se separou é o de menor percentagem no item 3 - igual contribuição de ambos os parceiros para a manutenção e desenvolvimento da relação - com um total de 17% contra 57% dos casados idosos e 65% dos casados (os índices relativamente baixos do grupo dos solteiros (34%) devem-se ao fato de 44% da amostra não estarem engajados em nenhuma relação afetiva, o que reduziu a frequência em todos os itens. A proporção no entanto, descontados os tais 44%, colocaria esse grupo bem próximo dos casados em termos de equidade percebida).

(1) Para maiores esclarecimentos acerca da teoria da equidade, recomendamos a leitura de Walster et al. (1978), Equity: Theory and Research.

Um outro modo de se confirmar a relação entre satisfação conjugal e equidade, em termos afetivos, seria comparar os dados aqui obtidos com os da pergunta "Imagina-se passando o resto da vida com seu cônjuge?". De fato, dos 78% que responderam sim a essa indagação, 57% percebem a relação como equitativa, e, dos 4% que disseram que não se imaginam convivendo por toda a vida, apenas 1% vêem igualdade no dar e receber. Não fora o pequeno número de respondentes não (apenas 4%) e teríamos aqui também uma outra confirmação da importância da questão da equidade no bom desenvolvimento e na solidez de uma união. Dos que responderam talvez à futura duração da união, 7% vêem a relação como equitativa, 10% como não equitativa e 1% não respondeu, o que também pode, descontadas as mesmas limitações de generalização pelo reduzido número de respostas, colaborar para confirmar a tendência que enfatiza a importância prevista pela teoria da equidade.

Nos casados idosos, a mesma coisa. Não fora pelo reduzido número de sujeitos que não pretendem se separar e provavelmente teríamos dados comprobatórios da importância da teoria em questão. Dos 7% que não se imaginam compartilhando da união pelo resto da vida, só 2% vêem a relação como equitativa.

Já que estamos nos debruçando sobre essa questão de atribuição de causalidade, examinaremos agora uma questão presente unicamente no caderno de perguntas do grupo dos separados, que é a seguinte:

12) Em caso de separação anterior, a quem você atribui o término da mesma?

1 - culpa do outros	23%
2 - culpa sua	4%
3 - culpa dos dois	53%
4 - nenhum dos dois foi culpado	17%
5 - não respondeu	3%

Como nas perguntas que tratavam das diferenças entre as motivações pessoais e de outros para se casar, aqui também estamos nos embasando, para análise das respostas, em pressupostos fornecidos pela teoria da atribuição de causalidade. Se é verdadeira a tendência de que, em primeira instância, externalizamos nossos fracassos e internalizamos o sucesso, seria de se esperar que nas respostas à questão acima predominasse o item 1.

Isso, no entanto, não ocorreu. Numa inesperada demonstração de equilíbrio e maturidade, os separados atribuem majoritariamente a culpa pelo fracasso da união aos dois, ou a nenhum dos dois especificamente (70%).

Não é muito fácil levantar razões palpáveis e críveis para se justificar a obtenção de resultados contrários a uma hipótese que vem sendo sobejamente observada em um sem-número de pesquisas.

Podemos especular porém, que, como essas atribuições via de regra possuem um caráter ego-defensivo ou racionalizan-

te, cujo objetivo maior estaria vinculado à manutenção ou incremento da auto-estima do sujeito, é possível que no caso em questão, as partes envolvidas já tenham de algum modo - dado o razoável espaço de tempo ocorrido entre a separação e a realização das entrevistas - readquirido a confiança perdida, não havendo mais portanto uma grande necessidade de restaurá-la através de um distorção perceptiva egotística.<sup>(1)</sup>

Mesmo assim, se comparamos os que atribuem o fracasso da relação a si próprios ou a outrem, os números encontrados - 4% versus 23% - evidenciam que pelo menos parte razoável de nossa amostra comporta-se da maneira preconizada pela hipótese egotística de Snyder et al.

13) Em caso de separação anterior, a que causas você atribuiria o término da relação? (Se você é separado mais de uma vez, responda tendo em vista a primeira união).

- como nas demais perguntas onde as respostas são colocadas em ordem decrescente de importância pelos entrevistados, quanto menor o valor numérico, maior a importância conferida.

1 - falta de persistência	3,2
2 - falta de vocação	3,6

---

(1) Este termo criado por Snyder et al. refere-se justamente a esse processo, pelo qual um sujeito se auto-credita os méritos quando os resultados são positivos, e evita aceitar a culpa quando o resultado é o fracasso. A preferência por esse termo, segundo Dela Coleta (1982), se prende ao fato de que termos correlatos como defensividade e racionalização, entre outros, pressupõem envolvimento de natureza diversas em função das teorias nas quais tiveram origem, o que levaria fatalmente a confusões no entendimento e na exatidão desta nova proposta.

3 - azar	4,5
4 - problemas financeiros	4,0
5 - incompatibilidade de gênios	2,0
6 - problemas específicos de um dos conjuges (ex.: alcoolismo, desvios de conduta, etc.)	2,9
7 - outros (especificar)	3,3

Essa pergunta, por motivos óbvios, foi feita apenas para o grupo dos separados. E incompatibilidade de gênios foi a causa mais citada, seguida de problemas específicos de um dos cônjuges, falta de persistência e de causas diversas. A primeira e mais intrigante constatação que se pode fazer é que os principais motivos alegados para a separação foram considerados anteriormente irrelevantes para a durabilidade de um casamento! Traços de personalidade, que ocupou um modestíssimo antepenúltimo lugar entre os fatores capazes de fazer um casamento perdurar, coloca-se agora - seja como incompatibilidade de gênios, seja como problemas específicos de um dos cônjuges - como poderoso agente desagregador. E a persistência, penúltima colocada no ranking relativo à permanência, é agora a terceira razão mais importante no caso das separações dos próprios entrevistados.

Trata-se de um viés atribucional inesperado. Exceto pelo fator sorte/azar, que em ambos os casos se mostrou de pouca importância, o que se vê é uma inversão expressiva de valores: o que é importante na manutenção de um casamento não o é para evitar que ele se acabe e vice-versa. A análise do item outros (4º lugar), que poderia jogar alguma luz no esclareci -

mento do processo em questão, não se mostrou produtiva: nem falta de amor aparece em número mais significativo do que as outras respostas. Estas se pulverizam entre motivos os mais diversos, tais como falta de diálogo, desnível sócio-cultural muito acentuado, falta de maturidade, problemas neuróticos, problemas sexuais e muitas outras respostas que na verdade estariam melhor enquadradas na categoria problemas específicos de um dos cônjuges. Mesmo que as pessoas tenham se deixado levar pelo rótulo incompatibilidade de gênios para justificar suas separações, utilizando-o de forma estereotipada e acrítica - como se a simples menção do termo em questão fosse suficiente para "explicar" a separação - mesmo assim, ficaríamos sem ter como entender os outros resultados "invertidos", notadamente o da questão da falta de persistência.

Pode ser que, aos olhos de nossos entrevistados os fatores que levam à felicidade ou à infelicidade no casamento corram paralelos a certas vivências extraídas de seus cotidianos. Afinal, não deixa de ser correto, por exemplo, que a saúde só é notada pela sua falta: ficamos infelizes quando estamos doentes, mas dificilmente nos alegamos por não ter sofrido durante o dia de dores de cabeça ou de estômago. Igualmente, talvez dinheiro não garanta a felicidade no casamento, mas a falta dele - como aliás bem demonstram os estudos de Liker e Elder (1983) sobre a Depressão e o aumento de divórcios nos EUA - seguramente deflagra conflitos diversos.

Não nos parece uma explicação muito brilhante, mas

faute de mieux, e até que saibamos algo mais sobre esse curioso viés perceptivo, nos vemos obrigados a nos satisfazer com a mera descrição da existência do mesmo.

17) Com relação a algum(a) amigo(a) próximo(a) que tenha se casado e depois separado, a que causas você atribuiria o término da união?

- pergunta 17 dos sep. e 15 dos cas. e cas-id.

	solt	sep-rec	cas	cas-id	média
1- falta de persistência	3,8	3,5	3,5	2,9	3,4
2- falta de vocação	3,9	3,6	4,0	4,1	3,9
3- azar	5,8	5,1	5,1	5,3	5,3
4- problemas financeiros	3,7	3,9	3,4	3,2	3,6
5- incompatibilidade de gênios	1,9	1,9	1,9	1,9	1,9
6- problemas específicos de um dos cônjuges	3,8	3,0	2,7	2,9	3,1
7- outros	4,0	4,6	5,4	5,4	4,9

Levando-se em conta primeiramente as comparações que separados fazem dos motivos de suas separações e de outros, temos o seguinte quadro:

separados	própria separação	separação de outros
1 - falta de persistência	3,2	3,5
2 - falta de vocação	3,6	3,6
3 - azar	4,5	5,1
4 - problemas financeiros	4,0	3,9
5 - incompatibilidade de gênios	2,0	1,9
6 - problemas específicos de um dos cônjuges	2,9	3,0
7 - outros	3,3	4,6

Como se pode ver, as diferenças de peso entre as diversas causas citadas para os dois grupos estão apenas na distribuição do fator diversos/outros ( $t_{(77)} = -2,23$ ,  $p < 0,05$ ) e ao azar ( $t_{(114)} = -2,36$ ,  $p < 0,05$ ). Separados, quando avaliam o término de suas próprias uniões valorizam mais essas duas causas, quando comparadas ao término de relações/uniões de conhecidos ou pessoas próximas.

A maior auto-atribuição ao azar é consonante com as hipóteses da atribuição, que prevêem que sujeitos tendem a externalizar os próprios insucessos e interiorizar os fracassos dos outros. De acordo com esses mesmos princípios teóricos, porém, os sujeitos deveriam se auto-atribuir mais problemas financeiros (causa externa), o que, no entanto, não ocorreu.

Com relação às diferenças ocorridas no item outros, a teoria igualmente prevê que, pelo fato de os atores disporem de muito mais informações que observadores, para um dado com-

portamento em uma situação particular, é de se esperar que explicações adicionais surjam em maior número e com maior peso quando os entrevistados - como atores - dissertam sobre suas próprias separações, do que sobre a de outros. O que os dados por nós obtidos confirmam: houve o dobro de respostas quando a explicação do insucesso se referia ao próprio casamento.

Já a análise qualitativa dessas respostas não se mostrou muito frutífera. Encontramos apenas uma moderada tendência dos respondentes de atribuir os erros ao outro cônjuge (30% das respostas neste item). A maior parte das respostas, porém, responsabiliza fatores indefiníveis do ponto de vista do locus de controle. Era de se esperar uma tendência maior nesse sentido, isto é, de que os entrevistados se auto-atribuíssem menor responsabilidade no fracasso de seus casamentos, uma vez que assumi-la implicaria na premissa de que eles poderiam - até mesmo deveriam - ter feito algo para impedir o desfecho ocorrido. Uma atribuição assim levaria o sujeito a se questionar por que, tendo ele controle sobre o processo, nada fez para evitá-lo. Essas e outras indagações perturbadoras e ameaçadoras à auto-estima são postas de lado quando o indivíduo se vale de um viés perceptivo pelo qual "o outro" é o maior responsável pelos erros cometidos. Não é que essa tendência não tenha aparecido, mas, como já o afirmamos, não se manifestou com a magnitude esperada.

Quanto às comparações entre os quatro grupos, podemos observar uma notável concordância intergrupar, com a incompatibilidade de gênios sendo considerada por todos a principal causa dos términos precoces das uniões.

Como se pode observar no quadro de respostas a essa pergunta, não há quase diferenças que mereçam um comentário específico de nossa parte. Cite-se apenas a valorização dada à persistência pelo grupo dos idosos, a que já nos referimos inclusive quando da análise à pergunta 14 (12 para os cas-id).

16) [cas. e cas-id.] Na hipótese de você vir a separar-se e/ou já ter pensado seriamente em fazê-lo, quais dos fatores abaixo podem ser considerados como os maiores empecilhos para tal?

- para os separados, a pergunta (18) se referia à própria separação, sendo-lhes solicitado que colocassem por ordem de importância os fatores que teriam dificultado ou quase impedido a separação. Essa pergunta não foi endereçada ao grupo dos solteiros.<sup>(1)</sup>

	sep-rec	cas	cas-id	média
1 - as crianças	3,0	2,4	1,7	2,4
2 - motivos religiosos	6,6	6,5	5,2	6,1
3 - falta de coragem	3,1	3,6	3,7	3,4
4 - pressões sociais	4,8	5,3	5,1	5,1
5 - sentimento de culpa	4,6	4,0	4,9	4,5
6 - medo da pobreza	7,5	7,6	6,6	7,2
7 - medo da solidão	4,1	4,3	5,0	4,5
8 - pressões familiares	4,5	5,0	5,4	5,0
9 - medo do sofrimento	4,0	4,5	5,2	4,5

(1) A escala varia de 1 a 9. Quanto menor o valor, maior a importância conferida pelo entrevistado.

Por ordem decrescente de importância, os maiores empecilhos para uma separação - eventual ou de fato - seriam: as crianças (filhos), falta de coragem, medo do sofrimento, medo da solidão, sentimento de culpa - estes três itens empatados - pressões familiares, pressões sociais, motivos religiosos e medo da pobreza.

Comparando-se os resultados por cada grupo, pode-se observar que os "freios" são os mesmos, seja para os casados, os casados mais idosos ou para aqueles cujos "freios" de fato não funcionaram, uma vez que optaram por separar-se. As pequenas diferenças encontradas podem ser creditadas mais à flutuações amostrais do que à priorização de algum dos motivos levantados. Dentre esses, filhos são indubitavelmente o maior obstáculo para uma eventual separação para os casados, e também para os separados. Como os questionários foram respondidos por quem tinha e não tinha filhos, ao refazermos as médias levando-se em conta apenas os que tinham filhos, constata-se uma ainda maior valorização das crianças: a média cai de 2,4 para 2,2 entre casados e de 3,0 para 2,1 entre separados,<sup>(1)</sup> o que vem demonstrar a inequívoca importância da presença dos filhos no casamento. A mera comparação numérica tendo como referencial a presença ou não de filhos (vide nota de pé de página) pode ser considerada como uma evidência a mais de que os filhos servem como fator de estabilidade nos casamentos.

---

(1) a média dos casados caiu pouco porque apenas quatro dos entrevistados não tinham filhos. Entre separados, quatorze enquadraram-se nessa situação.

Uma diferença perceptível - e que comprova a nosso ver o espírito mais individualista que caracteriza nosso tempo - é a de que os motivos mais "sociais", ligados a pressões familiares, religiosas e mesmo sociais, ocuparam os últimos lugares - quando comparados a categoria de motivos de "foro íntimo", isto é, aqueles que dizem respeito a decisões mais psicológicas e subjetivas - medo da solidão, sofrimento e sentimento de culpa.

Como já apontamos na introdução (pag. 19), muitos estudiosos e analistas vêm denunciando esse espírito "narcísico auto-indulgente" contemporâneo, que se caracteriza basicamente por uma preocupação com a própria felicidade, em nível bem superior aos cuidados até então prestados e dedicados à formação de relações estáveis e de compromissos para com as famílias de ambos os cônjuges e também para com a comunidade. Confirma-se, por exemplo, Hareven (citada em Skolnick e Skolnick, 1983) para quem se vive hoje um momento em que se confere exagerada ênfase aos aspectos emocionais de intimidade e privacidade, em detrimento de uma vida mais coletiva, onde a voz da família e da comunidade seria a primeira a ser ouvida. Se essa mudança de valores contribuiu para a "liberação dos indivíduos" em compensação vem proporcionando uma equivocada e danosa "elegia de um individualismo extremado", que tende a isolar as famílias da sociedade e os próprios parceiros entre si. Os dados por nós aqui obtidos confirmaram a primazia das motivações mais individualistas, até mesmo quando se pensa nos fatores que concorrem para impedir uma separação.

Como observações finais, antes de passarmos adiante, cite-se que os casados idosos s<sup>o</sup> valorizaram mesmo as crianças e a falta de coragem, colocando todos os outros motivos bem próximos na sua "desimportância". Como era de se esperar igualmente, esse grupo enfatizou mais do que os outros a questão da religiosidade ( $t_{(91)} = -2.14$   $p < 0.05$ , comparação com casados e  $t_{(100)} = -2,49$   $p < 0.05$ , comparação com separados).

E o medo da pobreza ocupou um unânime último lugar no ranking dos fatores que poderiam inibir uma eventual separação. Seria interessante verificar a posição e o valor que esse item ocuparia caso a pergunta estivesse referida à separação de outros, a exemplo do que foi feito quando da pergunta acerca das expectativas com relação ao casamento. Nessa ocasião, pudemos comprovar a presença de um viés perceptivo, em termos de atribuições causais. Infelizmente, na época da elaboração da presente pesquisa não nos ocorreu tentar comprová-lo aqui também.

18) Liste 5 razões para explicar porque o casamento é vantajoso. (pergunta 19 dos sep. e 17 dos cas. e cas-id.)<sup>(1)</sup>

Solteiros	separados-recasados
1º respostas de intimidade e de compartilhamento 27%	1º respostas de intimidade e de compartilhamento 22%
2º possibilidade de se ter filhos em condições ideais 14%	2º possibilidade de usufruir rel. emocional estável 17%

(1) Pergunta originariamente do tipo aberta e agrupada em categorias quando da realização do pré-teste. Vide anexo II-d.

solteiros		separados-recasados	
3º possibilidade de se cons- tituir família, um lar	12%	3º melhora a sexualidade	14%
4º satisfação psicológica individual	9%	4º possibilidade de se ter filhos em condições i- deais	13%
5º possibilidade de usu - fruir relação emocional estável	8%	5º possibilidade de se cons- tituir família, um lar	8%
6º melhora a sexualidade	7%	(total de respostas: 303)	
(total de respostas: 294)			

casados		casados idosos	
1º respostas de intimidade e de compartilhamento	22%	1º possibilidade de usufruir rel. emocional estável	19%
2º possibilidade de usu - fruir relação emocional estável	16%	2º respostas de intimidade e de compartilhamento	18%
3º possibilidade de se ter filhos em condições i- deais	13%	3º possibilidade de se cons- tituir família, um lar	13%
4º possibilidade de se cons- tituir família, um lar	12%	4º possibilidade de se ter filhos em condições i- deais	11%
5º melhora a sexualidade	9%	5º melhora a sexualidade	9%
6º satisfação psicológica individual	8%	6º crescimento sócio-econô- mico	7%
(total de respostas: 313)		(total de respostas: 276)	

As respostas mais citadas - de intimidade e de compa  
partilhamento - englobando referências à vida em comum, importân-  
cia do companheirismo, estar junto 24 horas (incluindo os mo-  
mentos difíceis), maior intimidade, etc., predominaram em todos  
os grupos, com exceção dos casados idosos, onde ocuparam o segun-  
do, quase empatado com o primeiro lugar.

De um modo geral, as vantagens do casamento são as  
mesmas aos olhos dos quatro grupos entrevistados. Além da inti-  
midade e do compartilhamento acima citadas, as outras vanta-  
gens do casamento relacionam-se à possibilidade de se ter fi-  
lhos em condições ideais, possibilidade de se ter uma relação  
emocional mais sólida estável, possibilidade de se constituir  
família (um lar), uma sexualidade melhor (mais ativa, natural,  
legitimada socialmente), e à satisfação psicológica e seguran-  
ça emocional em nível individual.

As principais diferenças intergrupais dizem respeito  
a uma menor preocupação com a estabilidade por parte dos sol-  
teiros e a uma valorização dos aspectos sócio-econômicos pelos  
idosos. No primeiro caso, pode ser que os solteiros não se in-  
comodem muito com a questão da estabilidade - coisa para casa-  
dos - nem imaginem sua importância, dada até a menor estabili-  
dade de seus relacionamentos afetivos. Já os idosos podem es-  
tar expressando suas próprias inquietações ao enaltecerem as-  
pectos mais materiais do casamento.

Na comparação entre casados e separados, o único fa-  
tor que merece destaque é o da maior ênfase conferida à sexua-

lidade pelos separados. De resto, suas respostas são bem parecidas. Cite-se ainda que o grupo que mais apresentou respostas positivas foi o dos casados, um sinal, no mínimo, de coerência. Já o fato de o grupo de idosos ter apresentado o menor número de respostas não quer dizer, no entanto, o contrário. De um modo geral a emissão de respostas neste grupo foi bem baixa. Em outras pesquisas futuras talvez seja necessário criar algum estímulo adicional para se obter de pessoas com mais de sessenta anos o mesmo grau de participação que os "mais jovens" demonstram.

19) Liste 5 desvantagens da vida de casado(a).

- pergunta 20 dos sep e 18 dos cas. e cas-id<sup>(1)</sup>

<u>solteiros</u>		<u>separados recasados</u>	
1º perda de liberdade e da privacidade	18%	1º perda da liberdade e da privacidade	21%
2º rotina e suas consequências	18%	2º rotina e suas consequências	19%
3º aumento de compromissos e de responsabilidades	16%	3Aº aumento de compromissos e de responsabilidades	10%
4º perda da individualidade	8%	perda da individualidade	10%
5º aumento de conflitos	6%	5º aumento da possessividade	8%
(total de respostas: 241)		6º "fechamento" excessivo	6%
		(total de respostas: 227)	

(1) Pergunta originariamente do tipo aberta e agrupada posteriormente em categorias. Vide anexo II-e.

<u>casados</u>		<u>idosos</u>	
1º perda da liberdade e da privacidade	20%	1º perda da liberdade e da privacidade	19%
2º aumento de compromissos e de responsabilidades	14%	2º rotina e suas consequências	11%
3º rotina e suas consequências	12%	3/4º aumento de compromissos e responsabilidades	10%
4º perda da individualidade	9%	aumento de conflitos	10%
5º consequências ruins inerentes à instituição do casamento	8%	5/6º ter de aceitar o outro com seus hábitos, manias, etc.	7%
		desvantagens econômicas	7%
(total de respostas: 220)		(total de respostas: 153)	

Como se pode ver pelas respostas acima, quem estiver muito preocupado com liberdade e privacidade deve pensar bem antes de se casar. Rotina e suas consequências (acomodação, monotonia, perda de romantismo, perda da atração sexual, indiferença, etc.) e aumento de compromissos e de responsabilidades (obrigações, deveres, sacrifícios, etc.), são outros dois sérios e unânimes obstáculos no caminho para se obter um casamento feliz.

De certo modo, se os entrevistados têm consciência correta dos males que os afligem, caberia a um psicólogo clínico da área de família ou a um psicólogo social aplicado analisar as respostas dadas e, a partir delas, buscar soluções para um casamento melhor.

Resta saber se os entrevistados têm essa consciência, e, sendo assim, se é possível eliminar ou diminuir substancialmente essas desvantagens.

Como vimos na introdução, o isolamento da "fam-ilha" contemporânea pode estar sendo responsável por boa parte dessas desvantagens, incluindo as responsabilidades aumentadas - agora divididas por poucos com a diminuição da família -, a perda da privacidade e a rotina e suas conseqüências. Evidentemente, a longevidade, a modernização, urbanização e as mudanças nas atitudes sobre a sexualidade vêm contribuindo - como também já o indicamos - e interagindo para colocar todas essas pedras no caminho para se chegar a um casamento feliz - fatores dos quais, nossos entrevistados, aparentemente não têm consciência.

Entre os separados chegou a aparecer, ainda que em sexto lugar, o isolamento excessivo e a perda de contato com outras pessoas, como uma real desvantagem do casamento contemporâneo. E foi só. Na verdade, nossos entrevistados, como se fossem "pacientes", apenas têm noção e se queixam do que analogamente em medicina se convencionou chamar de "sintomas".

Embora isso não lhes tenha sido perguntado, os solteiros devem ter respondido basicamente - dada sua condição de não casados - a partir da observação do casamento dos próprios pais em primeiro lugar - e no de pais de amigos, tios, familiares, e mesmo da imagem veiculada pela arte (cinema, teatro, literatura). Mas mesmo esse grupo - como os demais - apresen-

tou mais respostas à pergunta anterior - vantagens do casamento - do que a essa, o que é consonante com a própria realidade, uma vez que a maioria das pessoas ainda se casa. Até os separados, conforme mostram as estatísticas, voltam a se unir. Há pois, mais vantagens do que desvantagens, resultando num processo curioso onde se vê mais uma rejeição de parceiros(as) do que da instituição propriamente dita.

Mas os divórcios e as críticas inegavelmente existem. Uma apreciação simplista indica uma pista: um "lugar" onde não há liberdade ou privacidade, onde se perde a individualidade e se vive uma desgastante rotina, a que se somam razoáveis conflitos, esse lugar ou é uma prisão ou algo bastante parecido, como por exemplo, uma ilha afastada milhas e milhas da sociedade / comunidade...

Quanto às diferenças entre os grupos, elas são bem pouco significativas. O próprio consenso existente é, por si, valiosa fonte de informações para se buscar as soluções que minorem a chamada crise do casamento contemporâneo.

20) Em uma semana típica (segunda a sexta), estime a porcentagem de tempo gasto em média por você nas seguintes atividades: (cuidando para que o total chegue a 100%).

- pergunta 21 dos sep e 19 dos cas e cas-id.

Em uma semana típica (segunda a sexta), estime a porcentagem de tempo gasto em média que você consideraria ideal em termos de uma vida qualitativamente mais satisfatória (cuidando para que o total chegue a 100%):

Em uma semana típica (segunda a sexta), estime a porcentagem de tempo gasto em média pela maioria dos(das) seus(suas)/conhecidos(as) (cuidando para que o total chegue a 100%).

- pergunta 23 dos sep e 21 dos cas e cas-id.

<u>você "real"</u>	<u>solt</u>	<u>sep</u>	<u>cas</u>	<u>cas-id</u>
1 - ver TV	10%	11%	10%	15%
2 - atividades solitárias	12%	12%	11%	16%
3 - afazeres doméstico	5%	9%	12%	18%
4 - trabalho fora	10%	46%	45%	25%
5/0 - estudos	36%	-	-	-
6/5 - lazer com a família	6%	12%	9%	13%
7/0 - namoro	11%	-	-	-
8/0 - lazer com amigos	10%	-	-	-
9/6 - cuidar de outras pessoas (filhos, etc.)	-	10%	13%	13%

Como se pode ver, os itens para os solteiros são um pouco diferentes, incluindo namoro e lazer com amigos, que não foram incluídos para os demais grupos. Nestes, por outro lado,

há o item cuidar de outros, não apresentado aos solteiros. O número do item lazer com a família é 6 para os solteiros e 5 para os demais grupos.

<u>você "ideal"</u>	<u>sep</u>	<u>cas</u>	<u>cas-id</u>
1 - ver TV	10%	8%	12%
2 - atividades solitárias	15%	16%	18%
3 - afazeres domésticos	8%	10%	13%
4 - trabalho fora	35%	34%	24%
5 - lazer com a família	19%	19%	20%
6 - cuidar dos outros	13%	13%	13%

<u>os outros</u>			
1 - ver TV	14%	15%	19%
2 - atividades solitárias	11%	9%	12%
3 - afazeres domésticos	11%	12%	18%
4 - trabalho fora	42%	43%	26%
5 - lazer com a família	12%	10%	13%
6 - cuidar dos outros	10%	11%	12%

Essas três perguntas foram incluídas na esperança de se obterem dados em torno da disponibilidade de tempo dos entrevistados em atividades solitárias ou atividades familiares conjuntas, e de suas implicações no casamento. As referências às disponibilidades temporais de outros e dos próprios sujeitos, em condições ideais, visaram obter informações sobre quanto ajustados os indivíduos se sentem às normas (em comparação com outros) e à compatibilidade entre o que as pessoas fazem e gos

tariam de fazer - quanto maior a discrepância, presume-se que seja maior a insatisfação com a própria situação.

Quanto ao lazer só (atividades solitárias), ou ao lazer com a família, não encontramos nenhuma diferença digna de nota entre os quatro grupos. Um erro que cometemos foi o de não acentuar para os separados que a pergunta se referia à primeira união (já dissolvida). Desse modo, acreditamos ter perdido a oportunidade de captar algumas distinções importantes entre os casamentos que vão - e que não vão - bem, através de como os sujeitos ocupam seu tempo e de suas implicações para a relação.

Evidentemente estamos cientes que o tempo gasto percebido nem sempre está de acordo com o tempo gasto "de fato", conforme outros estudos já comprovaram. De qualquer modo, nos interessaria descortinar a autopercepção dos entrevistados - que mesmo não muito precisa - traria informações relevantes que pudessem retratar o grau de envolvimento na relação.

Essa mesma falta de especificação para os separados influenciou para que não conseguíssemos captar diferenças em nossas outras suposições: os grupos pouco diferem entre si.

Antes de passar adiante, no entanto, cabe citar algumas observações interessantes. A grande diferença, por exemplo, entre a vida levada de fato pelo sujeito e uma vida mais "ideal" repousa basicamente em menos trabalho. Separados e casados gostariam de trabalhar pelo menos 20% a menos (aos sol -

teiros isso não foi perguntado, e os casados idosos já trabalham bem menos: apenas 25% do seu tempo é dedicado a esse item). O tempo maior disponível em função da diminuição desse item foi carreado pelos entrevistados para lazer com a família em primeiro lugar, e atividades solitárias em segundo. Ver TV, afazeres domésticos e cuidar de outros não seriam afetados por essa maior disponibilidade temporal.

É interessante ver também o pouco tempo dedicado pelos jovens ao lazer com a família (6%), e de como os idosos não vêm tão mais televisão que os demais grupos. Evidências anedóticas, no entanto, não parecem confirmar essas afirmações dos idosos quanto ao tempo gasto diante da TV. Aparentemente nossos entrevistados idosos estão calculando por baixo sua dedicação à TV - ou então são os outros que vêm mais TV do que normalmente se supõe; hipótese que consideramos menos pertinente.

Finalmente, ao contrastarmos o que as pessoas fazem com o que elas acham que os outros fazem, a única diferença razoável - e mesmo assim não significativa - está no fato de que os outros vêm mais televisão. Esses mesmos outros têm menos atividades solitárias e também trabalham menos. Como dissemos, não são diferenças estatisticamente relevantes, embora tenham aparecido em todos os grupos (única exceção para os idosos que não acham que seus pares trabalhem menos que eles). Ou seja, os outros aparentemente trabalham menos e dispõem de mais tempo para ver televisão.

Mas, dada nossa falha no fraseado da pergunta, o que pudemos perceber, na verdade, foi que perdemos tempo na sondagem de como os entrevistados dispõem de seu tempo...

21) Pensando no que lhe proporcionará maior felicidade pessoal, avalie percentualmente as duas possibilidades abaixo (cuidando para que o total chegue a 100%).

- pergunta 24 dos sep e 22 dos cas e cas-id.

	<u>solt</u>	<u>sep</u>	<u>cas</u>	<u>cas-id</u>	<u>média</u>
1 - trabalhar fora	57%	54%	55%	48%	53,5%
2 - cuidar da casa e dos filhos	43%	46%	45%	52%	46,5%

Nenhuma das diferenças intergrupais mostrou-se significativa a nível de 0,05. Na verdade, a análise dessa questão só faria sentido após a separação por sexo, esperando-se que homens preferissem o trabalho fora e as mulheres os cuidados da casa/filhos - consequência da tradicional divisão de papéis existentes.

Para nossa surpresa, não foi o que aconteceu. A divisão quase igualitária não se deveu ao fato de o contingente masculino ter escolhido uma opção e o feminino a outra. Ambos os grupos denotaram uma preferência pelas atividades fora de casa, na mesma quantidade. O que esses números significam?

Para as mulheres, como já apontamos na introdução - capítulo sobre a emancipação feminina - os dados parecem confirmar o processo de esvaziamento do lar urbano contemporâneo: um lugar isolado, socialmente desvalorizado e desprovido de reconhecimento e apoio. Ficar no lar sendo quase sinônimo de ficar para trás.

Já para os homens, fica mais difícil entender porque o caminho da felicidade passa por ficar quase a metade do tempo em casa. O que pode ter ocorrido, a nosso ver, é essa preferência ter sido mera resultante do fato de os entrevistados não quererem trabalhar tanto fora de casa - e em duas opções, se uma diminui, a outra forçosamente aumentará. Na verdade, não estaríamos diante de uma genuína vontade de nossos varões de permanecer em casa cuidando da prole, e sim de um artefato estatístico provocado pela rejeição de um dos itens com a conseqüente sobrecarga do outro. Essa interpretação está aliás de acordo com a infinidade de outros trabalhos existentes - citados na introdução - que mostram que os homens não têm uma participação muito grande nas lides domésticas.

- . Você e seu cônjuge discutem (pergunta 23 para cas e cas-id):
- . Você e seu(sua) primeiro(a) esposo(a) discutiam (Pergunta 25 dos sep):
- essa pergunta não foi endereçada ao grupo dos solteiros.

	<u>sep</u>	<u>cas</u>	<u>casa-id</u>
1 - o tempo todo	3%	0%	1%
2 - muito freqüentemente	17%	9%	4%
3 - freqüentemente	27%	16%	15%
4 - medianamente	20%	24%	18%
5 - pouco	18%	23%	24%
6 - muito pouco	11%	28%	25%
7 - nunca	2%	0%	6%
8 - não responderam	2%	0%	7%

Os terapeutas de família lembram sempre, apropriadamente, que uma família bem integrada não significa um ambiente destituído de conflitos e de certo nível de tensão. Como os conflitos são percebidos e elaborados, o nível e a qualidade das comunicações, o respeito pelas diferenças individuais, a flexibilidade e a capacidade de remodelar uma dinâmica familiar é que são os melhores indicadores de "sanidade familiar".

Assim sendo, não esperávamos encontrar índices necessariamente baixos de conflitos (discussões), mas sim que, comparativamente aos casados, os separados apresentassem um nível bem superior de tensões, aqui traduzidas por aumento das discussões.

De fato, se somarmos os três primeiros itens, chegamos às seguintes percentagens: casados idosos com 20%, casados com 25% e separados com 47%.

22) Você diria que o nível de tensão e conflito existente no seu namoro (na sua união/casamento) é:

- pergunta nº 24 dos cas e cas-id. Não endereçada aos separados.

	<u>solt</u>	<u>cas</u>	<u>cas-id</u>
1 - muito alto	5%	5%	2%
2 - alto	88%	11%	11%
3 - médio	25%	32%	26%
4 - baixo	26%	28%	18%
5 - muito baixo	14%	23%	33%
6 - não responderam	22%	0%	10%

Não endereçamos essa pergunta aos separados por considerá-la óbvia demais. Quando nos arrependemos por essa omissão, era tarde demais e muitos questionários já tinham sido aplicados. O arrependimento veio a reboque da percepção de que as respostas em si talvez não revelassem muita coisa, mas que, relacionadas a outras, tais como a infidelidade, estabilidade da relação, propensão ao divórcio, etc. poderiam revelar coisas interessantes acerca de tendências - ou não - à separação.

Nos resultados expostos acima, percebe-se que o grupo dos solteiros - somando-se os dois primeiros itens - revela-se como o possuidor dos menores níveis de tensão e conflito. O que é bastante compreensível, mesmo porque um namoro, dado o menor compromisso existente "entre as partes", não teria por que se manter em meio a rugas constantes. Ainda assim, 13% dos entrevistados mantêm uma relação "cheia de bulha e fúria" - um número bastante alto, e igual aos alcançados por idosos (13%) e quase igual ao dos casados (16%). Considere-se ainda que boa parte dos solteiros não estava namorando e não respondeu a essa questão. Como era igualmente de se esperar, a quase totalidade dos que reportaram níveis altos de tensão/conflito enquadrou-se nos itens de 1 a 3 da pergunta anterior (muita discussão).

23) Você admite a possibilidade de relações extraconjugais para o homem?

24) Você admite a possibilidade de relações extraconjugais para a mulher?

- perguntas 26 e 27 para os separados e 25 e 26 para os casados e casados idosos.

<u>para o homem:</u>	<u>solt</u>	<u>sep</u> <u>rec</u>	<u>cas</u>	<u>cas-id</u>
1 - sim	35%	47%	50%	39%
2 - não	65%	53%	50%	61%

<u>para a mulher:</u>				
1 - sim	24%	33%	32%	16%
2 - não	76%	67%	68%	84%

Comparando-se as porcentagens de respostas sim para homens e mulheres, as diferenças observadas revelam a permanência entre nós do que se convencionou chamar de "dupla moral" - o que é válido para um sexo, não é para outro.

Na comparação entre as porcentagens obtidas para homens e mulheres, obtivemos os seguintes resultados:  $z = 2,3$ ,  $p < 0.05$ , para o grupo dos separados;  $z = 2,61$ ,  $p < 0.01$ , para os casados; e  $z = 3,65$ ,  $p < 0.001$ , para casados idosos. A diferença entre os solteiros, apesar de apontar na mesma direção, foi a única que não se mostrou significativa. Isso pode nos fazer supor que na geração mais jovem haja um menor endosso à "dupla moral".

Como veremos na análise por sexo, as mulheres não compartilham essa atitude. Elas aceitam ou não aceitam as relações extraconjugais para os dois sexos diferentemente dos homens, que aceitam em causa própria, mas não para as mulheres.

E os homens solteiros foram os que mostraram mais "igualitários", mormente se comparados aos seus colegas seps, cas ou cas-ids. Se essa perspectiva igualitária se manterá depois, ou se eles "sucumbirão" à norma convencional, só se saberá realizando-se nova pesquisas daqui a alguns anos. Por enquanto, fica a dúvida se as respostas são motivadas por um idealismo jovem momentâneo ou se elas refletem de verdade uma nova tendência em termos de moral sexual. Particularmente, parece-nos, até mesmo em função das outras respostas dadas nesse mesmo questionário, que há pouca solidez nos alicerces que fundamentem a expectativa do surgimento de uma nova moral sexual, mais igualitária.

25) Com quantas pessoas, durante o seu namoro, você teve relações sexuais, sem contar as que porventura teve com seu (sua) namorado(a)? Se você é virgem, não responda a essa questão.

- Para separados (28), casados e casados idosos (27), a pergunta estava fraseada da seguinte forma: "Com quantas pessoas você manteve relações sexuais fora do casamento / união, enquanto casado/unido(a)"?

	<u>solt</u>	<u>sep</u>	<u>cas</u>	<u>cas-id</u>
1 - nenhuma	45%	42%	59%	59%
2 - uma	10%	14%	10%	5%
3 - duas	7%	10%	6%	2%
4 - três	4%	9%	3%	6%
5 - quatro	0%	3%	4%	4%
6 - cinco ou mais	5%	22%	15%	16%
7 - não respondeu	29%	0%	3%	8%

Num processo distinto das perguntas anteriores, onde aglutinávamos dois em cinco itens, ou três em sete, na presente questão nos pareceu mais pertinente dividir a amostra entre os que tiveram e os que não tiveram relações extramaritais, obtendo assim os seguintes números:

	<u>solt</u>	<u>sep</u>	<u>cas</u>	<u>cas-id</u>
a) nenhuma relação extramarital	45%	42%	59%	59%
b) uma ou mais relações extramaritais	26%	58%	38%	33%
c) não responderam	29%	0%	3%	8%

Como vimos na introdução (página 47), os números médios aqui apresentados escondem na verdade uma grande participação por parte dos homens, contra uma bem menor, por parte das mulheres.

O que gostaríamos de ressaltar é que os separados, cotejados aos demais grupos, revelaram a maior incidência de REMs, ( $z = 5$ ,  $p < 0.001$ , comparação com solteiros;  $z = 5,5$ ,  $p < 0.001$ , comparação com casados idosos; e  $z = 6,26$ ,  $p < 0.05$ ).

Nossos dados confirmam assim a relação já apontada por diversos autores, entre relações extramaritais e propensão ao divórcio (Chew, 1972, Hunt, 1974, Thompson, 1983, entre outros). Seja como consequência de um mau casamento, seja como desencadeadora de problemas em casamentos aparentemente estáveis, as relações extramaritais desempenham papéis importantes quando se trata de crises e eventuais separações, relação essa que nossa pesquisa também vem corroborar.

Antes de passar adiante, uma observação: não esperamos dos solteiros tanta infidelidade (26%). Se por um lado há menos compromisso mútuo em um namoro, por outro, supõe-se que os interessados estejam juntos porque querem, e que, se insatisfeitos, romperiam com a relação sem maiores problemas. E também, porque esse contingente demonstrou em outras respostas uma grande dose de idealismo, teoricamente pouco compatível com a prática agora demonstrada.

E a maior parte das REMs, a exemplo dos demais grupos, coube aos homens: 74%, contra 26% das mulheres.

Pode-se especular, ainda falando de todos os grupos, que nessas perguntas que tratam de assuntos mais íntimos e privados, haja uma tendência de os entrevistados dizerem, nem tanto a verdade, mas sim, aquilo que é socialmente desejável - ou pelo menos não condenável. É lícito pois, supor que as respostas de infidelidade possam ser algo mais substanciais do que as que realmente obtivemos. Se não, pelo menos àqueles que se recusaram a responder - 3% dos casados e 8% dos idosos - cabe

se perguntar se tal omissão não seria um belo exemplo de que , no fundo, "quem cala, consente". Quanto ao fato de que muitos dos entrevistados solteiros (29%) não responderem a essa questão, isso se deve aos virgens e aos não virgens que não estão namorando.

Como avalia esta(s) experiência(s) em termos de conseqüências pessoais e seus reflexos no seu casamento/união? Pergunta 29 dos sep e 28 dos cas e cas-id. Não foi incluída no questionário dos solteiros. (1)

<u>separados</u>		<u>casados</u>	
1/2º - conseqüências positivas genéricas	12%	1º - conseqüências positivas genéricas	21%
levou à reavaliação da relação	12%	2º - levou à reavaliação da relação	13%
3/4º - conseqüências negativas genéricas	11%	3º - sentimento de culpa	11%
reflexo de um mau casamento	11%	4º - conseqüências negativas genéricas	9%
5º - não prejudicou o casamento	8%	5º - levou à revisão de posições morais e filosóficas	8%
6/7º - pouco acrescentaram sentimento de culpa	7%		
	7%	6/7º - poucos reflexos foi só uma questão física	7%
(total de respostas: 119)		(total de respostas: 75)	

(1) pergunta originariamente do tipo aberta e agrupada em categorias, quando da realização do pré-teste (V. anexo II f)

casados idosos

1/2º - poucos reflexos	15%
não prejudicou o casamento	15%
3/4º - conseqüências negativas genéricas	13%
foram o reflexo de um mau casamento	13%
5º - conseqüências positivas genéricas	9%
6º - afugentaram a rotina	7%

(total de respostas: 53)

Sem levar em conta como homens e mulheres, separadamente, opinaram a respeito, o que se pode observar é um razoável grau de concordância entre as amostras, inclusive na divisão entre conseqüências positivas neutras e negativas acerca das REMs.

Contejando os dados revelados por casados e separados, verificamos que estes últimos privilegiaram relativamente mais o item reflexos de um mau casamento, enquanto casados privilegiaram mais o sentimento de culpa, resultado até certo ponto esperado. Supõe-se que casados por não terem se separado, sintam-se mais culpados, enquanto separados preocupem-se mais em "explicar" seus affairs ocorridos do que se culpar por eles. Entretanto, do grupo dos idosos, onde aguardávamos resultados mais similares ao grupo dos casados, observa-se que essa espera foi em vão. Mas, numa análise mais global, pode-se verificar que todos os itens receberam votação bem similar, exceção

feita às consequências positivas genéricas, que acolheu de casados um número mais destacado de indicações. Pode ser que estejamos frente a mais um caso de redução de dissonância - ou de racionalização, dependendo da "leitura" teórica que se faça.

. Você se casou virgem? (pergunta 30 dos sep e 29 dos cas e cas-id) - obviamente não endereçada aos solt.

	<u>sep</u>	<u>cas</u>	<u>cas-id</u>
1 - sim	34%	36%	50%
2 - não	66%	63%	47%
3 - não responderam	7%	1%	3%

Essa é mais um das indagações que só faz sentido ser discutida após a distinção por sexo, entre quem respondeu o que. Assim:

	<u>separados</u>		<u>casados</u>		<u>casados idosos</u>	
	H <sup>(1)</sup>	M <sup>(2)</sup>	H	M	H	M
1 - sim	8%	60%	6%	66%	12%	88%
2 - não	92%	40%	92%	34%	82%	12%
3 - não responderam	-	-	2%	-	6%	-

Eis aí uma prova expressiva de que entre as mulheres que estão atualmente na casa dos sessenta anos e as que estão na casa dos quarenta (separadas e casadas), profundas mudanças na moral sexual começavam a se fazer sentir, justamente na época em que surgia um anticoncepcional mais prático e se-

(1/2) H = homens, M = mulheres

guro - a pílula. A diferença entre casadas idosas e separadas mostrou-se significativa ( $z = 2,05$ ,  $p < 0.05$ ), enquanto que entre idosas e casadas, não ( $z = 1,6$ , n.s.), embora tenha ido na direção esperada.

E como vimos pelas solteiras que compõem nossa amostra, essa tendência tende a se pronunciar. Observe-se que das 36% de virgens do sexo feminino, menos da metade pretende se casar assim (11% em 36%). Se elas se comportarem de acordo com suas expectativas atitudinais, teremos uma comprovação adicional dessa tendência liberalizante, quanto à virgindade pré-nupcial.

27) Você acha que sua filha deveria se casar virgem?

28) Você acha que seu filho deveria se casar virgem?

(supondo que um dia você venha a ter filhos)

- perguntas 31 e 32 dos sep e 30 e 31 dos cas e cas-id.

	<u>filha</u>				<u>média</u>
	<u>solt</u>	<u>sep</u>	<u>cas</u>	<u>cas-id.</u>	
1- sim	12%	15%	29%	59%	29%
2- não	39%	41%	23%	7%	27%
3- tanto faz	48%	42%	45%	31%	41,5%
4- não respondeu	1%	2%	3%	3%	2,5%

	<u>filho</u>				<u>média</u>
	<u>solt</u>	<u>sep</u>	<u>cas</u>	<u>cas-id.</u>	
1- sim	2%	2%	8%	11%	6%
2- não	52%	63%	60%	50%	56%
3 - tanto faz	46%	32%	30%	35%	35,5%
4 - não respondeu	0%	3%	2%	4%	2,5%

A principal consideração que se pode fazer a partir dos dados acima é que, em média, nossa amostra acha que filhos devem ser mais experientes sexualmente do que as filhas (29% contra 6%,  $\underline{z} = 4,28$ ,  $p < 0.01$ ). Essa diferença é maior entre os idosos (11% contra 59%,  $\underline{z} = 7,16$ ,  $p < 0.01$ ) e menor entre os solteiros (2% contra 112%,  $\underline{z} = 2,77$ ,  $p < 0.01$ ).

Os dois grupos mais "liberais" quanto à virgindade feminina pré-nupcial foram solteiros e separados, enquanto os idosos mostraram-se adeptos do chamado padrão de "dupla moral". Esse grupo igualmente foi o que menos deu a resposta tanto faz na questão da virgindade feminina, espelhando pois um tipo de educação mais tradicional, onde a ingerência no comportamento das filhas se dá de modo mais acentuado que nos dos filhos. Cite-se ainda que - na amostra dos solteiros - metade das virgens, coerentemente com o que responderam na pergunta 26, acham que as filhas também devem se casar como elas, isto é, virgens.

29) Quais os principais fatores que contribuem na sua opinião para uma relação sexual satisfatória?

- pergunta 33 para sep e 32 para cas e cas-id. Como em algumas perguntas anteriores, essa também era do tipo "aberta", tomando sua forma atual após a realização do pré teste. (1)

	<u>solt</u>	<u>sep</u>	<u>cas</u>	<u>cas-id</u>	<u>média</u>
1- espontaneidade	3,8	4,0	3,8	3,3	3,7
2- atratividade do parceiro	4,6	3,8	3,8	4,3	4,1
3- confiança	4,7	5,2	5,7	5,0	5,2
4- experiência do parceiro	7,6	6,7	7,1	6,2	6,9
5- criatividade	6,6	6,0	6,6	6,5	6,4
6- amor	2,4	2,9	2,7	2,6	2,6
7- desejo	2,7	3,2	3,2	3,0	3,0
8- saúde	6,4	6,5	5,9	5,3	6,0
9- sentir-se atraente	5,9	6,1	5,9	6,5	6,1

Em média, e por ordem decrescente de importância, os principais fatores para se obter uma relação sexual satisfatória são os seguintes: amor, desejo, espontaneidade, atratividade do parceiro(a), confiança, saúde, sentir-se atraente, criatividade, e, finalmente, experiência do parceiro.

Pode-se observar aqui também uma notável concordância entre entrevistados dos grupos acerca dos quesitos para

(1) Os resultados apresentados podem variar de 1 a 9, e correspondem à média das ordenações. Quanto menor o valor, maior a importância do item em questão para o entrevistado.

uma vida sexual satisfatória: seja em termos ordinais, seja pela comparação das médias obtidas, as diferenças existentes mostraram-se pouco expressivas.

Uma indagação que nos interessava particularmente era a de saber como vinte anos de "prática" poderiam afetar a avaliação da importância dos itens citados, no relacionamento sexual. A resposta estaria na comparação entre o que disseram os solteiros do alto dos seus vinte anos, e o que os casados e separados do ainda mais alto dos seus quarenta, responderam.

De modo geral, pode-se dizer que a resposta é: muito pouco. Ordinalmente, não há diferenças no ranking proposto pelos segmentos dos que estão na casa dos vinte e dos que estão na dos quarenta. Em termos de médias, no entanto, vê-se que solteiros valorizam mais o desejo e a confiança, e menos a atratividade e a experiência do parceiro. Dessas diferenças, foram significativas, em parte, a confiança (comparação com casados,  $t_{(193)} = -3,53$ ,  $p < 0,01$ ), a experiência do parceiro (comparação com separados,  $t_{(188)} = 3,40$ ,  $p < 0,001$ ), e decisivamente, a atratividade do(a) parceiro(a) (comparação com separados,  $t_{(191)} = 2,86$ ,  $p < 0,01$ ; comparação com casados,  $t_{(193)} = 2,61$ ,  $p < 0,01$ ). As outras diferenças, apesar de serem na direção esperada, não foram, como dissemos, significativas.

Esses resultados obtidos - não muito robustos - servem para que aventemos a possibilidade de que com o passar dos anos, a confiança se torne menos importante, enquanto que o fa

to de o outro ser atraente e possuir certas experiência passe a contribuir, de algum modo, para uma maior satisfação em termos sexuais. A comparação solteiros/casados idosos, confirma igualmente essas suposições e tendências.

Como dissemos, separados e casados têm uma percepção bastante similar, sendo as poucas diferenças encontradas destituídas de significação, tanto estatística quanto psicologicamente. E os idosos, nos altíssimo dos seus 66 anos, em média, tendem a valorizar um pouco mais a espontaneidade, a experiência do parceiro, e a saúde, e um pouco menos o sentir-se atraente.

Dessas diferenças, foram significativas apenas aquelas entre idosos e separados para a saúde ( $t_{(163)} = -3,23$ ,  $p < 0.001$ ), e entre idosos e casados, para experiência do parceiro ( $t_{(162)} = -2,87$ ,  $p < 0.01$ ), e sentir-se atraente ( $t_{(163)} = 1,98$ ,  $p < 0.05$ ). As outras, embora na direção esperada, não alcançaram significância a nível de 0,05.

Essa "magreza" em termos estatísticos, aliada ao senso comum, não nos permite ir além da especulação de que, de fato, para os mais idosos, a saúde e experiência do parceiro tenham sua importância realçada, e que o sentir-se atraente não seja tão valorizado. Aliás, o item saúde só não se mostrou totalmente significativo porque a amostra de casados revelou inesperadas preocupações hipocondríacas para sua idade.

Um dado porém nos chamou particularmente a atenção:

ao efetuarmos uma comparação entre virgens e não-virgens do se xo feminino, pudemos observar - não sem certo espanto - que até esses dois subgrupos avaliam de forma quase idêntica os fatores que concorrem para uma relação sexual satisfatória. Em termos ordinais, a única diferença entre virgens e não-virgens ficou por conta do item criatividade, que para aquelas ocupou o sétimo lugar, e não mais o oitavo. E, em termos cardinais, ainda que não significativamente, esse mesmo grupo considera ser mais importante a confiança e a espontaneidade, e menos, a atratividade do parceiro, a saúde e o sentir-se atraente.

Assim, até prova em contrário, e por mais estranho que possa parecer, aqui, a experiência não faz diferença ... É possível, no entanto, que as virgens disponham através do relato de pessoas mais velhas, ou mesmo por leitura ou outros meios, de informações suficientes para saber com boa dose de precisão aquilo que lhes aguarda. É igualmente possível que elas já tenham disputado algum tipo de intimidade - carícias, jogos sexuais - que as fazem "saber", mesmo sem ter vivido a experiência total. Como não perguntamos isso a nossas entrevistadas, ficamos nós na ignorância dos limites e das fronteiras dos conhecimentos já adquiridos pelas entrevistadas que se disseram virgens.

De qualquer modo, pelos dados que dispomos hoje em dia em termos de sexo, 40 anos, 20 ou nenhum ano de prática, não alteram em muito a avaliação dos fatores que interferem na qualidade de um relacionamento sexual.

30) Nos últimos seis meses com que frequência, em média, você manteve relações sexuais com seu(sua) namorado(a)? Se você é virgem, não responda a essa questão.

- para o grupo dos casados e casados idosos, a pergunta (33) se referia a(o) esposa(o)/companheiro(a). E para os separados (34), a pergunta era formulada da seguinte maneira: "Considerando o seu primeiro casamento, qual era a frequência média de relações sexuais nos últimos seis meses antes da separação?".

	<u>solt</u>	<u>sep</u>	<u>cas</u>	<u>cas-id</u>
1 - nenhuma vez	10%	18%	1%	19%
2 - poucas vezes	7%	27%	11%	15%
3 - uma/duas vezes por mês	16%	11%	24%	16%
4 - uma/duas vezes por semana	28%	26%	53%	27%
5 - quase todo dia	6%	13%	9%	7%
6 - uma vez por dia ou mais	0%	1%	0%	2%
7 - não responderam	33%	4%	2%	14%

No capítulo introdutório acerca da sexualidade citávamos Greenblat (1983), que, em estudo sobre a atividade sexual dentro do casamento, constatava para sua surpresa uma enorme variabilidade nas respostas. Os homens de sua amostra afirmavam ter de 1 a 43 relações por mês, e as mulheres, de 2 a 54. E a sua pesquisa foi realizada com sujeitos casados há apenas um ano! Mesmo assim, a maioria dizia ter de 9 a 12 relações por mês, o que na nossa forma de indagar, corresponderia mais ou

menos ao item 4. O mesmo Greenblat observa que, num acompanhamento ao longo de 5 anos de casamento, observa-se um decréscimo significativo, de até 40%, em termos de frequência média do número de relações. G. Jasso (1985), em pesquisa sobre o mesmo tópic o e com uma amostra de mais de 2000 casais, denunciou também as grandes variações existentes em torno da média encontrada (8 a 9 vezes por mês) - e o mesmo decréscimo ao longo dos anos.

Os dados por nós obtidos, ao forçarem uma escolha entre seis itens, não apresentaram tanta variabilidade, mas também não indicaram nenhuma opção como sendo definitivamente preferida. E diferentemente das perguntas anteriores, houve razoável diferenciação entre os grupos. Por um lado, os solteiros que tem uma vida sexual regular indicaram com maior frequência o item 4. Nada comparável numericamente, no entanto, à maciça indicação do mesmo item pelos casados. Evidentemente, casados têm uma disponibilidade e um - digamos assim - acesso bem mais facilitado à prática de relações sexuais do que o grupo dos solteiros, o que torna a comparação entre esses dois grupos problemática.

Como era de se esperar, os separados reportaram ao final de seus relacionamentos um significativo decréscimo de relações sexuais com seus (suas) parceiros(as). Somando-se os dois primeiros itens - nenhuma vez/poucas vezes - temos os separados com 45% e casados com 16% ( $z = 5,12$ ,  $p < 0,001$ ), o que indica o empobrecimento da relação como um todo, e da esfera sexual em particular. Curioso de se apontar - em nome da já ci

tada variabilidade - é que um bom número de separados da amostra (13%) manteve um alto padrão de frequência, como se nada demais estivesse ocorrendo paralelamente em suas uniões, teoricamente, já bastante ameaçadas e combalidas.

E nos idosos, cuja idade média, lembramos ao leitor, é de 66 anos, encontramos realmente uma diminuição expressiva do número de relações, embora 27% tenham se incluído ainda no item 4, 7% no item 5, e 2% reportando ainda relações uma vez por dia ou mais!<sup>(1)</sup>

A predominância de respostas no item 4 nos faz lembrar que as interdições impostas pela Igreja na Idade Média e que limitavam a atividade sexual a pouco mais de 90 dias ao ano (média de duas vezes por semana), não eram assim tão impossíveis de serem cumpridas.<sup>(2)</sup> Evidentemente trata-se de uma comparação metafórica que visa ilustrar mais uma vez a variabilidade quando o assunto é sexo, uma vez que as condições culturais, sociais e religiosas eram completamente distintas.

Um outro caminho que procuramos explorar foi o das possíveis relações existentes entre a frequência de relações maritais e extramaritais (REMs). Um cruzamento estatístico revelou no entanto uma curiosa distinção entre casados e separados.

(1) Os dois respondentes que indicaram o item 6 são do sexo feminino e tinham, à época que responderam os questionários, 64 e 60 anos. Teriam cometido um imaginoso equívoco no preenchimento da folha de respostas?

(2) Dados citados por Ariès e Béjin (1985) referentes ao século VIII, segundo os quais, eram impróprios para a cópula todos os dias de jejum, festa, regras femininas, pós-parto, dias santos, etc. No século XVI, as proibições se limitavam a cento e trinta dias, em média.

Entre os casados, de todos os que reportaram (38) pelo menos uma REM, 35% admitem ter poucas relações com a(o) própria (o) esposa(o) - item 1 a 3 das pergunta 33 - e 65% disseram estar muito bem nesse aspecto conjugal, ao menos, em níveis quantitativos. Já para os separados, a situação praticamente se inverte: de todos os que passaram por REMs (58), a maioria afirmou ter - na época - poucas relações com o próprio cônjuge (62%) , enquanto que para os 38% restantes, a frequência de intercursos sexuais manteve-se alta.

O que se pode concluir é que relações extramaritais possuem um significado e um impacto bem distintos, quando se trata de casados(as) que permanecerão nesse estado civil, e que não permanecerão (separados).

É interessante ressaltar ainda o expressivo número de entrevistados casados que têm uma frequência de intercursos sexuais bem reduzidos em comparação com a média geral, mesmo levando-se em conta a questão da variabilidade, já por nós reportada. De nossos sujeitos, 36% não estão levando uma vida sexual muito compatível com os padrões considerados socialmente desejados e satisfatórios. Apenas uma fase? Diferenças individuais? Infelizmente não temos condições - com o material de que dispomos - de responder a essas indagações.

Antes de passar à seção seguinte, cabe de nossa parte uma pequena autocrítica. Se fossemos refazer a pesquisa hoje em dia, incluiríamos nessa pergunta um item 5, frequência de três a quatro vezes por semana. Acreditamos que, a exemplo

de outras pesquisas onde havia essa possibilidade de resposta, muitos de nossos entrevistados escolheriam essa opção. Na época, isso não nos ocorreu.

31) Você acha que essas práticas sexuais - tais como o swing, sexo grupal, etc, são:

- pergunta 35 dos sep e 34 dos cas e cas-id.

	<u>solt</u>	<u>sep</u>	<u>cas</u>	<u>cas-id</u>	<u>média</u>
1 - francamente positivas	0%	1%	1%	0%	0,5%
2 - positivas	4%	3%	2%	3%	3%
4 - neutras	20%	16%	10%	5%	12,5%
5 - negativas	34%	24%	41%	27%	32,5%
6 - francamente negativas	38%	51%	44%	54%	47%
7 - não responderam	4%	5%	2%	11%	5,5%

Como se pode depreender dos dados acima, as chamadas práticas sexuais alternativas são amplamente rejeitadas por nossos entrevistados. Somando-se os dois últimos itens - negativas e francamente negativas - temos o seguinte quadro: solteiros com 72%, separados com 75%, casados com 85% e casados idosos com 81%; os dois primeiros grupos, um pouco menos críticos, embora a diferença não seja significativa - a não ser a existente entre solteiros e casados ( $z = 2,23, p < 0,05$ ).

Resta saber se essa postura "liberalizante" de solteiros é real ou apenas serve aos propósitos de manter uma imagem idealizada, mais de acordo com o atual "zeitgeist". Já

a diferença entre separados e casados, embora não significativa, faz pensar na existência, ainda que incipiente, de um conjunto de atitudes bem menos tradicionalista em matéria de sexo. Esse mesmo grupo foi o de maior índice reportado de REMs, e o de menor - como veremos adiante - índice de religiosidade. Todos esses índices podem fazer supor que separados tenham uma postura mais permissiva quando a questão é a sexualidade. De qualquer modo, os dados de que dispomos não permitem ir além da mera conjectura quanto a isso, até porque no caso das práticas alternativas, os índices de rejeição foram na verdade muito grandes para todos os grupos.

32) Avalie o grau de felicidade existente no seu namoro:

- para os casados, a pergunta se referia ao casamento (união), pergunta nº 35, e para os separados, essa questão não foi incluída - (Se eles não mantiveram a união, é porque não deviam estar felizes...)

	solt	cas	cas-id
1 - muito feliz	31%	33%	42%
2 - moderadamente feliz	27%	42%	32%
3 - nem feliz, nem infeliz	10%	16%	18%
4 - moderadamente infeliz	4%	6%	3%
5 - muito infeliz	1%	2%	2%
6 - não responderam	27%	1%	3%

Essa pergunta foi incluída mais para efeito de comparação entre felicidade própria e felicidade no casamento dos pais do que por seus próprios "méritos". De fato, tal compara-

ção nos proporcionou apreender distorções perceptivas interessantes.

33) Avalie o grau de felicidade existentes na união (casamento) dos seus pais:

- pergunta dos casados e casados idosos, n° 40, e dos separados n° 38.

	<u>solt</u>	<u>sep</u>	<u>cas</u>	<u>cas-id</u>
1 - muito feliz	26%	19%	23%	41%
2 - moderadamente feliz	24%	31%	32%	36%
3 - nem feliz, nem infeliz	18%	18%	18%	11%
4 - moderadamente infeliz	17%	20%	13%	1%
5 - muito infeliz	11%	10%	10%	6%
6 - não responderam	4%	2%	4%	5%

Comparando-se o que os grupos reportaram de suas próprias uniões e as de seus pais, temos os seguintes números (após reagrupá-los nas categorias felizes '1 e 2' e infelizes '4 e 5'):

	<u>solt</u>		<u>sep</u>		<u>cas</u>		<u>cas-id</u>	
	própria	pais	própria	pais	própria	pais	própria	pais
feliz - 58%(73%) <sup>(1)</sup>	50%	-	50%	75%	53%	74%	77%	
infeliz - 5%(7%) <sup>(2)</sup>	28%	-	30%	8%	23%	5%	7%	

(1/2) Como o número de solteiros que não responderam a essa questão por não estarem namorando no momento era considerável, refizemos os cálculos percentuais levando-se em conta apenas os que estavam engajados numa relação afetiva, sem o que, seria impossível proceder a uma comparação entre os grupos. Entre parênteses os dados "corrigidos".

O que se pode depreender, observando-se os números acima, é que solteiros e casados - e possivelmente os separados, se lhes houvesse sido perguntado - estimam bem distintamente o grau de felicidade em suas uniões e nas de seus pais. Há aqui um viés perceptivo em ação que faz com que os sujeitos se percebam menos infelizes em suas uniões do que seus próprios pais (solteiros,  $z = -3,96$ ,  $p = 0,001$ ; casados,  $z = -2,94$ ,  $p = 0,01$ ). Já os idosos não compartilharam dessa atitude. Para eles, seus pais foram tão felizes quanto eles em seus casamentos. Por que esse viés dos mais jovens? Difícil dizer. Pode ser que os solteiros, ao observar o casamento de seus pais, prestem mais atenção aos aspectos negativos do que aos positivos e creiam que não estão repetindo os mesmos erros em suas relações; o mesmo sucederia aos separados e casados, ligeiramente míopes aos seus próprios problemas e de olhos abertos quanto às dificuldades de seus pais. Os idosos - por não terem seus genitores vivos - escapariam a esse olhar que privilegia alguns aspectos em detrimento de outros.

Uma explanação alternativa é que não haveria distorção perceptiva alguma, e sim, de que simplesmente o casamento estaria melhorando. E se os casamentos estão melhorando, nada mais natural que as pessoas avaliem seus casamentos - que vieram depois - como mais felizes. Com efeito, solteiros, casados e separados têm essa opinião - conforme afiançaram em questão anterior. Como os idosos não acham isso, não se vêem por decorrência como mais felizes do que seus pais.

Talvez não seja uma explanação tão boa quanto a anterior, mas pelo menos é mais otimista...

. Se você pudesse fazer tudo de novo, você se casaria com seu (sua) marido(esposa)?

- pergunta 36 dos casados e idosos, endereçada apenas a esses dois grupos.

	cas	cas-id
1 - sim	58%	69%
2 - talvez	26%	16%
3 - não	16%	12%
4 - não responderam	0%	3%

Se fizermos uma lista final de indicadores da existência da crise do casamento contemporâneo, essa pergunta será certamente lembrada. Afinal apenas pouco mais da metade dos casados (58%) "começaria tudo outra vez". Os níveis de insatisfação para com os respectivos matrimônios sinalizam, a nosso ver, a presença de crise. A diferença entre os dois grupos, no entanto, não é significativa (comparação das respostas ao item 1- sim).

. Qual a situação que mais se aplica a você?

- pergunta 36 dos sep e 37 dos cas e cas-id, não endereçada aos solteiros.

	<u>sep</u>	<u>cas</u>	<u>cas-id</u>
1 - meus pais nunca se separaram	75%	77%	81%
2 - meus pais se separaram quando eu ainda era criança (menos de dez anos)	8%	7%	6%
3 - meus pais se separaram quando eu tinha entre dez e dezoito anos	3%	7%	2%
4 - meus pais se separaram quando eu tinha mais de dezoito anos	5%	3%	3%
5 - outros (especificar)	8%	6%	4%
6 - não responderam	1%	0%	4%

Incluimos essa pergunta em função da hipótese segundo a qual filhos(as) de pais separados, ao se casarem, são mais propensos a se separar (Greenberg e Nay, 1982). Infelizmente o reduzido número de sujeitos nessa condição nos impediu de confirmar essa hipótese. No entanto, somando-se os itens de 2 a 5, temos os seguintes totais: separados 16%, casados 17% e idosos com 11%. Ou seja, dentro das limitações impostas pelo reduzido número de sujeitos, não detectamos o menor indício de que a hipótese em questão seja uma variável de peso, na maior propensão ao divórcio.

- Indique a situação que mais se aproxima do seu caso:

- pergunta 37 dos sep e 38 dos cas e cas-id - não endereçada a solt.

	<u>sep</u>	<u>cas</u>	<u>cas-id</u>
1 - eu e meu cônjuge temos a mesma idade	15%	15%	13%
2 - eu sou mais novo(a) que meu cônjuge --- anos	41%	44%	39%
3 - eu sou mais velho(a) que meu cônjuge --- anos	42%	41%	44%
4 - não responderam	2%	0%	4%

média

.eu sou mais novo - casados - 2,5 anos - 4%  
casadas - 5,5 anos - 40%  
separados - 3,2 anos - 6%  
separadas - 4,4 anos - 35%  
idosos - 5,6 anos - 5%  
idosas - 5,8 anos - 34%

.eu sou mais velho - casados - 5,1 anos - 34%  
casadas - 2,6 anos - 7%  
separados - 5,3 anos - 35%  
separadas - 4,0 anos - 7%  
idosos - 5,1 anos - 38%  
idosas - 3,0 anos - 6%

A maioria dos casais de nossa amostra segue as prescrições "normais"/aceitáveis em termos de diferenças de idade,

os homens sendo mais velhos que as mulheres em todos os três grupos (34 em 41%, entre casados, 35 em 42% entre separados e 38 em 44% entre casados idosos).

Pelas "normas" da sabedoria popular, casais em que os cônjuges têm idades muito diferentes entre si estabeleceriam maus casamentos, tanto em termos de qualidade da relação como em termos de propensão à separação.<sup>(1)</sup> Lewis e Spanier (citados em Burr, et al. (eds), 1979) afirmam em consonância com essa crença popular, que, "quando as normas de homogamia são violadas, aumenta o risco de conseqüências negativas, traduzidas por menor qualidade da relação marital e menor estabilidade do casamento". Vera et al. (1985), no entanto, não encontraram diferenças significativas entre casais com pouca e muita diferença de idade entre si, considerando o mito popular que condena casamentos desse tipo, apenas um mito.

Nossos dados, embora limitados pelo pequeno número de casais nessa condição, não apontam nenhuma diferença entre casais que se separaram e que não se separam (medida de estabilidade marital). Assim, em princípio, como Vera et al. apregoam, diferenças de idade não fazem diferença.

---

(1) Para H. W. Thompson, um homem velho casar-se com uma mulher jovem equivale a comprar um livro para algum outro ler...

34) Quais os erros que você acha que seu pai e sua mãe cometeram na união (casamento) deles, e que você tentará não repetir?<sup>(1)</sup>

- pergunta 40 dos sep e 41 dos cas e cas-id.

<u>solteiros</u>		<u>separados</u>	
1º - mãe muito submissa	12%	1º - mãe muito submissa	16%
2º - deixaram a rotina dominar	11%	2º - falta de diálogo	10%
3º - falta de diálogo	9%	3º - pai muito "machista"	8%
4º - discussões por motivos fúteis	7%	4º - discussões por motivos fúteis	7,5%
5º - não cometeram erros/poucos erros	6,5%	5/6º - falta de amor	7%
6º - falta de respeito mútuo	6%	- não cometeram erros/poucos erros	7%
		(total de respostas: 146)	
(total de respostas: 168)			

<u>casados</u>		<u>separados idosos</u>	
1º - falta de diálogo	14%	1º - não cometeram erros poucos	28%
2º - mãe muito submissa	12%	2º - pai muito "machista"	13,5%
3º - pai muito "machista"	12%	3º - problemas de personalidade de um dos cônjuges	9%
4º - causas diversas	7%	4º - falta de diálogo	7,5%
5º - discussões por motivos fúteis	6,5%	5/6º - falta de amor	6%
6º - ciúmes excessivos	6%	- muitos filhos um atrás do outro	6%
(total de respostas: 139)		(total de respostas: 81)	

<sup>(1)</sup> pergunta originariamente do tipo aberta, agrupada em função do material obtido quando da aplicação do pré-teste. Vide anexo IIg.

Os erros mais citados, segundo a avaliação de nossos respondentes, passam pela relação de poder entre marido e mulher. Mãe muito submissa (não trabalha, não sai sozinha, não tem vida própria, é muito dependente, etc) e pai muito machista (autoritário, não ajuda em casa, não dialoga, não aceita a mulher emancipada, etc.) são as duas faces de uma moeda que procura valorizar uma relação mais igualitária, moeda essa que aparentemente andou escassa na união dos pais dos entrevistados.

A falta de diálogo e discussões por motivos fúteis também receberam boa dose de unanimidade e crítica. Quanto às diferenças "geracionais", os idosos foram os menos críticos da relação de seus pais, e foram únicos em apontar dois itens que desapareceram (ou receberam poucas indicações) nos outros grupos: problemas específicos de um dos cônjuges e muitos filhos, um atrás do outro. A crise econômica, a diminuição da família e a urbanização/industrialização devem ter sido responsáveis pela eliminação desse último item do rol de críticas dos outros grupos mais jovens. Agora, por que eles foram os únicos a culpar um dos pais, não sabemos.

Casados e separados manifestaram muita concordância em suas condenações, enquanto que, para solteiros, surgiu uma novidade: o item deixaram a rotina dominar. Uma preocupação que não ocorreu aos demais grupos mais velhos. A rotina parece não ser uma novidade, mas a preocupação com ela, sim. Os solteiros foram também os mais críticos do comportamento de seus pais enquanto "casais".

- 35) Quais os erros que você acha que seu pai e sua mãe cometeram no tocante à sua educação (ou a de seus irmãos) e que você tentará não repetir com seus próprios filhos?<sup>(1)</sup>
- pergunta 41 dos sep e 42 dos cas e cas-id.

<u>solteiros</u>		<u>separados</u>	
1º- superproteção e mimos exagerados	18,5%	1º- falta de respeito para inclinações e desejos do sujeito	15%
2º- falta de diálogo	15%	2º- falta de diálogo	13%
3º- tabu do sexo	9%	3º- superproteção e mimos exagerados	11%
4º- falta de respeito pela inclinação e desejos do sujeito	8%	4º- educação rígida e autoritária	10%
5/6º- falta de liberdade	6,5%	5º- falta de liberdade	9%
- educação rígida e autoritária	6,5%	6º- falta de afeto	6,5%
(total de respostas: 189)		(total de respostas: 171)	

---

(1) pergunta originariamente do tipo aberta, agrupada em função do material obtido quando da aplicação do pré-teste. Vide anexo II-h.

<u>casados</u>	<u>casados idosos</u>
1º - educação rígida e autoritária 18%	1º - não cometeram erros/poucos erros 19%
2º - falta de diálogo 12%	2º - educação rígida e autoritária 15%
3/4º- superproteção e mimos exagerados 9%	3º - falta de diálogo 11%
- falta de liberdade 9%	4º - causas diversas 7%
5º - pais distanciados 8%	5/6/7º-falta de respeito para inclinações e desejos do sujeito 6%
6º - tabu do sexo 7%	- pais distanciados 6%
(total de respostas: 157)	- falta de estímulo à educação de um modo geral 6%
	(total de respostas: 96)

Três grupos de diferentes faixas etárias, provenientes da mesma classe social, podem fornecer pistas instigantes do que teria mudado na educação recebida de seus pais. A idéia é - através do exame de suas críticas - perceber que tipo de alterações ocorreram no espaço de quarenta (de vinte em vinte) anos na maneira de se educar os filhos.

Nosso segmento mais jovem, por exemplo, faz um tipo de queixa, que casados e separados também fazem - só que em menor grau - e que os idosos simplesmente não fazem: superproteção e mimos exagerados (reclamações contra a não-delegação de responsabilidades, excessiva "paparicação", orientação excessiva até os mínimos detalhes, não serem levados a sério, etc.) . Ou seja, a ânsia de autonomia que os tempos modernos vêm impri

mindando à nossa cultura faz com que os jovens se queixem de algo que os mais velhos possivelmente viam como inerente ou "natural" em suas vidas - a orientação e supervisão mais atenta e a obediência decorrente, como prerrogativas de uma educação saudável. O mesmo raciocínio serve para explicar porque solteiros, principalmente, e casados e separados (estes menos ainda) reclamam de algo que idosos não mencionam: o tabu do sexo (queixas contra a falta de liberdade para discutir o assunto, repressão, controle excessivo, etc.). Tal tipo de queixa (proposta basicamente pelas representantes do sexo feminino) só surge a partir do momento em que a sociedade endossa uma liberalização de costumes e uma maior permissividade, num processo de relativamente longa duração e que "explodiu" e se precipitou a partir do final dos anos cinqüenta.

As respostas a essa pergunta servem também para demonstrar o truísmo de que vivemos em uma época onde os câmbios socioculturais se dão em uma velocidade sem paralelo na história da humanidade. A sociedade (pós) moderna industrial assiste a mudanças significativas em tempos e ciclos cada vez menores, quando comparados à relativa estabilidade de tempos mais antigos.

Como em outras perguntas anteriores, cabe ressaltar que os jovens formaram o grupo mais crítico de todos. Já entre os protestos "eternos", isto é, comuns aos quatro grupos, destacaram-se os seguintes: falta de diálogo, educação rígida e autoritária (apelo ao medo, imposição de idéias e valores e suas conseqüências: insegurança, timidez, etc.) - essa última, me-

nos reclamada pelos jovens, sinal da crescente diminuição do poder de autoridade dos pais - e falta de liberdade. O item falta de respeito para com inclinações e desejos do sujeito, que foi muito citado por separados, e menos pelos demais grupos, pode ser considerado um subproduto das reclamações sobre rigidez, autoritarismo e mesmo da falta de liberdade.

Uma vez mais, o que distingue o grupo dos idosos é a especial deferência para com seus falecidos pais. Deferência essa que se traduz em poucas críticas e por uma maior identificação com os modelos por eles propostos. Nesse grupo veio também, por parte das mulheres, a queixa da falta de estímulo à educação de um modo geral, já que a visão então predominante guiava a mulher para atividades domésticas, para as quais, uma educação formal universitária não era requerida.

Falta de afeto e pai (ou mães) distanciados foram outras duas críticas recorrentes - mas não entre os jovens. É igualmente interessante observar o significado das críticas que chamamos de "eternas", comuns a todos os grupos. Isso quer dizer que os entrevistados reclamaram e sofreram com elas quando eram jovens, mas que repetiram-nas com seu filhos, uma vez que estes continuam a reclamar. Ou as pessoas esquecem do que sofreram quando eram jovens, ou mudam de idéia, achando que educação certa era aquela que anteriormente haviam rejeitado, ou ainda, como reza a psicanálise, nem têm consciência do que estão fazendo, repetindo um padrão que, como dissemos, consideram falho ou mesmo inaceitável.

Dentre as várias perguntas do questionário de caráter "tentativo" - cuja finalidade era a de sondar como a nossa amostra veria e avaliaria o processo da crise, a partir de suas vivências e expectativas - essa foi uma das que se revelou de maior valor heurístico, se pensarmos em indagações que digam respeito a como mudanças sociais são percebidas pelas pessoas.

36) Em todas as famílias alguém tem de decidir sobre coisas e assuntos importantes, cabendo a decisão final ora ao marido, ora à esposa. Na sua opinião, por exemplo, quem você acha que deve decidir sobre: (Indique a resposta mais correta, colocando o código numérico da situação que mais se aplica em cada caso):

- pergunta 39 dos sep, cas e cas-id.

- código para classificação das respostas:

- . marido sempre: 1
- . marido mais que mulher: 2
- . ambos igualmente: 3
- . mulher mais que marido: 4
- . mulher sempre: 5<sup>(1)</sup>

---

(1) Naturalmente, quanto mais o valor se afastar de 3, para baixo, maior o poder conferido aos homens; quanto mais se afastar para cima, maior o poder conferido às mulheres.

	<u>solt</u>	<u>sep</u>	<u>cas</u>	<u>cas-id</u>	<u>média</u>
1- pessoas convidadas para sair, fazer programas	2,99	2,72	2,96	2,71	2,84
2- a que programa de TV assistir	3,00	2,86	2,76	2,75	2,84
3- a que carro comprar	2,75	1,89	2,07	1,86	2,14
4- em que apartamento ou casa irão morar	3,09	2,75	3,08	2,96	2,97
5- que emprego deve ser arranjado	2,85	2,22	2,19	1,83	2,27
6- onde ir passar as férias	3,00	3,01	3,05	2,77	2,96
7- utilizar ou não anticoncepcionais	3,54	3,97	3,80	3,50	3,69
8- estabelecer os critérios de educação dos filhos	3,01	3,23	3,35	3,42	3,25
9- administrar a casa	3,39	3,53	4,00	3,83	3,69
10- decidir sobre investimentos financeiros	2,61	1,91	1,99	1,70	2,05
-desvios em relação a 3:	1,83	5,83	5,31	6,17	

Uma das conseqüências mais palpáveis do movimento de emancipação feminina é a redivisão do poder, com as mulheres aquinhoando fatias mais substanciais do mesmo. Nesse caso, e tendo em vista nossa amostra, supúnhamos que os mais idosos estabelecem uma diferenciação mais acentuada e menos igualitária no que diz respeito à decisão sobre itens pertinentes à vida em família. <sup>(1)</sup>

(1) A lista de itens baseou-se em parte, em trabalho de Raven, Centers e Rodrigues (1971) acerca das bases do poder conjugal.

De fato, nossos jovens solteiros acham que a maioria das funções/atividades listadas devem ser decididas por ambos os cônjuges, igualmente, um ponto de vista que não é partilhado por casados, separados e muito menos pelos mais idosos. Tomando-se, por exemplo, os desvios aritméticos com relação a 3 - que se refere à opinião "ambos igualmente" - temos que esse desvio para solteiros é de 1,83, enquanto que para casados é de 5,31, para separados, de 5,36, e, finalmente, para os idosos, de 6,17. Ou seja, esses últimos são comparativamente mais inclinados a atribuir a "chefia de operações" ao homem ou à mulher, e não aos dois (no caso, muito mais aos homens: 6 dos dez itens. Solteiros só atribuiriam predominância masculina em três dos itens - considerando-se uma diferença superior a no mínimo, 0,1).

Tomados em conjunto, nossos entrevistados julgam pertencer ao reino dos homens as seguintes funções/atividades: pessoas convidadas para sair, escolhas de programas de TV, que carro comprar, emprego a ser arranjado e decisão sobre investimentos financeiros. Às mulheres, coube a decisão sobre o uso de anticoncepcionais, critérios para educação dos filhos e administração da casa. Entre os itens que permaneceram pelo menos 0,1 pontos em torno de 3 - e que indicam igualdade decisória - estão a escolha do apartamento onde morar e o local para passar as férias.

Voltando às diferenças intergrupais, não nos é possível prever se essas respostas mais liberalizantes por parte dos solteiros expressam um idealismo momentâneo, ou se de fato

preenunciam a vida de novos tempos, mais igualitários. Ou seja, a amostra jovem mudará a sua percepção da vida ou mudará seu estilo de vida? Possivelmente - mas trata-se apenas de um exercício de especulação - um pouco de cada coisa. Serão um pouco mais a favor de uma divisão mais parelha do poder e mudarão um pouco de opinião, à medida que forem envelhecendo ou mudando de estado civil. Pelo menos, essa parece ser a tendência que seus pais seguiram.

Gray-Little e Burks (1983), ao reverem mais de quinze pesquisas sobre poder e satisfação no casamento - incluindo o já por nós citado trabalho de Centers, Raven e Rodrigues (1971) - apontaram para o fato de que a maioria quase absoluta dos estudos anteriores indicam os casamentos igualitários como os geradores de maior satisfação e felicidade, e curiosamente, os que são dominados pela mulher, como os mais infelizes.<sup>(1)</sup> Se isso for correto, nossos solteiros ao se casarem, desfrutarão - se depender apenas desse fator - de um róseo porvir. Quanto a saber se os dominados por mulheres, em nossa amostra, seriam mais infelizes, não o pudemos comprovar, porque o número de casamentos nessas condições foi muito reduzido, impossibilitando a comparação.

E para terminar a análise das diferenças intergrupais, não encontramos entre separados e casados nenhuma diferença teoricamente relevante. Cabe ainda ressaltar que o item

---

(1) Poderíamos conjecturar, nesse caso, que além da infelicidade gerada pela ausência de equilíbrio no casamento, o marido - e talvez também a mulher - sente-se em desacordo com as normas tradicionais da sociedade.

5 - que emprego deve ser arranjado - suscitou certas dúvidas entre alguns dos entrevistados, que não sabiam exatamente se o emprego em questão se referia a toda a família ou ao próprio respondente.

37) Qual a sua religião?

- pergunta 42 dos sep e 43 dos cas e cas-id.

	<u>solt</u>	<u>sep</u>	<u>cas</u>	<u>cas-id</u>
1 - católica	55%	42%	66%	56%
2 - protestante	1%	3%	2%	12%
3 - judaica	7%	5%	7%	4%
4 - espírita	8%	15%	6%	6%
5 - umbandista	1%	2%	1%	2%
6 - outra (especifique)	4%	5%	4%	4%
7 - não sou religioso(a)	23%	28%	14%	11%
8 - não responderam	-	-	-	5%

Segundo os dados do IBGE (IX recenseamento, 1980) na população do Rio de Janeiro há um vasto predomínio de católicos (80%), seguido de protestantes tradicionais (5%), sem religião (4,9%), protestantes pentecostais (3%), espíritualistas afro-brasileiros (2,5%), outros (1,6%), espíritas kardecistas (1%), orientais (0,3%), sem declaração (0,3%), judeus (0,2) e outras religiões com menos de 0,2%.

Comparando nossa amostra com os dados disponíveis para o estado do Rio de Janeiro, observamos que nossos entrevis-

tados são bem menos religiosos. Isso fez com que todas as demais religiões aparecessem em menor número, exceção feita ao grupo judaico, que está super-representado. Lembramos que trabalhamos com sujeitos de classe média, enquanto que o censo atinge, obviamente, toda a população, o que pode explicar as diferenças encontradas. É possível também que diante de uma pesquisa "oficial", os entrevistados tenham se sentido menos à vontade para professar sua falta de religiosidade.

Quanto às diferenças intergrupais, vemos nos separados o maior índice de respostas ao item "não sou religioso" (28%), em consonância pois, com os estudos que revelam uma correlação entre propensão ao divórcio e menor religiosidade (confira Introdução, pág. 16). Da mesma forma, confirmamos com nossos dados a tendência crescente à secularização: idosos foram os que menos se disseram não religiosos ( $\underline{z} = -2,26$ ,  $p < 0,05$ , comparação com solteiros;  $\underline{z} = -3,03$ ,  $p < 0,01$ , comparação com separados. A comparação com casados não se mostrou significativa, ainda que na direção esperada:  $\underline{z} = -0,64$ , n.s.)

Quanto a outras diferenças dignas de nota, observamos apenas uma maior - e para nós inexplicável - incidência de espíritas entre os separados (espíritas não condenam a separação?). Houve ainda um número muito grande de protestantes - comparativamente, é claro - na amostra de idosos, que não aparece nos outros grupos.

38) Você costuma frequentar a igreja (templo, sinagoga, etc)?  
 (Não inclua aí a frequência a compromissos sociais, tais como casamentos, batizados, missas de sétimo dia, etc.).

- pergunta 43 dos sep e 44 dos cas. e cas-id.

	<u>solt</u>	<u>sep</u>	<u>cas</u>	<u>cas-id</u>
1 - todos os dias	0%	0%	2%	5%
2 - uma vez por semana	18%	15	25%	35%
3 - uma vez por mês	40%	19%	18%	16%
4 - uma vez por ano	7%	25%	24%	15%
5 - menos de uma vez por ano	28%	41%	25%	16%
6 - não responderam	7%	0%	5%	13%

Segundo os estudiosos do comportamento religioso, a frequência a templos é considerada a melhor indicadora do verdadeiro grau de adesão espiritual a um dado credo do que a declaração de filiação apenas.

Somando-se os itens 1 e 2, temos os seguintes números de comparecimento mais frequente a serviços religiosos: solt teiros com 18%, separados com 15%, casados com 28% e casados idosos com 40%.

De qualquer modo, não pudemos traçar nenhuma inferência acerca de possíveis diferenças entre os diversos grupos religiosos e a propensão ao divórcio, dado o pequeno número de sujeitos de nossa amostra que é religioso mas não católico.

E mais uma vez, a exemplo da questão anterior, podemos comprovar a questão da crescente secularização através da

comparação entre idosos e solteiros ( $z = 3,43$ ,  $p < 0,01$ ). A comparação com separados mostrou-se igualmente significativa ( $z = 3,96$ ,  $p < 0,001$ ), embora aqui a razão para tanto se ancore não apenas na diferenças de idade, mas também pelo fato de separados serem menos religiosos - como outras pesquisas igualmente o demonstraram (Gleinn e Supancic, 1984, Fergusson et al., 1984; Hanson e Tuch, 1984; Thornton, 1985; Breakt e Kpsowa, 1987).

Assim, essas duas últimas questões alinham-se ao grupo de pesquisadores que comprovam a relação entre propensão ao divórcio e menor adesão religiosa, além da tendência existente no sentido de uma maior secularização entre nós.

. Você trabalha fora (há pelo menos um ano)?

- pergunta 44 dos sep e 45 dos cas e cas-id. Não foi endereçada aos solteiros.

	<u>sep</u>	<u>cas</u>	<u>cas-id</u>
1 - sim	90%	82%	43%
2 - não	10%	18%	48%
3 - não responderam	-	-	9%

Essa pergunta só faz sentido se analisada por sexo.

Assim:	<u>sep</u>		<u>cas</u>		<u>cas-id</u>	
	<u>H</u>	<u>M</u>	<u>H</u>	<u>M</u>	<u>H</u>	<u>M</u>
1 - sim	100%	80%	98%	66%	66%	20%
2 - não	0%	20%	2%	34%	28%	68%
3 - não responderam	-	-	-	-	6%	12%

Inúmeras pesquisas vêm relacionando a propensão ao divórcio ao fato de as mulheres estarem trabalhando fora de casa. Como já apontamos anteriormente, as taxas de divórcio covariam com as taxas de participação feminina na força de trabalho em todas as camadas sociais, embora ainda não se tenha precisado com exatidão as causas de tal correlação (Booth e White, 1980; Huber e Spitze, 1980; Booth et al., 1983; Booth et al., 1984).

Pode-se apontar especulativamente o aumento de ganhos pela mulher, tornando-a mais independente e menos predisposta a suportar casamentos iníquos, a ligação ao trabalho e a maior exposição "à liberdade da rua" - tentações e possibilidades diversas existentes no meio urbano contemporâneo - como os principais fatores responsáveis pela correlação trabalho feminino fora de casa/propensão ao divórcio.

Em nosso caso, de fato, as separadas diferem significativamente das casadas ( $z = 2,20$ ,  $p < 0,05$ ) no que diz respeito a trabalhar fora, o que a princípio nos colocaria ao lado das pesquisas supracitadas. O que nos faz colocar o verbo no condicional é o fato de não termos perguntado às separadas a data em que começaram a trabalhar, relacionando-a à data da separação. Se elas trabalham antes, então, nossos dados confirmam as pesquisas já citadas. Mas pode ser que só após a separação é que esse contingente feminino tenha se visto obrigado a "ir à luta" para garantir sua subsistência. Assim só na próxima pesquisa - e tomando o cuidado para verificar as datas em questão - é que poderemos nos posicionar em concordância ou na

contra-mão dessa via, que coloca em campos opostos o trabalho feminino e a estabilidade no casamento.

. Para os que responderam sim à pergunta anterior:

- pergunta 45 dos sep e 46 dos cas e cas-id. Não endereçada aos solteiros.

	<u>sep</u>		<u>cas</u>		<u>cas-id</u>	
	<u>H</u>	<u>M</u>	<u>H</u>	<u>M</u>	<u>H</u>	<u>M</u>
1 - em horário integral	90%	48%	88%	26%	50%	2%
2 - em meio expediente	10%	32%	10%	40%	16%	18%
3 - não responderam	0%	20%	2%	34%	34%	64%
N =	50	40	49	33	33	10

O mesmo problema levantado na questão anterior nos impede de prosseguir na análise da relação divórcio/trabalho feminino: embora separadas tenham suplantado casadas significativamente na dedicação ao trabalho em horário integral ( $z = 3,22$ ,  $p < 0,001$ ), não temos como saber se essa dedicação é anterior ou posterior à separação, o que implicaria em conclusões bem distintas.

. Seu cônjuge trabalha fora (há pelos menos um ano)?

1 - sim

2 - não

. Para os que responderam sim à pergunta anterior:

1 - em horário integral

2 - em meio expediente

Face à impossibilidade de extrair dados significativos dessas duas perguntas, como explicamos acima, não vamos reproduzi-las e analisá-las aqui.

. Com que idade você se casou?

- pergunta 46 dos sep e 49 dos cas e cas-id.

	<u>H</u>	<u>M</u>	<u>MÉDIA</u>
1 - separados	25,1	22,4	24,76
2 - casados	26,4	23,2	24,79
3 - casados idosos	27,0	22,3	24,65

Um dos preditores mais citados de estabilidade marital é o que se refere à idade em que os cônjuges se casam. Já há razoável quantidade de trabalhos comprovando que casais que se unem muito jovens estão muito mais propensos ao divórcio, do que se casam mais tarde (Bumpass e Sweet, 1972; Carter e Glick, 1976, Norton e Glick, 1976; Glenn e Supancic, 1984; Heaton et al., 1985; entre outros).

Dentre as possíveis razões que justificam essa constatação empírica, estão fatores que giram em torno da questão da imaturidade psicológica dos nubentes, que os impediria de lidar de forma mais equilibrada com as dificuldades inerentes a uma vida a dois, nos dias de hoje. <sup>(1)</sup> É verdade que em tem -

(1) Segundo alguns estudiosos da matéria, essas dificuldades abrangeriam as seguintes questões: encarar a vida de casado, como se ainda estivesse solteiro, não conseguindo conciliar uma busca de excessiva autonomia com as responsabilidades e obrigações de uma vida a dois; pouca tolerância a frustrações e sacrifícios; idealização dos aspectos românticos da  
(cont.)

pos antigos, casava-se até mais cedo, mais havia então uma maneira de encarar o casamento que "anulava" os "efeitos colaterais" da excessiva juventude do cônjuges.

Aparentemente, a aceitação por parte de nossos antepassados de que o casamento era a única e definitiva via para se chegar à realização pessoal -, e que essa por sua vez resultava da ligação eterna entre duas pessoas, com filhos, família e a busca de satisfação mútua de necessidades básicas como a maior razão de ser da união - seria responsável pela neutralização da tenra idade como fator de desagregação dos casamentos. Some-se a isso o fato de as pessoas viverem então bem menos tempo, o que forçava o casamento a se dar igualmente mais cedo. (1)

Essa aceitação acrítica ou incondicional não mais existe. Dessa forma, os tais "efeitos colaterais" não são mais

---

(cont.)

relação, com a enganosa convicção de que apenas o amor seria suficiente para resolver diferenças de difícil conciliação; pouca reflexão acerca das novas atribuições que se fazem necessárias para uma vida a dois mais harmoniosa e menos conflitiva, etc.

(1) Historicamente, não se pode fazer uma correlação direta entre menor longevidade e a tendência a se casar mais cedo. Simplesmente em certas épocas do passado havia momentos em que as pessoas se casavam mais cedo, ou mais tarde. Entre outras razões que fazem as pessoas adiar hoje em dia a data de seus casamentos estão a necessidade de maior tempo dedicado aos estudos, menor número de filhos, as próprias dúvidas semeadas pela "epidemia de divórcios", que faz as pessoas hesitarem diante da escolha "definitiva" e a questão da crescente valorização do individualismo como estilo de vida predominante.

inibidos, e a imaturidade dos nubentes aliada ao espírito "individualista-transitório contemporâneo" vigente, surge como grande responsável pela tendência de se lutar pouco para evitar uma separação.

Em nossa amostra, encontramos apenas uma pequena diferença entre separados e casados na direção esperada, porém não significante estatisticamente, com estes últimos casando - se mais tarde. Assim, não conseguimos dessa forma, entrar no rol dos pesquisadores que apontam a idade como variável de peso na inclinação para o divórcio.

À guisa de curiosidade, a idade média nos EUA para o primeiro casamento é de 21,1 anos, para as mulheres (Glick e Lin, 1986) - uma média quase dois anos mais alta, comparando - se com a referente à década de 50 (19,4 anos).<sup>(1)</sup>

E Carter e Glick (1976) citam para os homens, em 1963 uma idade média no primeiro casamento em torno de 23,1 anos (EUA).

. Com que idade você se separou?

- pergunta 47 dos sep, destinada unicamente a esse grupo.

. homens: 34,4 anos

. mulheres: 32,2 anos

---

(1) Norton e Moorman (1987) citam dados do U.S. Bureau of the Census pelos quais a idade média já teria passado para 23,3 em 1985 - para mulheres.

Pelos dados obtidos, os casamentos das mulheres duraram, até a consumação da separação, 9,8 anos. Esses números suplantam os coletados por Norton e Moorman (1987) nos EUA que indicam uma duração média para os casamentos em torno dos 7,5 anos. Glick e Lin (1986), no entanto, mostram dados que dão como 5,4 anos o tempo médio de duração do primeiro casamento.

Há que se levar em conta, nessa contabilidade fatídica, que como os processos de separação são muitas vezes longos, os cônjuges costumam diferir entre si ao apontar a data exata de suas separações, alguns dando ênfase à saída de casa, outros privilegiando um entendimento verbal feito em certo dia, outros escolhendo aleatoriamente uma data aproximada em meio a vários momentos de crise, ou entre as eventuais saídas e voltas para casa de um dos parceiros. Assim sendo, nesse caso, estamos sempre trabalhando com datas estimadas. De qualquer modo, há um consenso de que, estatisticamente, pelo menos metade das separações se dá antes da esposa alcançar a faixa dos trinta anos.

E como já indicamos na introdução, as estimativas feitas - em função da análise das tendências detectadas nas taxas de divórcio - pelos demógrafos para os grandes centros urbanos ocidentais, indicam, para os anos 80 e 90, que mais de 50% de todos os casamentos serão interrompidos por um processo de divórcio. Analogamente, como já se observou, se algum restaurante servisse comida envenenada em metade de seus pratos ou se 50% de todos os carros montados em uma fábrica apresentassem graves defeitos, tanto o restaurante quanto a fábrica te-

riam sido fechados: pelos próprios donos, ou pela polícia. A comparação aqui não é para fazer com que as autoridades pensem em proibir os casamentos, e sim para que sirva de alerta para tão graves sintomas e suas implicações psicossociais - isso, considerando-se que tais taxas permaneçam nesse já absurdo e doloroso patamar.

. Com que idade você se "recasou"?

- pergunta 47 dos sep, exclusiva para esse grupo.

. homens: 35,1 anos (n = 20)

. mulheres: 32,2 anos (n = 22)

Em média, os homens de nossa amostra voltaram a se casar em menos de um ano, e as mulheres, a julgar pelos nossos dados, no mesmo ano em que se separaram. Na verdade, o que houve, é que as separadas que se recasaram formam um subgrupo que se casou mais cedo (21,6 anos) e também se separou mais cedo (por volta dos 29,7 anos) que os demais membros do conjunto de separadas, o que provocou - à primeira vista - o estranho resultado mostrado acima. Ou seja, esse grupo, particularmente, casou-se mais cedo, separou-se após oito anos, e voltou a se casar menos de três anos depois.

Cite-se igualmente, a título de curiosidade, estas estatísticas americanas, segundo as quais 84% dos homens tornam a se casar - contra 77% das mulheres (Glück e Lin, 1986). Evidentemente, a taxa de recasamentos é mais alta para aqueles que se separaram mais jovens. O tempo médio, para os mesmos auto -

res, nos EUA, entre a separação e o novo casamento está por volta de 2,7 anos (1985).

### 39) Sua idade:

- pergunta 49 dos sep e 50 dos cas-id.

solteiros: 20,6 anos

separados: 39,6 anos

casados: 41,3 anos

casados idosos: 66,0 anos

Em média, 20 anos separam solteiros de casados e separados; estes dos idosos, pouco mais de 25 anos.

### 40) Sexo

- pergunta 50 dos sep e 51 dos cas e cas-id.

Conforme expusemos na seção objetivos, nossa amostra se constituiu de 50 entrevistados de cada sexo.

### . Número de filhos

- pergunta 51 dos sep e 52 dos cas e cas-id.

	sep	cas	cas-id
1 - nenhum	17%	7%	5%
2 - um	39%	19%	19%
3 - dois	23%	40%	25%
4 - três	14%	26%	17%
5 - quatro	5%	4%	18%
6 - cinco ou mais	0%	4%	14%
7 - não responderam	2%	0%	2%

Quando comentamos a questão referente aos principais impedimentos para uma separação observamos que a presença de filhos funcionava como uma espécie de freio poderoso, segundo a percepção dos entrevistados, para a separação. Embora a diferença entre separados e os demais grupos quanto ao item 1 - nenhum filho - tenha sido expressiva ( $\underline{z} = 2,17$ ,  $p < 0,05$ , comparação com casados, e  $\underline{z} = 2,71$ ,  $p < 0,01$ , comparação com idosos), não se pode dizer que seus casamentos "derraparam por falta de freios/filhos" porque simplesmente podem nem ter tido tempo de pensar em filhos. É possível que não o tenham feito (filhos) por sentir que suas relações já não eram muito estáveis ou promissoras, não se sentindo pois suficientemente seguros para tal. Assim, não sabemos se falta de crianças é consequência de uma relação já comprometida, ou uma das causas que levaram à separação, ou ainda, ambas as coisas. De qualquer modo, há um consenso entre os estudiosos de que menos filhos diminuem a estabilidade dos casamentos. (1)

O alardeado "encurtamento" das famílias pode ser observado em nossa amostra, quando se compara por exemplo, o número de casais com mais de três filhos. Se entre os idosos 32% dos entrevistados tiveram muitos filhos, a percentagem, para casados e separados, é de apenas 8 e 5%, respectivamente. E se é verdadeira a afirmação de que há uma relação inversamente proporcional entre número de filhos e estabilidade marital, ido-

---

(1) De 1800 para cá, o número de crianças nos lares - grandes centros urbanos - passou de 3,5 para 1,5 - fonte Savells e Cross, 1978. No Brasil a taxa de fecundidade caiu de 5,7 filhos em 1960 para 3,5 em 1984 (Fonte: IBGE. Censo Demográfico e Resultados Preliminares de PNAD, 1985).

os têm um problema a menos para se preocupar - se é que uma possível separação ainda é motivo de preocupação para esse grupo.

41) Escolaridade:

- pergunta 52 dos sep e 53 dos cas e cas-id.

1 - 1º grau incompleto (primário)	0%	0%	1%	6%
2 - 1º grau completo (primário)	0%	0%	1%	8%
3 - 2º grau incompleto (ginásio/científico/ profissionalizante)	1%	4%	8%	20%
4 - 2º grau completo (ginásio/científico/ profissionalizante)	5%	10%	16%	22%
5 - 3º grau incompleto (universidade)	79%	14%	8%	8%
6 - 3º grau completo (universidade)	15%	69%	66%	29%
7 - não responderam	0%	3%	0%	7%

Sendo os nossos entrevistados predominantemente de classe média e média alta, era mesmo de se esperar um alto nível de escolaridade. Podemos atestar - comparando os grupamentos na casa dos 60 anos com os da casa nos 20 anos - o aumento do investimento educacional pessoal. Essa maior dedicação aos estudos provavelmente implicará em adiamentos no primeiro casamento e concorrerá para a emancipação feminina, que por sua vez, terá conseqüências na questão estabilidade marital (v. capítulo

sobre emancipação feminina). A liberdade da vida moderna - para a qual o maior nível educacional contribui decisivamente - parece ter, segundo Skolnick (1977) um preço caro: a fragilidade e a instabilidade nos laços familiares.

. Qual a sua profissão?

- pergunta 53 dos sep e 54 dos cas e cas-id. Não endereçada aos solt. Todas as respostas obtidas foram agrupadas em quatorze categorias, a saber:

	<u>sep</u>	<u>cas</u>	<u>cas-id</u>
1 - não trabalha	3%	4%	25%
2 - não trabalha (tem profissão, mas não exerce)	4%	4%	1%
3 - funcionário público (federal/estadual/municipal)	4%	1%	10%
4 - prestação de serviços (nível técnico)	8%	10%	15%
5 - profissional liberal	33%	26%	15%
6 - profissões assistenciais (médico, psicólogo, assistente social, etc.)	23%	21%	7%
7 - militar	0%	4%	5%
8 - estudante	3%	1%	0%
9 - comerciante	1%	2%	4%
10 - comerciário	2%	2%	2%
11 - industrial	2%	0%	0%
12 - industriário	3%	2%	0%
13 - ensino	9%	21%	10%
14 - outros	1%	2%	3%
15 - não responderam	4%	0%	3%

Temos acima uma descrição das profissões e/ou atividades exercidas por nossos entrevistados. Note-se a predominância das profissões liberais, as quais subdividimos ainda em um item adicional referente à tarefas assistenciais. Digna de citação é a porcentagem de casados idosos que não trabalham (25%) - todos do sexo feminino. Em pouco mais de vinte anos as mulheres de classe média de nossa amostra saíram para trabalhar fora de casa. E lembramos que uma parcela razoável daquele total (6%) de mulheres pertencentes aos grupos das casadas idosas queixou-se (pgta 42) de seus pais por não lhes terem dado oportunidade de estudarem e - quem sabe - também poder participar das novas atribuições e funções que suas filhas começaram a desfrutar.

42) Com que classe social você mais se identifica?

- pergunta 54 dos sep e 55 dos cas e cas-id.

	<u>solt</u>	<u>sep</u>	<u>cas</u>	<u>cas-id</u>
1 - muito alta	2%	1%	0%	0%
2 - alta	6%	6%	5%	2%
3 - média-alta	42%	31%	38%	38%
4 - média-média	44%	50%	45%	51%
5 - média-baixa	5%	5%	10%	5%
6 - baixa	1%	1%	0%	2%
7 - muito baixa	0%	1%	0%	0%
8 - não responderam	1%	0%	2%	2%

Última pergunta do questionário, incluída para conferir a classe social dos entrevistados, e onde se vê a predominância das respostas em torno dos itens 3 e 4 - classe média-alta e média-média respectivamente.

Após a exibição e análise das opiniões e atitudes dos quatro grupos com relação ao que foi perguntado acerca do casamento e de questões afins, vamos mostrar em seguida em que homens e mulheres - dos quatro grupos - diferiram significativamente quanto a essas mesmas indagações. Algumas dessas diferenças, aliás, já foram apontadas ao longo dessa seção, em instâncias em que isso se fez necessário.

A primeira diferença nas percepções de homens e mulheres ocorreu na altura da pergunta acerca da "aprovação do casamento e das relações familiares como elas são". Aqui, os homens suplantam em todos os grupos, exceção feita aos solteiros, na avaliação positiva do status atual do casamento (39 contra 34% entre os casados, n.s.; 31 contra 26% entre os separados, n.s.; 41 contra 35% entre os idosos, n.s.). Apenas entre os solteiros as mulheres estão mais satisfeitas. Se por um lado as diferenças não se mostraram significativas a nível de 0,05, por outro, há uma interessante concordância intergrupar apontando os homens como estando mais satisfeitos que as mulheres quanto ao casamento.

Apesar disso, os homens estão perdendo terreno, por que na pergunta seguinte, sobre a evolução do casamento, as mulheres em todos os grupos excederam os homens nas respostas 1

e 2, que reportam ter o casamento melhorado ou melhorado muito (23 contra 21% entre casados; 30 contra 16% entre separados ; 16 contra 12% entre idosos e 32 contra 22% entre solteiros; é significativa apenas a diferença entre sexos dos separados -  $z = 2,35, p < 0,05$ ).

Assim, mulheres mais que os homens, de um modo geral, acham que o casamento está melhorando, embora esses últimos ainda estejam mais satisfeitos do que elas. Se a tendência prosseguir, breve, todos os sexos estarão igualmente (in)satisfeitos.

É nas respostas à pergunta sobre causas da piora do casamento que homens e mulheres diferem drasticamente. A "emancipação feminina" é aqui apontada pelos homens como fator de peso no processo: 20% dos homens casados, e 17% dos separados contra mínimas porcentagens exibidas pelas mulheres (solteiros e idosos não reportaram a emancipação como causa de piora). Boa parcela dos homens na faixa dos 40 anos não vêm com muito bons olhos esse movimento das mulheres em prol de sua liberação.

Conseqüentemente, na pergunta sobre a avaliação da importância da emancipação feminina, as críticas - excessos e radicalismos e outras respostas de desvalorização - provêm exclusivamente do contingente masculino, principalmente dos separados.

Na pergunta "O que procurou no casamento?", as mulheres nos três grupos creditaram, ainda que não significativamente - maior importância à segurança financeira que os homens.

Este dado, a nosso ver, é merecedor de sondagens futuras adicionais e parece indicar a persistência de vestígios da tradicional possibilidade de ascensão sócio-econômica que o casamento sempre representou para as mulheres.

Na questão seguinte - "O que você realmente encontrou?" - as mulheres queixaram-se unanimemente da falta de amor, suplantando os homens nessa reclamação - principalmente as separadas (médias no grupo sep.: homens, 2,5 e mulheres, 3,1 ; médias no grupo cas: homens, 1,6 e mulheres, 2,6; média no grupo cas-id: homens, 1,6 e mulheres, 2,1). Vemos assim que as mulheres se frustram mais que os homens quando o assunto é amor e casamento. (1)

No que diz respeito ao casamento do outro - "O que a maioria das pessoas procura?" - as mulheres tornam a privilegiar o item segurança financeira. Se nos próprios casamentos esse item ocupa um modesto 5º lugar (todos os grupos), quando referido à união de outrem, esse fator passa a ocupar lugar de destaque - 2º para as separadas, 3º para casadas e casadas idosas. Esses dados demonstram que as mulheres são mais sensíveis a uma distorção perceptiva na relação entre casamento e suas motivações, tal como apontamos quando da análise dessa pergunta feita anteriormente, nessa mesma seção. Sem dúvida, um caso curioso e, como dissemos, merecedor de maiores atenções posteriores.

---

(1) São nos separados obtivemos uma diferença estatisticamente significativa ( $t = -2,76$   $p < 0,01$ ).

No grupo dos casados, as mulheres suplantam os homens quando se referem à possibilidade de se separar. Todos os 4% que responderam os itens 4 e 5 - separação bastante provável, de 70 a quase 100% - são do sexo feminino. E dos que respondem não à indagação "Você se imagina passando o resto de sua vida com a mesma pessoa?", 2/3 são do sexo feminino. Tomadas em conjunto, essas duas questões somadas àquelas que analisamos há pouco no início do exame das diferenças sexuais, parecem confirmar que as mulheres casadas estão mesmo mais insatisfeitas que os homens.

Uma diferença curiosa surgiu na questão dos empecilhos para uma eventual separação. Aqui, os homens privilegiaram o sentimento de culpa em grau muito superior ao das mulheres. Esse sentimento ocupou em termos ordinais o 2º lugar na hierarquia feita pelos homens casados, contra um 5º lugar pelas casadas. Entre separados, a diferença na hierarquização foi de 3º e 7º lugar, respectivamente, e entre idosos, 3º e 9º lugar. Por que essa diferença?

Nossa suposição é de que o homem, em que pese o movimento de emancipação feminina, ainda se sente como o cabeça do casal (the breadwinner). E pela lei brasileira, de fato o é (pelo menos ante a Receita Federal). Assim sendo, a separação e conseqüente diminuição do poder aquisitivo da esposa pesa mais nos ombros do homem do que da mulher. Some-se a isso o fato de que no casamento, simbolicamente, a jovem é entregue pelo pai ao noivo, que promete cuidar dela para o resto da vida.

De modo que, mesmo com a iniciativa dos divórcios cabendo cada vez mais às mulheres, os homens continuam se sentindo mais culpados. É igualmente possível que, além dos fatores simbólicos e materiais acima levantados, esteja influenciando a maior "dedicação" dos maridos às relações extramaritais, que acrescentam alguns passos na direção da culpabilidade.

Seja por que motivo for, não há dúvida de que o sentimento de culpa é um verdadeiro divisor de águas entre homens e mulheres, quando se pensa em termos de separações, eventuais ou de fato.

Mais um exemplo da desigualdade de percepções entre homens e mulheres quanto à insatisfação no casamento tem lugar nas comparações quanto ao nível de tensão e conflito existentes. Só as mulheres (casadas e casadas idosas) respondem respectivamente por 81% e 70% das respostas alocadas nos itens 1 e 2 - níveis classificados como muito alto e alto. Uma diferença bastante respeitável e que vem se juntar a outros indicadores por nós reportados acerca de distinções nos níveis de satisfação que o casamento oferece a homens e mulheres.

Já vimos na introdução a supremacia dos homens no número de relações extramaritais. Na avaliação dessas experiências, a única grande divergência aconteceu no item só uma questão física, que foi apontado apenas pelos homens. Essa resposta obteve entre as mulheres 0% de indicações!

Uma única diferença digna de nota, também, separa os homens das mulheres na indagação acerca dos principais fato

res que contribuem para uma relação sexual satisfatória. O item sentir-se atraente, penúltimo colocado no ranking de importância para separados e último colocado para casados idosos, recebeu da parte das mulheres um peso maior: 6º lugar em importância para casadas e separadas e 7º para casadas idosas. Esse achado se coaduna com o maior dispêndio de energia, tempo e dinheiro que as mulheres empregam em nossa cultura nos cuidados da aparência física.

A maior insatisfação das mulheres em seus casamentos é um tema recorrente em nossa pesquisa. Na pergunta "Avalie o grau de felicidade existente em sua união", obtivemos os seguintes percentuais para homens e mulheres (soma das respostas 1 e 2, muito feliz e moderadamente feliz): 43 contra 32% entre casados e 42 contra 32% entre idosos. Mesmo não sendo significativas a nível de 0,05, as diferenças vão na direção esperada.

Somadas a outras respostas similares, esses dados nos fazem crer que, aos olhos das mulheres, o casamento, ainda que esteja melhorando, traz maiores alegrias ao homem. Veja-se por exemplo as respostas à última questão que trata dessa hipótese: "Se pudesse fazer tudo de novo, você se casaria com seu marido/esposa?". Dos que responderam não, 87 e 75% são mulheres (casadas e casadas idosas, respectivamente - pergunta feita apenas a esses dois grupos). Uma esmagadora diferença.

"Erros que você acha que seu pai e sua mãe cometeram no tocante à sua educação". Aqui, ser mulher significa uma

educação mais rígida e autoritária, tratamento diferenciado (mais discriminatório) e tabu do sexo (falta de liberdade sexual). Esses três itens surgiram em proporção significativamente superior nas reclamações femininas em todos os grupos.<sup>(1)</sup> Acrescentem-se a tais distinções os reparos feitos apenas pelas casadas idosas, que criticaram, como já apontamos quando da análise da pergunta, a falta de estímulo à educação de um modo geral.

Todas essas queixas refletem o tratamento diferenciado que - apesar do movimento feminista - ainda caracteriza a educação de filhos e filhas em nossa cultura. Isso a despeito das mudanças que vão se fazendo sentir e que se traduzem, por exemplo, numa visão já um pouco diferente, esposada, como vimos, por boa parte dos jovens solteiros.

No que diz respeito à religião, observamos que as mulheres casadas e casadas idosas freqüentam templos religiosos mais sistematicamente que os homens, comprovando evidências anedóticas. A diferença no entanto, só se mostrou significativa estatisticamente para as idosas ( $z = -2,51, p < 0,05$ ). Para as casadas, embora na direção esperada, não se alcançou o nível de 0,05 ( $z = -1,73, n.s.$ ).

Finalmente, entre as últimas diferenças dignas de nota entre os sexos, ressalte-se o que já havíamos destacado a

---

(1) exceção feita ao tratamento diferenciado, onde separadas e solteiras igualaram-se aos seus pares masculinos. Todas as outras comparações foram significativamente a nível igual ou menor que 0,05.

cerca das diferenças existentes na escolaridade e trabalho fora, apenas no grupo das idosas casadas: aqui, pouco estudo e pouco exercício profissional fora de casa é que constituem a normas.

Antes de passarmos adiante, cumpre observar uma outra diferença de caráter mais geral: mulheres foram muito mais pródigas que homens nas perguntas abertas, respondendo de forma quantitativa e qualitativamente superior. Possivelmente, as mulheres no momento em que vivemos estão mais dispostas a questionar e refletir criticamente sobre o casamento do que os homens. Este interesse pode estar sendo ditado pela maior frustração, como vimos na introdução e na presente seção, frente às novas possibilidades que estão a frente - mas ainda inalcançáveis - da mulher de hoje. Seja por que motivo for, a verdade é que o contingente feminino se mostrou, nos quatro grupos, mais solícito e atento ao que lhes foi perguntado.

Lembramos ainda que, nessa parte de comparações entre sexos, abordamos apenas o que se mostrou "diferente" e o que não tinha sido examinado ao longo dessa seção de resultados e discussão.

Veremos agora, no capítulo seguinte, o que podemos concluir acerca da crise do casamento contemporâneo a partir do que os estudiosos e nossos entrevistados afirmaram a respeito.

## C O N C L U S Ã O

"Eu, -----, te recebo, ----- por minha mulher (meu marido), e te prometo ser fiel na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, amando-te e respeitando-te todos os dias de minha vida".

A tradicional jura que os noivos fazem diante do altar inclui ainda o compromisso "até que a morte no separe" ("o que Deus uniu o homem não separa"), e a concordância em que tudo é feito de livre e espontânea vontade.

Essas promessas implicam pois em exclusividade monogâmica, permanência e o abrir mão de boa dose de independência e autonomia em prol de uma vida a dois, Sabells e Cross (1978) acrescentam ainda que está implícita uma certa desigualdade quanto aos papéis a serem cumpridos por homens e mulheres, eles como cabeças de uma nova família, e elas subordinadas, em muitos aspectos, a seus esposos.

Na primeira parte de nosso estudo, esperamos ter demonstrado que profundas mudanças culturais e sócio-econômicas foram as responsáveis pela chamada crise do casamento contemporâneo, que tornam os votos expressos na cerimônia católica verdadeiras promessas eleitorais de um político que, ao se eleger, dificilmente conseguirá cumpri-las.

Assim, a diminuição da religiosidade, a moderniza-

ção, a urbanização, o encurtamento das famílias, a menor integração social na comunidade, a excessiva e acrítica valorização do amor como solução para todos os males e base única do casamento, o aumento da longevidade, a revolução sexual, o controle da natalidade efetivo e simplificado, a emancipação feminina e o conflito acerca dos papéis a serem desempenhados pelas mulheres, os meios de comunicação de massa e o isolamento atual criaram a nossa família contemporânea.

Uma ilha em meio a um mar repleto de idéias, crenças e atitudes que privilegiam o individualismo como valor central dos sistemas culturais vigentes. Esse individualismo se reflete na crescente autonomia, que faz com que as pessoas fiquem menos subordinadas à autoridade das instituições mais tradicionais de controle social: comunidade, igreja e a própria família. Esse estilo de vida é novo principalmente para as mulheres, mas também o é - no grau alcançado hoje - para os homens. Em um nível semântico, como já se observou, se ontem felicidade pessoal era sacrifício, hoje, ninguém quer sacrificar a felicidade pessoal.

Ao mesmo tempo, nossa cultura ainda nos impõe uma imagem mais tradicional da vida em família e do casamento, criando nos indivíduos expectativas impossíveis de serem alcançadas. Frustração, conflito e sofrimento são subprodutos inevitáveis dessas promessas, segundo as quais a felicidade estaria atrelada a um amor infundável, à sexualidade livre e plena - ao lado de um casamento monogâmico - e, para a mulher, direitos e oportunidades iguais. Isso tudo em uma ilha, fechados para a

comunidade, outros grupos sociais, e outros membros da própria família. E organismos ou parte de organismos que cortem a comunicação entre si e o meio circundante estão dando boa margem de oportunidades para a ocorrência de processos autodestruidores: estagnação, deterioração de funções, empobrecimento e - por mais forte que seja a palavra - apodrecimento.

O conflito - provocado por bruscas mudanças entre novos e velhos valores - e o isolamento seriam as marcas registradas do momento vivido pela família/casamento contemporâneo. A grande maioria das pessoas continua a querer se casar, ter filhos e manter uma relação heterossexual monogâmica estável e permanente. Mas esse desejo esbarra nas condições criadas pela sociedade moderna, que, como vimos, transformam o casamento contemporâneo num insolúvel quebra-cabeça, onde não se obteve ainda a fórmula (ou mesmo o analgésico) para se lidar harmoniosamente com a complexidade das conflitantes demandas da tradição e da modernidade.

Com relação à pesquisa propriamente dita, a primeira referência que se pode fazer é que há uma divórcio entre o que os estudiosos apontam e o que as pessoas - no seu dia-a-dia - consideram como causas da crise. Possivelmente por estarem diretamente envolvidas no processo e por não disporem de uma perspectiva histórica, as pessoas têm apenas uma consciência difusa das causas das profundas mudanças sociais que afetam o casamento moderno, deixando de levar em conta a maioria dos fatores que os pesquisadores consideram como mais relevantes.

Quanto às diversas mini-hipóteses relacionadas à crise do casamento que procuramos comprovar em nosso estudo, conseguimos resultados significativos no que diz respeito à existência de uma tendência secularizante - e de seu papel facilitador de separações e gerador de aspirações "liberalizantes"; a importância desempenhada pelos filhos na consolidação dos laços familiares; o maior individualismo, em detrimento dos interesses grupais ou comunais; a emancipação feminina e suas implicações na sexualidade, trabalho fora do lar, vida em família, etc.

Emprestamos apoio empírico igualmente à existência de correlação entre as relações extramaritais e a propensão ao divórcio; ao alto nível de insatisfação e preocupações para com a questão da estabilidade das uniões - indicador da crise; e a excessiva idealização, principalmente entre os jovens, da importância do amor no casamento, como uma espécie de panacéia para todos os males. Como já observamos na introdução, a concepção de que "só o amor constrói" não leva em conta que, sem a devida manutenção, prédios e pontes podem virar ruínas em tempo surpreendentemente curto. Esses mesmos jovens apresentaram de modo geral posições mais liberais a respeito da sexualidade, educação de filhos e divisão de poder na família.

No exame específico das diferentes visões esposadas por homens e mulheres, constatamos uma maior insatisfação por parte das mulheres, que atribuímos a um "meio de caminho", e suas implicações em termos de frustração/privação, conforme abordamos no capítulo introdutório, acerca da sexualidade a par-

tir de contribuições de E. Aronson. Ainda no exame das diferenças entre sexos, a emancipação feminina recebe por boa parte da amostra masculina fortes críticas e rejeição quase generalizada. Em contrapartida, sentimento de culpa (face a eventuais separações), maior número de relações extramaritais e maior satisfação no casamento são matérias nas quais os homens superaram as mulheres.

Por outro lado, não conseguimos nos alinhar ao lado dos pesquisadores que descobriram relações entre heterogamia de idade (parceiros de idades muito diferentes) e propensão ao divórcio, nem comprovar a tendência de que os casamentos entre cônjuges muito jovens são mais instáveis (embora nossos dados tenham apontado na direção esperada, não se mostraram significativos estatisticamente).

Pudemos observar ainda a predominância de uma "dupla moral" entre nós, que preconiza distintos comportamentos sexuais para homens e mulheres, bem como a existência de forças mais tradicionais na área da sexualidade. Encontramos, por exemplo, um número de virgens (sexo feminino) bem superior à "realidade" representada pelos meios de comunicação de massa.

Ao lado das questões maiores relativas ao casamento e sua crise, avaliamos algumas hipóteses extraídas da psicologia social contemporânea, relacionadas a princípios de atribuição de causalidade, equidade nas relações homem/mulher e no jogo de poder do casamento. Constatamos a adequação da hipótese das perspectivas divergentes entre atores e observadores em di

versas instâncias. Quando se pediu aos entrevistados que avaliassem suas relações, os fracassos foram externalizados; mas internalizados quando se tratava dos outros, dando assim apoio à chamada "self serving bias" e ao "erro fundamental de atribuição", repetidamente encontrado na literatura. E os motivos que levam as outras pessoas a se casar, segundo nossos sujeitos, nunca são tão nobres quando comparados aos que levaram os próprios respondentes ao altar. Vieram à luz também alguns outros vieses perceptivos, que tanto quanto sabemos, não estão embasados em qualquer princípio teórico específico. Assim, os entrevistados tendem a atribuir pesos diferentes à própria felicidade e à de seus pais no casamento, esses últimos sempre vistos como menos felizes. Igualmente observamos que os mesmos fatores são considerados importantes como forças que levam à separação, mas absolutamente não importantes como obstáculos à criação de uma relação estável e harmoniosa!

Ainda no âmbito desses objetivos secundários, encontramos em nossos dados comprovação à tese que relaciona insatisfação conjugal a inequidades percebidas no casamento. Quanto às relações de poder, os resultados ressaltam a crescente tendência a um maior igualitarismo e à diminuição da autoridade masculina.

Temos consciência de que em nossa análise e discussão não esgotamos todas as possibilidades oferecidas pelo grande número de respostas à nossa disposição. Novos cruzamentos e comparações poderão fornecer ainda achados igualmente relevantes, a partir do modo como nossos entrevistados avaliam os fa-

tores que cercam o casamento. Como é nosso intuito prosseguir estudando o fenômeno em questão, esperamos extrair desse material outras ilações.

Não poderíamos encerrar o presente trabalho sem fazer algumas considerações acerca do futuro do casamento e da família. Exercícios de futurologia costumam ser desmentidos - por vezes de maneira ridícula - pela própria realidade, e a complexidade em torno dessa questão torna ainda mais elusiva a tentativa de se traçar a via e os rumos a serem seguidos. A história da família, mesmo marcada por outras crises e períodos difíceis, evidencia que com boa dose de flexibilidade, pragmatismo e adaptabilidade, os problemas foram enfrentados e resolvidos. Não há porque acreditar que agora será muito diferente.

De qualquer modo, a não ser que ocorram inesperadas e trágicas mudanças (como guerras ou epidemias), as taxas de divórcio deverão permanecer altas, bem como as taxas de natalidade tenderão a baixar. As pessoas nos grandes centros urbanos adiarão seus casamentos e as mulheres, ao prosseguir na conquista de trabalho fora de casa, serão responsáveis pelas maiores mudanças no que diz respeito à educação dos filhos, divisão de poder, papéis sociais, relação conjugal e à própria vida em família.

À mulher, de fato, por estar mais próxima da "linha de combate", caberá um peso maior nessa transição entre a tradição e o novo e na maneira de atravessar a crise o menos dolorosamente possível.

Skolnick e Skolnick (1983) chegam a apontar a ironia que há por trás do fato de que boa parte da crise é ocasionada por avanços sociais: o declínio da mortalidade infantil, o aumento da longevidade, o controle da natalidade, a educação de massa e a crescente autonomia dos indivíduos em termos de controle sobre eventos da própria vida (casar, quando casar, com quem casar, ter filhos - ou não - e quantos), que contribuíram significativamente para a fragilização da família e do casamento.

Nesse sentido, se coisas boas trouxeram coisas más, é possível que coisas más (como a atual crise) nos levem à reflexão e à adoção de atitudes que, ao menos, minorem o sofrimento e a dor que estão a reboque da atual crise.

E se não é possível alterar esse espírito de nosso tempo mais individualista ("gesellschaft") por um mais grupal ("gemeinschaft") talvez seja possível diminuir o pernicioso isolamento a que está condenada a nossa família, buscando-se uma maior integração social entre ela e a comunidade. Mas nesse processo, a idealização do amor, tão fortemente defendida pelos nossos jovens, e a centralização da relação nesse sentimento, vão funcionar mais como obstáculos de que como pontes, servindo ainda para reforçar expectativas impossíveis de serem realizadas.

Entre os sonhos - ou pesadelos, dependendo do ponto de vista moral de cada um - que alguns teóricos vislumbram em um horizonte próximo, estão os casamentos com contrato de dura

ção (até que os filhos cresçam e desapareçam, por exemplo) , maior intervenção estatal, criação de creches em larga escala e de outros serviços de auxílio aos casais, além de sérios questionamentos à monogamia.

O trabalho aqui apresentado constituiu um esforço no sentido de compreender melhor as dificuldades do casamento contemporâneo, a fim de que elas venham a ser superadas.

À guisa de encerramento, apresentamos alguns exemplos de máximas e bem humoradas definições que a humanidade, em sua milenar sabedoria, vem acumulando sobre o casamento. Esta mesma sabedoria, esperamos, venha nos salvar de um ameaçador naufrágio e nos leve a atravessar com menos dores e sobressaltos o atual mar de dificuldades em que se encontram o casamento e a família. Os pensamentos que se seguem mostram bem as contradições da humanidade em relação a estas instituições tão importantes. Apesar de, em sua maioria, se inclinarem mais para uma visão sarcástica do casamento, a humanidade dele ainda não pode prescindir.

O casamento e algumas de suas múltiplas definições através do tempo: na Literatura e na Cultura Popular.

- . um homem casado vive como um cão, mas morre como um rei, um homem solteiro vive como um rei, mas morre como um cão.

edwin lahey

- . de qualquer modo, casa-te: se conseguires uma boa esposa, serás feliz; se tua esposa for mãe, tornar-te-ás um filósofo.

sócrates

- . vênus, uma bela mulher de bom gênio era a deusa do amor; juno, uma víbora, a deusa do casamento. E sempre foram inimigas mortais.

swift

- . os segundos casamentos são o triunfo da esperança sobre a experiência.

anônimo

- . matrimônio: estudam-se três semanas, amam-se três meses, discutem três anos, toleram-se trinta anos. E os filhos recomeçam.

hippolyte taine

- . a cadeia do casamento é tão pesada que são necessárias duas pessoas para carregá-la, e às vezes três ou mais.

alexandre dumas filho

- . as feridas do casamento são curadas pelo divórcio, cujas feridas se curam por outro casamento.

carlos drummond de Andrade

- . o difícil não é escolher uma mulher. O difícil é desistir das outras.

domingos oliveira

- . quando duas pessoas estão sob a influência da mais violenta, mais louca, mais enganadora e mais passageira das paixões, mandam-lhes jurar que permanecerão nessa condição excitada, anormal e exaustiva até que a morte as separe.

george bernard shaw

- . família moderna: um grupo de pessoas que têm as chaves da mesma casa.

millor fernandes

- . o país do casamento é muito peculiar: os estrangeiros querem habitá-lo e os nativos, seus habitantes naturais, querem ser exilados...

montaigne

- . a vida de solteiro é vazia, mas a de casado enche.

(escrito num pára-choque de caminhão)

- . e no entanto, ainda não se descobriu a bússola para se navegar no alto mar do matrimônio.  
e. heine
- . o único equilíbrio do casamento é o de proporcionar iguais de cepções ao homem e à mulher.  
oscar wilde
- . o casamento é o intercâmbio de maus humores durante o dia e de maus odores durante a noite.  
schoppenhauer
- . diz-se que o mês de maio é infausto para se casar. Os outros meses infaustos são junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro, dezembro, janeiro, fevereiro, março e abril.  
anônimo
- . o marido é o que sobra do noivo depois do casamento.  
lino furlan
- . o mais sensato que já se disse sobre o casamento é o seguinte: faça o que fizeres, te arrependerás.  
chamfort
- . o matrimônio é produto do amor, assim como o vinagre o é do vinho.  
lord byron

. o estado matrimonial se chama santo porque conta com muitos mártires.

f. blatter

. não importa muito com quem se casa, pois na manhã seguinte seguramente se descobre que era outra pessoa.

samuel rogers

. é melhor casar do que arder.

coríntios I, Bíblia.

. um conselho para as pessoas que estejam na iminência de se casar: não façam isso.

punch, vol. 8, 1, 1945.

. quando um homem deve se casar? O jovem, ainda não; o velho, nunca.

francis bacon

. casamento é como pirulito: começa no mel, acaba no palito.

dito popular

. casamento, s.m. estado ou condição de uma comunidade que consiste de um senhor, uma senhora e dois escravos, perfazendo um total de dois.

ambrose pierce

. a vida de uma esposa e marido que se amam um ao outro nunca está em repouso. Verdadeiro ou falso, o casamento tem sempre a mesma essência: discordância básica.

girandoux

- . como as impressões digitais, todos os casamentos são diferentes.

george bernard shaw

- . então é isso o casamento: um homem e uma mulher assistindo uma menina jogando bola...

virginia woolf

- . o casamento não passa de um contrato civil.

john selden

- . um nunca se casou, e este é o seu inferno; o outro se casou , e esta é a sua maldição.

robert burton

- . digo-vos que não teremos mais casamentos...

w. shakespeare (hamlet, ato III, cena I)

- . se você teme a solidão, nunca se case.

a. chekov

## BIBLIOGRAFIA

- AGÊNCIA de Imprensa para o estrangeiro da R.D.A. (1986) - Mulheres na RDA, Direitos Iguais - Igualmente Utilizados?
- AGUIAR, N. (coord) (1984) - Mulheres na Força de Trabalho na América Latina: Análises Qualitativas. Ed. Vozes, Petrópolis.
- ALDOUS, J. e Dahl, N. (comp), (1974) - International Bibliography of Research in Marriage and the family. Vol. II, 1965-1972. U. of Minnesota Press.
- ALMEIDA, A.M. (org.) (1987) - Pensando a Família no Brasil, da Colônia à Modernidade. Co-edição Espaço e Tempo, Ed. da UFRJ, RJ.
- AL-THAKEB, F.T. (1985) - The Arab Family and Modernity: Evidence from Kuwait. Current Anthropology, 26 (5) dec., 575-580.
- ANDERSON, E.A. e Leslie, L.A., (1985) - Satisfaction and Stress in Three Types of Working Families, paper presented in the 93th Annual Convention. A.P.A., L.A., august.
- ARAÚJO de Andrade, H.C. (1987) - "Quando o Casamento Dura (apesar das crises) ...", Um Levantamento de Algumas Dimensões das Relações Conjugais Contemporâneas, dissertação de Mestrado, PUC-RJ.
- ARGYLE, M. e Furnham, A. (1983) - Sources of Satisfaction and Conflict in Long-term Relationships. Journal of Marriage and the Family, 45(3), 481-493.
- ARIÈS, P. (1975) - L'Enfant et la Vie Familiale sous L'Ancien Regime, Ed. du Seuil, Paris.

- ARIES, P. e Béjin, A. (org.) (1985) - Sexualidade Ocidental . Ed. Brasiliense, São Paulo.
- ARONSON, E. (1984) - The Social Animal (4th edition). N.H. Freeman and C., N.Y.
- ATKINSON, C.W. (1983) - Precious Balsam in a Fragile Class: The Ideology of Virginity in the Later Middle Ages. Journal of Family History, 8(2), 131-143.
- AUGÉ, M. (org.) (1978) - Os Domínios do Parentesco. Edições 70/Martins Fontes, Lisboa.
- AZEVEDO, Thales de (1965) \_ Family, Marriage and Divorce in Brazil, In Heath, D.B. e Adams, R.N. (Eds), Contemporary Cultures and Societies of Latin America, N.Y., Random House.
- BAHR, S.J. et al. (1983) - Age at Marriage, Role Enactment, Role Consensus, and Marital Satisfaction. Journal of Marriage and the Family, 45(4), 795-803.
- BALZAC, H. de (1983) - Pshysiologia do Casamento. 4a. Ed., F. Briguiet e Cia eds., R.J.
- BANE, M.J. (1976) - Marital Disruption and the Lives of Children. Journal of Social Issues. 32(1), 103-117.
- BARAN, G. e Albuquerque, C., (1985) - Atitudes Femininas diante do Casamento: A Influência da Percepção do Casamento dos Pais. Trabalho não publicado.
- BARROS, M.L. (1987) - Autoridade e Afeto. Jorge Zahar Ed., RJ.
- BARROSO, C. (1982) - Mulher, Sociedade e Estado do Brasil. Ed, Brasiliense/UNICEF.

- BEAUVOIR, S. de (1980) - O Segundo Sexo. Vol. I. Ed. Nova Fronteira, R.J.
- BECKER, G.S. (1973) - A Theory of Marriage: Part I. Journal of Political Economy, 81, 813-846.
- BECKER, G.S. et al. (1977) - An Economic Analysis of Marital Instability. Journal of Political Economy. 85, 1141-1187.
- BELL, R.R. et al. (1975) - A Multivariate Analysis of Female Extramarital Coitus. Journal of Marriage and the Family, 37 375-384.
- BENENSON, H. (1983) - Women's Occupational and Family Achievement in the U.S. Class System: a Critique of the Dual-Career Analysis. The British Journal of Sociology, 35(1) 19-41.
- BEN-Rafel, E. e Weitman, S. (1984) - The Reconstitution of the Family in the Kibbutz. Arch. Europ. Sociol., XXV, 1-27.
- BENTLER, P.M. e Hubo, G.J. (1979) - Simple Minitheories of Love. J. on Pers. and Soc. Psych. 37(1), 124-130.
- BERARDO, F.M. et al. (1981) - A Prescriptive Analysis for the Family Field in the 1980s. Journal of Marriage and the Family, 43(2), 249-270.
- BERGER, P.L. e Berger, B. (1983) - The War over the Family. Hutchinson Ed., London.
- BUSS, D.M. (1985) - Human Mate Selection. American Scientist, 73, jan/fev.
- BOOTH, A. e White, L. (1980) - "Thinking About Divorce" Journal of Marriage and The Family, 42, 606-616

- BOOTH, A. et al. (1983) - Measuring Marital Instability. Journal of Marriage and the Family, 45(2), 387-394.
- \_\_\_\_\_ (1984) - "Women Outside Employment, and Marital Instability. American Journal of Sociology, 90, 567-583.
- BORSCHIED, P. (1986) Romantic Love or Material Interest: Choosing Partners in Nineteenth-Century Germany. Journal of Family History. 11(2), 157-168.
- BOULDING, E. (1983) - Familia Faber: the Family as Maker of the Future. Journal of Marriage and the Family, 45(2), 257-266.
- BOWEN, G.L. e Orthner, D.K. (1983) - Sex-Role Congruency and Marital Quality. Journal of Marriage and the Family, 45(1), 223-230.
- BRANDEN, N. (1980) - A Psicologia do Amor Romântico. Ed. Imago, \_\_\_\_\_.
- BREAULT, K.A. e Kposuwa, A.J. (1987) - Explaining Divorce in the United States, A Study of 3,111 Counties. 1980, Journal of Marriage and the Family, 49, 549-558.
- BREHM, S.S. (1985) - Intimate Relationships. Random House, N.Y.
- BRENNAN, E.R. et al. (1982) - Inheritance, Demographic Structure and Marriage: A Cross-Cultural Perspective. Journal of Family History, fall, 289-298.
- BROWN, C.A. et al. (1976) - Divorce: Chance of a New Lifetime. Journal of Social Issues, 32(1), 119-133.
- BROWN, L.H. e Kidwell, J.S. (1982) - Methodology in Family Studies: the Other Side of Caring. Journal of Marriage and the Family, 44(4), 841-850.

- BRUSCHINI, M.C. e Rosemberg, F. (1980) - Vivência: História, Sexualidade e Imagens Femininas. Ed. Brasiliense, Rio de Janeiro.
- BUCHER, Júlia S.N.F. (1985) - Mitos, Segredos e Ritos na Família. Psicologia: Teorias e Pesquisa, 1(2), 110-117.
- BUGAIGHIS, M.A. (1983) - Locus of Control and Marital Satisfaction. Journal of Psychology, 114, 275-279
- BUMPASS, L.L. e Sweet, J.A. (1972) - Differentials in Marital Instability: 1970. American Soc. Review, 37, dec., 754-766.
- BURNS, A. (1984) - Perceived Causes of Marriage Breakdown and Conditions of Life. Journal of Marriage and the Family. aug., 46(3), 551-562.
- BURR, W.R. et al. (ed.) (1979) - Contemporary Theories about the Family. Vol. I e II, The Free Press, N.Y.
- BURR, W.R. e Leigh, G.K. (1983) - Famology: a New Discipline. Journal of Marriage and the Family, 45(3), 467-480.
- BYINGTON, C. (1977) - A Mulher e o Homem como Pessoas na Sexualidade na Família e na Sociedade. Abertura, 2, jun-jul, 2-27.
- CANDIDO, A. (1951) - The Brazilian Family, In Smith, T.L. e Marchant, A. (eds) Brasil: Portrait of Half Continent. N.Y., The Dryden Press.
- CANEVACCI, M. (org.) (1984) - Dialética da Família. Ed. Brasiliense, São Paulo.
- CARNEIRO, T.F. (1983) - Família: Diagnóstico e Terapia. Ed. Zahar, Rio de Janeiro.

- CARNEIRO, T.F. (1987) - "Aliança e Sexualidade no Casamento e no Recasamento Contemporâneo". Psicologia: Teoria e Pesquisa, 3 (3), set/dez, 250-262.
- CARTER, H. e Glick, P.C. (1976) - Marriage and Divorce: A Social and Economic Study. Mass., Harvard. Univ. Press.
- CASTRO Ribeiro, P.M. (1985) - Acerca da Família Nuclear. Tese de Mestrado, FGV/ISOP.
- CENTERS, R. (1949) - The Psychology of Social Classes. Princenton Univ. Press.
- CENTERS, R., Bertram, H. e Rodrigues, A. (1979) - Estrutura do Poder Conjugal: um Reexame. In Estudos em Psicologia Social. A. Rodrigues, Ed. Vozes, Petrópolis.
- CERKES, R. (1984) - Os Brasileiros Continuam Casando, Mas ... In: Journal do Comércio. Revista Nacional, 307, outubro.
- CHALLITA, M. (1987) - Os Mais Belos Pensamentos de Todos os Tempos. Ed. Acigi, 3a. ed., RJ
- CHAUÍ, M. (1984) - Repressão Sexual, essa nossa (des)conhecida. Ed. Brasiliense, São Paulo.
- CHERLIN, A.J. (1981) - Marriage, Divorce, Remarriage. Mass, Harvard Univ. Press.
- CHERLIN, A. e Fustenberg, Jr., F.F. - (1983) The American Family in the Year 2000. The Futurist, june, 7-14.
- CHERLIN, A. e Celebuski, C. (1983) - Are Jewish Families Different? Some Evidence from the General Social Survey. Journal of Marriage and the Family, 45(4), 903-910.

- CHERLIN, A. (1983) - Changing family and Household: Contemporary Lesons from Historical Research. Annual Rev. Sociol., 9, 51-66.
- CHIA, R.C. et al. (1985) - Attitude tow-rd Marriage Roles Among Chinese and Amrican College Students. The Journal of Soc. Psych. 126(1), 31-35.
- COHEN, J.M. e M.J. (1976) - The Penguin Dictionary of Modern Quotations. Penguin Books, England.
- \_\_\_\_\_ (1974) - The Penguin Dictionary of Quotations. Penguin Books, England.
- COLASANTI, M. (1985) - E Por Falar em Amor. Ed. Rocco, R.J., 7º Ed.
- COLLINS, G. (1987) - Marriage is Still Popular. In New York Times, June, 15.
- COSTA, A.L. et al (1987) - Pesquisa sobre Mulher no Brasil, do Limbo ao Gueto? Cad. Pesq., S.P., 54, 5-15, agosto.
- COSTA, M. et al. (1986) - Macho, Masculino, Homem, LPM, 4º Ed.
- COWAN, C. e Kinder, M. (1986) - Mulheres Inteligentes, Escolhas Insensatas. Ed. Rocco, R.J.
- CROMWELL, R.E. (eds) (1976) - Power in Families. John Wiley and Sons, N.Y.
- CROSBY, J.E. (1975) - The Death of The Family Revisited. The Humanist, may/june, 12-14.
- DAMATTA, R. (1986) - A Casa e a Rua. Ed. Brasiliense, S.P.
- D'ANTONIO, W.V. (1985) - The American Catholic Family: Signs of Cohesion and Polarization. Journal of Marriage and the family, 47 (2), 395-405.
- DAVID, P. (1977) - Psicanálise e Família. Ed. Moraes, Lisboa.
- DAVIDSON, B. et al. (1983) - Affective Self-Disclosure and Marital Adjustment: A Test of Equity Theory. Journal of Marriage and the Family, 45(1) 93-102.
- DELA COLETA, J.A. (1982) - Atribuição de Causalidade. Ed. FGV/RJ.

- DEMAUSE, L. (1974) - The Evolution of Childhood History of Childhood Quarterly, the Journal of Psychohistory, 1(4), 503-606.
- DEMOS, J. (1986) - Past, Present and Personal. N.Y., Oxford Univ. Press.
- DONZELOT, J. (1980) - A Polícia das Famílias. Ed. Graal.
- DRIVER, A.B. (1976) - Religion. Signs, 2(21), 434-442.
- ELDER, G.H., Jr. (1981) - History and the Family: The Discovery of Complexity. Journal of Marriage and the Family, 43(3) 489-519.
- FAULKENBERRY, J.R. et al. (1987) - Coital Behaviors, Attitudes, and Knowledge of Students Who experience early Coitus. Adolescence, XXII, 86, sum. 32-332.
- FERGUSSON, D.M. et al. (1984) - A Proportional Hazards Model of Family Breakdown. Journal of Marriage and the Family, 46 539-549.
- FERREE, M.M. (1976) - The Confused American Housewife. Psychology Today. sep., 76-80.
- FIGUEIRA, Sêrvulo A. (org) (1985) - Cultura da Psicanálise. Ed. Brasiliense, S.P.
- FIGUEIRA, S.A. (org) (1986) - Uma Nova Família? Jorge Zahar Ed. R.J.
- FISCHER, C.S. (1982) - The Dispersion of Kinship Ties in Modern Society: Contemporary Data and Historical Speculation. Journal of Family History, winter, 7(4), 353-375.

- FLANDRIN, J.L. (1988) - O Sexo e o Ocidente. Ed. Brasiliense, S.P.
- FLORES, S.C.; Acosta, E.A. (1985) - Nahuat Families: Families in Transition? Cross-Cultural and National Studies in Social Psychology. Ed. by R. Diaz Guerrero, North-Holland.
- FORMIGA, Ronaldo da C. (1983) - Família e Individualismo: Um Contexto Interdisciplinar. Anuário Antropológico, 8, 318-338.
- FOUCAULT, M. (1984) - História da Sexualidade I. Ed. Graal, Rio de Janeiro.
- \_\_\_\_\_ (1984) - História da Sexualidade II. Ed. Graal, Rio de Janeiro.
- FIX, R. (1986) - Parentesco e Casamento. Ed. Vega, Lisboa.
- FRANKEL, C. (1976) - The Impact of Changing Values on the Family. Social Casework, june. 355-365.
- FREIRE, Jurandir C. (1983) - Ordem Médica e Norma Familiar. Ed. Graal, 2º ed., Rio de Janeiro.
- FREUDIGER, P. (1983) - Life Satisfaction Among Three Categories of Married Women. Journal of Marriage and the Family, 45(1) 213-220.
- FREYRE, Gilberto (1984) - The Patriarchal Basis of Brazilian Society, In Maier, J. e Weatherhead, R.W. (eds) Politics of Change in Latin America. N.Y., Praeger Pub.
- FREYRE, G. (1980) - Casa Grande e Senzala. 23º Ed., liv. José Olympio, R.J.
- FRIDAY, N. (1977) - Minha Mãe, meu Modelo. Ed. Record, São Paulo.

- FUKUI, Lia F.G. (1980) - Estudos e Pesquisas sobre Família no Brasil. Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais, 10, 13-23.
- FURSTENBERG Jr., F.F. (1976) - Premarital Pregnancy and Marital Instability. Journal of Social Issues, vol. 32(1), 67-86.
- GIRÃO, R.S. e Naccache, T.R.M. (1987) - Crise Familiar e os Padrões Relacionais das Famílias na Década de 80. Trabalho não publicado, RJ.
- GLENN, N.D. e Weaver, C.N. (1978) - A Multivariate, Multisurvey Study of Marital Happiness. Journal of Marriage and the Family, may, 269-282.
- GLENN, N.D. Supancic, M. (1984) - The Social and Demographic Correlates of Divorce and Separation in The United States: An Update and Reconsideration. Journal of Marriage and The Family, 46(3), 363-585.
- GLENN, N.D. (1985) - Children of Divorce. Psychology Today, june, 68-69.
- GLENN, N.D. e Shelton, B.A. (1985) - Regional Differences in Divorce in The United States. Journal of Marriage and the Family, 47, 641-652.
- GLICK, P.C. (1975) - A Demographer Looks at American Families. Journal of Marriage and the Family, 37, 15-26.
- GLICK, P.C. e Lin, S.L. - Recent Changes in Divorce and Remarriage. Journal of Marriage and Family, 4(4), 737-742.
- GOLDBERG, H. (1983) - The New Male-Female Relationship. Ed. Coventure.

- GOLDSCHIEDER, F.K. (1986) - Sex Differences in The Entry into Marriage. Am. J. of Soc., vol. 92(1) july, 91-109.
- GONZALEZ, J.M. (1985) - Comportamiento Sexual Del Universitá - rio. Revista Latinoamericana de Psicologia, 17(1), 7-56.
- GOODE, W.J. (1963) - Revolução Mundial e Padrões de Família. Ed. Nacional, Edusp.
- \_\_\_\_\_ (1964) - A Família. Ed. Pioneira de Ciências So - ciais, S.P.
- GOODFREY, G. (1981) - Frases de Cabecera. Vol. I e II, Ed. Leviatan, B. Aires.
- GOUGH, K. (1971) - The Origin of the Family. Journal of Marriage and the Family, 33, 760-771.
- GOVE, W.R. et al. (1983) - Does Marriage Have Positive Effects on the Psychological Well-Being of the Individual? Journal of Health and Social Behavior, 24(2), 122-131.
- GRANT, V. (1976) - Quando Surge o Amor? Ed. Pioneira, S.P.
- GRAY-Little, B. e Burks, N. (1984) - Power And Satisfaction in Marriage: a Review and Critique. Psychological Bulletin, 138(3) - 513-538.
- GREENBERG, E.F. e Nay, W.R. (1982) - The Intergenerational Transmission of Marital Instability Reconsidered. Journal of Marriage and the Family, 44(2), 335-347.
- GREENBLAT, C.S. (1983) - Salience of Sexuality in the Early Years of Marriage. Journal of Marriage and the Family, 45 (2), 289-300.

- GREENFIELD, S.J. (1969) - Love and Marriage in modern American: A functional Analysis. Sociological Anarterly, 6, 321-377.
- GUTTMAN, H.A. (1983) - Autonomy and Motherhood. Psychiatry, 46, aug., 230-235.
- HAAS, L. (1981) - Domestic Role Sharing in Sweden. Journal of Marriage and the Family, nov. 41, 957-963.
- HACKER, A. (1987) - Mulheres no Trabalho. Diálogo, 20(4), 2-7.
- HAFNER, R.J. e Spence, N.S. (1988) - Marriage Duration, Marital Adjustment and Psychological Symptoms: A Cross-sectional Study. Journal of Clinical Psychology 44(3), 309-316.
- HALLIDAY, T.C. (1980)- "Remarriage: The More Complete Institution?". American Journal of Sociology, 86, 630-635.
- HANSON, S.L. (1983) - A Family Life-Cycle Approach to the Socioeconomic Attainment of Working Women. Journal of Marriage and the Family, 45(2), 323-338.
- HANSON, S.L. e Tuch, S.A. (1984) - The Determinants of Marital Instability: Some Methodological Issues. Journal of Marriage and the Family, 46(3), 631-641.
- HAREVEN, T.K. (1976) - Modernization and Family History: Perspectives on Social Change. SIGNS: Journal of Women in Culture and Society, 2(1), 190-206.
- HARRIS, M. (1981) - Why it's not the Same America. Psychology Today, aug., 22-51.
- HEATOR, T.B. et al. (1985) - The Timing of Divorce. Journal of Marriage and the Family, 47(3), 631-535.

- HENDRICK, S. et al. (1985) - Gender Differences in Sexual Attitudes. Journal of Personality and Social Psychology, 48 (6), 1630-1642.
- HENDRICK, S. et al. (1988) - Romantic Relationships: Love, Satisfaction, and Staying Together. Journal of Personality and Social Psychology, 54(6) - 980-988.
- HERLIHY, D. (1983) - The Making of the Medieval Family: Symmetry, Structure and Sentiment. Journal of Family History, 8(2), 116-130.
- HETHERINGTON, E.M. et al. (1981) - The Aftermath of Divorce, In Contemporary Readings in Child Psychology. 2<sup>o</sup> Ed., Hetherington, E.M. e Parke, R.D. (eds), McGraw-Hill Book Co., N.Y.
- HILLER, D.V. (1984) - Power Dependence an Division of Family Work. Sex Roles, 10(11/12), 1003-1019.
- HILLER, D.V. e Philliber, W.W. (1986) - The Division of Labor in Contemporary Marriage: expectations, perceptions, and performance. Social Problems, vol. 35(3), feb., 191-201.
- HOFFMAN, L.W. (1977) - Changes in Family Roles, Socialization, and Sex Differences. American Psychologist, aug., 644-657.
- HOLTZWORTH-Munroe, A. e Jacobson, N.S. (1985) - Causal Attributions of Married Couples: When do they Search for Causes? What do They Conclude When they do? Journal of Pers. and Social Psychology, 48(6), 1398-1412.
- HOUSEKNECHT, S.K. e Macke, A.S. (1981) - Combining Marriage and Career: the Marital Adjustment of Professional Women. Journal of Marriage and the Family, 43(3), 651-661.

- HOUT, M. e Greeley, A.M. (1987) - The Center doesn't hold: Church Attendance in the United States, 1940 - 1984. American Sociological Review, 52(3) 325-345.
- HUBER, J. e Spitze, G. (1980) - "Considering Divorce: An Expansion of Becker's Theory of Marital Instability". American Journal of Sociology, 86, 75-85.
- HUNT, M. (1974) - Sexual Behavior in The 1970's. Chicago: Playboy Press.
- I.B.G.E. (1979) - O Quadro das Famílias em Domicílios de Chefe Migrante e Natural.
- \_\_\_\_\_ (1980) - IX Recenseamento Geral do Brasil - vol. 1, tomo 6, nº 18. Censo Demográfico Famílias e Domicílios do Rio de Janeiro, vol. 1, tomo 5, nº 18, Mão de Obra do Rio de Janeiro.
- \_\_\_\_\_ (1983/4) - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.
- \_\_\_\_\_ (1984) - Indicadores Sociais, Tabelas Seleccionadas. Vol. 2.
- IKEDA, D. (1977) - The Creative Family. Nichiren Shoshu Int. Center, Tokio.
- IKELS, C. (1985) - Parental Perspectives on the Significance of Marriage. Journal of Marriage and the Family, 47(2) 253-264.
- JASSO, G. (1985) - Marital Coital Frequency and The Passage of Time. Am. Soc. Rev., 50, april, 224-241.
- JABLONSKI, B.; Rodrigues, A. et. al (1985) - Causas de Sucesso e Fracasso em Situações de Realização Escolar. Relatório Técnico nº 3, do Centro Brasileiro de Pesquisas Psicossociais. FGV, RJ.

- JEDLICKA, D. (1984) - Indirect Parental Influence on Mate Choice: a Test of the Psychoanalytic Theory. Journal of Marriage and the Family, 46(1), 65-70.
- JOHNSON, C. (1986) - New Woman Sex Report II. In New Woman, nov. 73-79.
- JORDAN, N. (1985) - Labor neither loved nor lost. Psychology Today, oct., 70-71.
- JORNAL do Brasil (1985) - A Nova Família. Caderno Especial do Jornal do Brasil, edição de 14-7-85.
- JOURARD, S.M. (1975) - Marriage Is for Life. Journal of Marriage and Family Counseling, july, 199-208.
- KALMYKOVA, E.S. (1984) - Psychological Problems of the First Years of Married Life. Soviet Psychology (Journal of Translations), 22(3), 61-73.
- KELLY, E.L. e Conley, J.J. (1987) - Personality and Compatibility: A Prospective Analysis of Marital Stability and Marital Satisfaction. J. of Pers. and Soc. Psych., 52(1) 27-40.
- KITSON, G.C. et al. (1982) - Sampling Issues in Family Rsearch. J. of Mar. and The Fam., 42, 965-981.
- KOSOVSKI, E. (1983) - Adultério. Ed. Codecri, Rio de Janeiro.
- KROLL, P. et al. (1987) - Today's Family in Crisis. Why? The Plain Truth, may, 52(5), 6-20.
- KUMAGAI, F. (1986) - Modernization and The Family in Japan. Journal of Family History, 11(4), 371-382.

- LABOVITZ, S. (1965) - The Assignment of Numbers to Rank Order Categories. American Sociological Review, 30(6), 843-861.
- LACAN, J. (1978) - A Família. Ed. Assírio e Alvim, Lisboa.
- LANTZ, H.R. e Snyder, E.C. (1968) - Marriage. John Wiley and Sons, N.Y.
- LASCH, C. (1977) - Haven in a Heartless World, The Family Besieged. Basic Books, Inc., N.Y.
- \_\_\_\_\_ (1986) - O Mínimo Eu. Ed. Brasilienses, S.P.
- LASLETT, B. (1973) - The Family as a Public and Private Institution, An Historical Perspective. Journal of Mar. and Fam., 35(3), 480-492.
- LAUER, J. e Lauer, R. (1985) - Marriages made to Last. Psychology Today, jun, 22-26.
- LAVIN, IIII, T.J. - (1987) - Divergence and Convergence in the Causal Attributions of Married Couples. Journal of Marriage and the Family, 49, Feb., 71-80.
- LEDERER, W.J. e Jackson, D.D. (1968) - The Mirages of Marriage. W.W. Norton and Company, N.Y.
- LEERHSEN, C. et al. (1985) - I do, I do, I do. Newsweek, oct, 7.
- LEITE, M.M. (org.) (1984) - A Condição Feminina no Rio de Janeiro no século XIX. Hucitec/Pró-Memória, INL, S.P.
- LEITES, E. (1987) - A Consciência Puritana e a Sexualidade Moderna. Ed. Brasiliense, S.P.

- LENNARD, H.L. e Bernstein, A. (1970) - Patterns in Human Interaction. Jossey-Bass Inc. Pub.
- LEVI Strauss, C. (1986) - Minhas Palavras. Ed. Brasiliense, SP.
- LEVINE, D. (1982) - "For their Own Reasons": Individual Marriage Decisions and Family Life. Journal of Family History, fall, 255-264.
- LEVINE, E.M. (1984) - The Middle-Class Family and Middle-Class Adolescents in a State of Disarray: a Social-Psychiatric Analysis. Psychiatry, 47, may, 152-161.
- LEVINGER, G. e Moles, C.C. (1976) - In Conclusion: Threads in the Fabric. Journal of Social Issues, 32(1), 193-223.
- LIKER, J.K. e Elder, Jr., G.H. (1983) - Economic Hardship and Marital Relations in the 1930s. American Sociological Review, 48(3), 343-358.
- LOCKSLEY, A. (1982) - Social Class and Marital Attitudes and Behavior. Journal of Marriage and the Family, 44(2) 427-440.
- LONG, Barbara H. (1983) - Evaluations and Intentions Concerning Marriage among Unmarried Female Undergraduates. The Journal of Social Psychology, 119, 235-242.
- LUCKEY, E.B. (1960) - Marital Satisfaction and Parent Concepts. Journal of Consulting Psychology, 24(3), 195-204.
- MACEDO, Rosa Maria S. de (1982) - A Mulher na Família. Cadernos PUC, 15.

- MACEDO de Araújo, M.L. (1985) - A Sexualidade do Universitário: Pesquisa entre Estudantes do Rio de Janeiro. Tese de Mestrado, UGF.
- MACKLIN, E.D. e Rubin, R.H. (eds) (1983) - Contemporary Families and Alternative Lifestyles, Handbook on Research and Theory. Sage Publications.
- MADEN, M.E. (1987) - Perceived Control and Power in Marriage. Personality and Social Psych. Bulletin, vol. 13(1) march, 73-82.
- MALDONADO, M.T. (1986) - Casamento: Término e Reconstrução. Ed. Vozes, Petrópolis.
- MARTINE, G. (1975) - Formación de la Família y Marginalidad Urbana en Rio de Janeiro. Celade Ed., Santiago de Chile.
- McDOVALD, G.W. (1980) - Family Power: The Assessment of a Decade of Theory and Research, 1970-1979. Journal of Marriage and the Family, 42, nov. 841-854.
- MENAGHAN, E. (1983) - Marital Stress and Family Transitions: a Panel Analysis. Journal of Marriage and the Family, 45(2), 371-386.
- MEREDITH, D. (1986) - The Nine-to-Five Dilemma. Psychology Today, feb, 36-44.
- McCRANIE, E.W. e Kahan, J. (1986) - Personality and Multiple Divorce, a Prospective Study. Journal of Nervous and Mental Disease, 173(3), 161-164.
- MILAN, B. (1983) - O que é Amor. Ed. Brasiliense, S.P.

- MILLER, B.C. et al. (1982) - On Methods of Studying Marriages and Families. Journal of Marriage and the Family, 44(4), 851-873.
- MILLER, K.A. (1984) - The Effects of Industrialization on Men's Attitudes Toward the Extended Family and Women's Rights: a Cross-National Study. Journal of Marriage and the Family, 46(1), 153-160.
- MITTERAUER, M. e Kagan, A. (1982) - Russian and Central European Family Structures: A Comparative View. Journal of Family History, Spring 7(1), 103-132.
- MIRANDA, E.S. (1987) - Satisfação Conjugal e Aspectos Relacionados: A Influência da Comunicação, da Semelhança de Atitudes e da Percepção Interpessoal. Arquivos Brasileiros de Psicologia, vol. 39(3), Jul/Set, 96-107.
- MOFFIT, P.F. e Eisen, P. (1982) - Factors Correlated with Neuroticism Scores for Married Women. Journal of Marriage and the Family, 44(2), 491-496.
- MONNERAT, Marina L.N. (1985) - Dissonância Cognitiva na Dupla Jornada de Trabalho Feminina não Compartilhada. Tese de Mestrado, UGF.
- MORGADO, B. (1987) - A Solidão da Mulher Bem-Casada. Ed. José Olímpio, R.J.
- MOSKOFF, W. (1983) - Divorce in USSR. Journal of Marriage and the Family, 45(2), 419-426.
- MOTT, F.L. e Moore, S.F. (1983) - The Tempo of Remarriage Among Young American Women. Journal of Marriage and the Family, 45(2), 427-436.

- MOUSSEAU, I. (1985) - The Family, Prison of Love. Psychology Today, aug., 53-58.
- NEWLAND, K. (1979) - The Sisterhood of Men. W.W. Norton and Co., N.Y.
- NICOLACI, Ana M. (1985) - Mal-estar na Família: Descontinuidade e Conflito entre Sistemas Simbólicos. Em Cultura da Psicanálise no Brasil, Org. por Sérvulo A. Figueira, Ed. Brasiliense, São Paulo.
- NOLASCO de Abreu, M.H. (1982) - Estigmatização da Mulher e Exercício Profissional. Tese de Mestrado, UGF.
- NORTON, R. (1982) - Measuring Marital Quality: a Critical Look at the Dependent Variable, Journal of Marriage and the Family, 45(1), 141-152.
- NORTON, A.J. e Moorman, J.E. (1987) - Current Trends in Marriage and Divorce Among American Women. J. of Mar. and Fam., 49(1), feb., 3-14.
- NORTON, A.J. e Glick, P.C. (1976) - Marital Instability: Past, Present and Future. Journal of Social Issues, 32(1), 5-20.
- NORTON, A.J. (1983) - Family Life Cycle: 1980. Journal of Marriage and the Family, 45(2), 267-276.
- NOTARIUS, C.I. e Johnson, J.S. (1982) - Emotional Expression in Husbands and Wives. Journal of Marriage and the Family, 44(2), 483-489.
- NÚCLEO de Estudos sobre a Mulher - NEM (1983) - Mulher, Preconceito e Casamento. PUC/RJ.
- O Correio (1985) - A Mulher entre a Tradição e a Mudança. O Correio da Unesco, 13(6)

- PESQUISA Manchete/Ibope (1985) - O Sexo no Brasil da Nova República. Manchete, nºs, 1736 e 1737, julho.
- PESQUISA Manchete/Ibate (1986) - A Infidelidade Feminina. Manchete, nº 1805, 35, 20-25.
- POPENOE, D. (1987) - Beyond The Nuclear Family: A Statistical Portrait of The Changing Family in Sweeden. J. of Mar. and Fam., 49, aug., 549-558.
- POSTER, M. (1978) - Teoria Crítica da Família. Ed. Zahar, RJ.
- PRADO, D. (1977) - Ser Esposa, a mais Antiga Profissão. Ed. Brasiliense, São Paulo.
- \_\_\_\_\_ (1985) - O que é Família. Ed. Brasiliense, SP.
- PSYCHOLOGY Today (1983) - Love and Romance Survey. Aug, 32-41
- QUINN, W.H. (1983) - Personal and Family Adjustement in Later Life. Journal of Marriage and the Family, 45(1), 57-74.
- QUINTAS, F. (1986) - Sexo e Marginalidade. Petrópolis, ed. Vozes.
- RAUEY, J.W. (1985) - Intimate Networks: Will They Replace the Monogamous Family?. The Futurist, aug., 175-181.
- RAPOPORT, R. e Rapoport, R. (1975) - The Dual Career Family. In Psychology and Social Issues, ed. by Hamsher and Sigall, Macmillan Co.
- RAVIV, A. e Palgy, Y. (1985) - The Perception of Social-Environmental Characteristics in Kibbutz Families with Family-Based and Communed Sleeping Arrangements. Journal of Pers. and Soc. Psychology, 44, 376-385.

- REISS, I.L. (1971) - The Family System in America. Holt, Rinehart and Winston, N.Y.
- \_\_\_\_\_ (1981) - Some Observations on Ideology and Sexuality in America. Journal of Marriage and the Family, 43 may, 271-283.
- REVISTA Veja (1984) - A Voz da Maioria. Edição de 14 de maio.
- \_\_\_\_\_ (1987) - A Valsa das Alianças. Edição de 2/12.
- \_\_\_\_\_ (1988) - Os Filhos do Divórcio. Edição de 27/01.
- WHINE, D. (1981) - Bases of Marital Satisfaction among Men and Women. Journal of Marriage and the Family, 43, nov., 941-955.
- ROACH, A.J. et al. (1981) - The Marital Satisfaction Scale: Development of a Measure for Intervention Research. Journal of Marriage and the Family, 43(3), 537-546.
- ROBINSON, R.E. e Barret, R.L. (1985) - Teenage Fathers, Psychology Today, dec., 66-70.
- RODRIGUES, A. (1986) - Psicologia Social. Ed. Vozes, 11a. ed., Petrópolis.
- RODRIGUES, A. e Marques, J.C. (1981) - Atribuição de Causalidade e Avaliação do Rendimento - Como o professor valoriza aptidão e esforço. Educação e Realidade, 6, 7-28.
- ROGERS, C. (1976) - Novas Formas de Amor. Ed. José Olympio, RJ.
- ROOF, W.C. e Mckinney, W. (1986) - A Paisagem Religiosa em Transformação. Diálogo, 4(19), 37-39.

- ROSENWALD, G.C. e Wiersma, J. (1983) - Women, Career Changes, and the New Self. Psychiatry, 46, aug., 213-229.
- RUBIN, Z. et al. (1976) - Breakups Before Marriage: the End of 103 Affairs. Journal of Social Issues, 32(1), 147-168.
- RUSBULT, C.E. e Zembrodt, I.M. (1983) - Responses to Dissatisfaction in Romantic Involvements: a Multidimensional Scaling Analysis. Journal of Experimental Social Psychology, 19, 274-294.
- RYDER, N.B. (1965) - The Cohort as a Concept in the Study of Social Change. American Soc. Review, 30(6), 843-861.
- SAFILIOS-Rothschild, C. (1977) - Love, Sex and Sex Roles. Prentice-Hall. Inc., N.J.
- SALGADO de Suyder, V.N. e Padilla, A.M. (1985) - Transmission of Sociocultural Functioning Between Parents and Children, in Interethnic Families. In Cross-cultural and National Studies in Social Psychology, ed. by R. Diaz-Guerrero, North-Holland.
- SALOM de Bustamente, C. (1984) - Expectativas de Exito y Fracasso em Venezuela. Boletim de lo Avepso, vol. VII, 2.
- SAMARA, E. De Mesquita (1983) - A Família Brasileira. Ed. Brasileira.
- SANDERS, J.L. (1986) - Egyptian and American University Students Attitudes Toward Parents and Family. The J. of Soc. Psych., 126(4), 459-463.
- SANTOS, Tania C. (1982) - A Difusão da Psicanálise na Família: um Estudo de seus Efeitos sobre a Mulher. Tese de Mestrado, PUC/RJ.

- SANZ, P.S. (1984) - Trayectoria de la Satisfacción Matrimonial a lo Largo del Ciclo Vital. Rev. de Psic. Geral y Apl., vol. 39(5), 983-995.
- SAVELLS, J. e Cross, L.J. (eds) (1978) - The Changing Family. Holt, Rinehart and Winston, N.Y.
- SCARR, S. (1984) - Mother Care/Other Care. Basic Books, N.Y.
- SCHUMAN, H. e Presses, S. (1979) - The Open and Closed Question. American Sociological Review, 44, 692-712.
- SIMPSON, J.A. et al. (1986) - The Association Between Romantic Love and Marriage, Kephart (1967) Twice Revisited. Personality and Social Psychology Bulletin, 12(3), sep., 363-372.
- SKOLNICK, A.S. (1987) - The Intimate Environment, Exploring Marriage and The Family. Little, Brown and Co., Boston.
- SKOLNICK, A.S. e Skolnick, J.H. (1983) - Family in Transition. Little, Brown and Co., Boston.
- SKYNNER, A.C.R. (1976) - Systems of Family and Marital Psychotherapy. Brunner/Mazel Pub. N.Y.
- SNYDER, M.L. et al. (1976) - Egotism and Attribution. Journal of Personality and Social Psychology, 33(4), 435-441.
- SOCCI, Vera M.V. (1983) - Elaboração e Validação de uma Escala de Atitudes em Relação a Sexo. Tese de Doutorado, USP, SP.
- SORENSEN, A. (1983) - Women's Employment Patterns After Marriage. Journal of Marriage and the Family, 45(2) 311-322.

- SPANIER, G. (1983) - Married and Unmarried Cohabitation in the United States: 1980. Journal of Marriage and the Family, 54 (2), 277-288.
- SPANIER, G. B. e Margolis, R.L. (1983) - Marital Separation and Extramarital Sexual Behavior. The Journal of Sex Research, 19(1), 23-48.
- SPANIER, G. e Glick, P.C. (1980) - The Life Cycle of American Families: an Expanded Analysis. Journal of Family History, 5(1), 98-112.
- SPENCE, J.T. et al (1985) - Sex Roles in Contemporary American Society. In The Handbook of Social Psychology, ed. by Lindzey, G. and Aronson, E., Ed. Random House, N.Y., 3<sup>o</sup> ed., vol. II, 149-178.
- STARK, E. (1984) - Women in Science: Teachers make the Difference. Psychology Today, aug.
- STATE of California (1966) - Interim Report, Judicial Committee.
- STEARNS, P.N. (1980) - Old Women: Some Historical Observations. Journal of Family History, 5(1) 44-57.
- SURRA, C.A. (1985) - Courtship Types: Variations in Interdependence between Partners and Social Networks. Journal of Pers. and Soc. Psychology, 44, ago., 357-375.
- SUSSMAN, M.B. (1983) - 1981 Burgess Address Law and Legal Systems: the Family Connection. Journal of Marriage and the Family, 45(1), 9-22.
- SYMONS, D. (1979) - The Evolution of Human Sexuality. Oxford Univ. Press., N.Y.

- THOMAS, D.L. (guest ed.) (1985) - Religion and the Family: a Special Section of the Journal of Marriage and the Family. (diversos autores), may, 47(2), 369-458.
- THOMPSON, A.P. (1983) - Extramarital Sex: A Review of The Research Literature. The J. of Sex Research, 19(1), 1-22.
- \_\_\_\_\_ (1984) - Emotional and Sexual Components of Extramarital Relations. Journal of Marriage and the Family, 46(1), 35-42.
- \_\_\_\_\_ (1985) - Changing Attitudes toward Separation and Divorce: Causes and Consequences. American Journal of Sociology, 90, 856-872.
- THORNTON, A. e Freedman, D. (1982) - Changing Attitudes toward Marriage and Single Life. Family Planning Perspectives, 14 (6), 297-303.
- THORSTENSEN, S. (1986) - Segundo Casamento. Viver Psicologia - 2(17), 18-21.
- TOFFLER, A. (1983) - Previsões e Premissas. Ed. Record, RJ.
- TOZONI Reis, J.R. (1984) - Família, Emoção e Ideologia. Psicologia Social, o Homem em Movimento. Ed. Brasiliense, S.P.
- TROVATO, F. (1988) - A Macrosociological Analysis of Change in the Marriage Rate: Canadian Women. 1921-25 to 1981-85. Journal of Marriage and The Family, 50, may, 507-521.
- ULHENBERG, P. (1980) - Death and the Family. Journal of Family History, 42, fall, 313-320.
- USSEL, J.V. (1980) - Repressão Sexual. Ed. Campus, RJ.
- VAINFAS, R. (1986) - Casamento, Amor e Desejo no Ocidente Cristão Ed. Ática, S.P.

- VELHO, G. e Sêrvulo, A.F. (Coord.) (1981) - Família, Psicologia e Sociedade. Ed. Campus, R.J.
- VERA, H. et al (1985) - Age Heterogamy in Marriage. Journal of Marriage and the Family, 47(3), 553-566.
- WALSTER, E. e Walster, G.W. (1978) - A New Look at Love, Addison-Wesley Pub. Co, London.
- WALSTER, E. et al (1978) - Equity: Theory and Research. N.Y.: Allyn and Bacon.
- WALTERS, L.W. (1982) - Are Families Different from Other Groups? Journal of Marriage and the Family, 44(4), 841-850.
- WASHBURN, S.L. (1978) - Human Behavior and the Behavior of Other Animals. American Psychologist, may, 469-491.
- WATKINS, S.C. et al. (1985) - Demographic Foundations of Family Change. American Sociological Review, 53(3), 346-358.
- WEIGERT, A.J. e Jastings, R. (1976) - Identity Loss, Family, and Social Change. American Journal of Sociology, 82(6), 1171-1185.
- WEINER, B. et al (1978) - Affective Consequences of Causal Aseriptions. In J.H. Harvey, W.I. Leke a R.F. Kidd (eds.) New Directions in Attribution Research (vo. 2). Hillside: Erlbaunn.
- WEISNER, T.S. e Eiderson, B.T. (1986) - The Children of the '60s as Parents. Psychology Today, jan, 60-66.
- WEISS, R.S. (1976) - The Emotional Impact of Marital Separation. Journal of Social Issues, 32(1), 135-145.
- \_\_\_\_\_ (1985) - Men and The Family. Family Process, 24, 49-58.

- WERTHEIMER, B.M. (1985) - Mulheres na Força de Trabalho. Diálogo, 3(18), 33-36.
- WESTOFF, C.F. (1983) - Fertility Decline in The West: Causer and Prospects. Populations and Development Review, 9(1), 99-104.
- WHITE, L.K. e Booth, A. (1985) - The Quality and Stability of Remarriage: the Role of Stepchildren., American Soc. Review, 50(5), 689-698.
- WUTHNOW, R. (1976) - Recent Pattern of Secularization: a problem of Generations? Am. Sec. Review, 41(oct), 850-867.
- WILLEMS, E. (1953) - The Structure of the Brazilian Family. Social Forces, XXXI(4) 339-345.
- WINCH, R.F. (1977) - Familial Organization. The Free Press, N.Y.
- WINCH, R.F. e McGinnis, R. (eds) (1960) - Selected Studies in Marriage and the Family. Holt, Rinehart and Winston, N.Y.
- WINTER, R. (1976) - The Fragile Bond (Marriage Now). MacMillan Pub. Co., N.Y.
- WONG, S.L. (1985) - The Chinese Family Firm: A model. The British J. of Soc., 36(1), 58-72.
- WOODS, Elisa M.A.S. (1987) - Um Estudo sobre o Recasamento no Brasil. Tese de Mestrado, PUC-RJ.
- WOORTMAN, K. (1987) - A Família das Mulheres. Tempo Brasileiro/CNPq, RJ.
- WORLD Council of Churches (1969) - Sex, Marriage and The Family in The Pacific. Report of a Seminar on Christian Marriage and Family Life, Suva Fiji Islands.
- ZHANGLING, W. (1983) - Chinese Family Problems: Research and Trends. Journal of Marriage and the Family, 45(4), 943-948.

## ANEXO I

- Folhas de Instrução
- Cadernos de Perguntas (3 tipos)
- Exemplo de Folha de Respostas

## I N S T R U Ç Õ E S

Este questionário procura sondar atitudes e comportamentos relacionados ao casamento. Suas respostas fornecerão subsídios para um melhor entendimento de como o matrimônio é percebido nos dias de hoje.

Suas respostas são confidenciais e serão mantidas em total anonimato. Não há inclusive necessidade de identificação pessoal. Embora seja um questionário relativamente extenso, a maioria das perguntas requer apenas respostas que podem ser dadas rapidamente. Tente responder a todas as questões tão honestamente quanto possível. Não perca muito tempo nas perguntas de múltipla escolha.

Algumas vezes, você será solicitado(a) a descrever com suas próprias palavras determinados sentimentos ou pensamentos acerca do casamento. E por favor, adicione os comentários que achar necessários, caso as respostas existentes não sejam a seu ver as mais adequadas.

Lembre-se de que não há respostas ou erradas, e tampouco você deve se preocupar em fornecer respostas socialmente desejáveis ou respostas que você acha que os outros esperam que você dê.

Ao terminar de responder, coloque todo o material no envelope selado e nos envie pelo correio.

No mais, agradecemos a sua colaboração e nos colocamos ao seu dispor para quaisquer explicações futuras.

Obrigado

P.S.: Não escreva nada no caderno de perguntas. Todas as respostas devem ser dadas nas folhas de respostas.

Não escreva seu nome em nenhum lugar (nem mesmo no envelope) para garantir total anonimato.

A T E N Ç A O<sup>(1)</sup>

Algumas perguntas dizem respeito a aspectos muito íntimos do comportamento. Foram incluídas no questionário porque acreditamos serem elas importantes para a elucidação de como é vivido de fato o casamento entre nós.

No entanto, dada a natureza dessas questões, se V.Sa. preferir, deixe-as em branco e siga respondendo as outras perguntas conforme o solicitado na folha de instruções.

muito obrigado

(1) essa folha foi incluída apenas nos questionários destinados ao grupo dos idosos.

P E R C E P Ç Ã O   S O C I A L   D O   C A S A M E N T O

C A D E R N O   D E   P E R G U N T A S

GRUPO SOLTEIROS

FGV/PUC/RJ

1) Você pensa em se casar algum dia?

- 1 - certamente sim
- 2 - possivelmente sim
- 3 - em dúvida
- 4 - possivelmente não
- 5 - certamente, não

2) Caso pretenda se casar, quando o fará?

- 1 - este ano
- 2 - ano que vem
- 3 - dentro de no máximo 5 anos
- 4 - dentro de no máximo 10 anos
- 5 - daqui a 10 anos ou mais

3) Você pretende se casar com uma mulher/um homem virgem?

- 1 - certamente sim
- 2 - possivelmente sim
- 3 - é irrelevante
- 4 - possivelmente não
- 5 - certamente, não

4) Você é virgem?

- 1 - sim
- 2 - não

5 - Você aprova o casamento e a relações familiares como elas são?

1 - certamento

2 - sim, com restrições

3 - igual número de defeitos e qualidades

4 - não, embora haja muitos pontos positivos

5 - de jeito nenhum

6 - Segundo o seu ponto de vista o casamento como instituição mudou:

1 - para muito melhor

2 - para melhor

3 - não mudou

4 - para muito pior

5 - para pior

7 - Se você acha que o casamento mudou, indique

(a) em que ele melhorou? Por quê?

(b) em que ele piorou? Por quê?

- 8 - Se você acredita na propalada crise do casamento, a que fatores você a atribui? (Na folha de respostas, coloque em ordem decrescente de importância: primeiro, o número correspondente à causa mais importante, em segundo, à segunda mais importante, etc).
- 1 - educação inadequada dos filhos
  - 2 - emancipação da mulher
  - 3 - declínio da fé religiosa
  - 4 - fatores econômicos
  - 5 - excessiva ênfase em sexo
- 9 - Que você acha da emancipação da mulher, e qual a importância deste fenômeno para o casamento nos dias de hoje?
- 10 - O que você espera do casamento? (Na folha de respostas, coloque em ordem decrescente de importância: primeiro, o número correspondente à causa mais importante, em segundo, à segunda mais importante, etc.)
- 1 - segurança financeira
  - 2 - amor
  - 3 - companheirismo
  - 4 - sexo
  - 5 - estabilidade

- 11 - O que você acha que a maioria das pessoas procura no casamento? (Na folha de respostas, coloque em ordem de importância, da mais importante para a menos importante, como nas perguntas anteriores)
- 1 - segurança financeira
  - 2 - amor
  - 3 - companheirismo
  - 4 - sexo
  - 5 - estabilidade
- 12 - Qual o grau de franqueza na sua relação com o(a) namorado(a)? (No sentido de lhe falar/contar tudo, ou não)
- 1 - conto tudo
  - 2 - conto 75%
  - 3 - conto 50%
  - 4 - conto 25%
  - 5 - não conto quase nada
- 13 - Você se imagina passando o resto de sua vida casado(a) com a mesma pessoa?
- 1 - sim
  - 2 - não
  - 3 - em dúvida

14 - Na sua opinião, o que faz durar um casamento? (Na folha de respostas, coloque em ordem de importância, da esquerda para a direita, da mais importante para a menos importante, como nas perguntas anteriores).

1 - persistência

2 - sexo

3 - sorte

4 - amor

5 - confiança

6 - respeito mútuo

7 - companheirismo

8 - certos traços de personalidade

9 - comunhão de idéias

15 - Qual a probabilidade de seu atual namoro terminar em casamento?

1 - quase zero (altamente improvável)

2 - por volta de 20 a 25%

3 - por volta de 50%

4 - por volta de 70 a 75%

5 - quase 100% (altamente provável)

6 - Não estou namorando no momento

- 16 - Caso você esteja namorando, quem você acha que tem se esforçado mais para que o namoro se mantenha bem?
- 1 - eu, bem mais do ela(e)
  - 2 - eu, pouco mais do que ela(e)
  - 3 - nós, em igual medida
  - 4 - ela(e), pouco mais do que eu
  - 5 - ela(e), bem mais do que eu
- 17 - Com relação a algum(a) amigo(a) próximo(a) que tenha se casado e depois, separado, a que causas você atribuiria o término da união? (Na folha de respostas, coloque em ordem decrescente de importância, como nas perguntas anteriores).
- 1 - falta de persistência
  - 2 - falta de vocação
  - 3 - azar
  - 4 - problemas financeiros
  - 5 - incompatibilidade de gênios
  - 6 - problemas específicos de um dos cônjuges (ex. alcoolismo, desvio de conduta)
  - 7 - outros (especificar)
- 18 - Liste 5 razões para explicar por que o casamento é vantajoso.
- 19 - Liste 5 desvantagens da vida de casado(a).

- 20 - Em uma semana típica (segunda a sexta), estime a porcentagem de tempo gasto em média por você nas seguintes atividades: (Cuidado para que o total chegue a 100%).
- 1 - ver TV
  - 2 - atividade solitárias (leituras, hobbies, etc.)
  - 3 - afazeres domésticos
  - 4 - trabalho fora
  - 5 - estudos (escola, cursos, etc.)
  - 6 - lazer com a família
  - 7 - namoro
  - 8 - lazer com amigos
- 21 - Pensando no que lhe proporcionará maior felicidade pessoal, avalie percentualmente as duas possibilidades abaixo (Cuidando para que a soma chegue a 100%)
- 1 - trabalhar fora
  - 2 - cuidar da casa e dos filhos
- 22 - Você diria que o nível de tensão e conflito existente no seu namoro é:
- 1 - muito alto
  - 2 - alto
  - 3 - médio
  - 4 - baixo
  - 5 - muito baixo

- 23 - Você admite a possibilidade de relações extraconjugais para o homem?
- 1 - sim
  - 2 - não
- 24 - Você admite a possibilidade de relações extraconjugais para a mulher?
- 1 - sim
  - 2 - não
- 25 - Com quantas pessoas, durante o seu namoro, você teve relações sexuais, sem contar as que porventura teve com seu(sua) namorado(a)? (Se você é virgem, não responda a essa questão).
- 1 - nenhuma
  - 2 - uma
  - 3 - duas
  - 4 - três
  - 5 - quatro
  - 6 - cinco ou mais
- 26 - Você pretende se casar virgem? (Se você não é virgem, não responda a essa questão)
- 1 - sim
  - 2 - não

27 - Você acha que sua filha deveria se casar virgem? (Supondo que um dia você venha a ter filhos).

1 - sim

2 - não

3 - tanto faz

28 - Você acha que seu filho deveria se casar virgem? (Supondo que um dia você venha a ter filhos).

1 - sim

2 - não

3 - tanto faz

29 - Quais os principais fatores que contribuem na sua opinião para uma relação sexual satisfatória? (Na folha de respostas, coloque em ordem decrescente de importância, como nas perguntas anteriores)

1 - espontaneidade

2 - atratividade do parceiro

3 - confiança

4 - experiência do parceiro

5 - criatividade

6 - amor

7 - desejo

8 - saúde

9 - sentir-se atraente

30 - Nos últimos seis meses com que frequência em média, você manteve relações sexuais com seu(sua) namorado(a)? (Se você é virgem, não responda a essa questão).

- 1 - nenhuma vez
- 2 - poucas vezes
- 3 - uma ou duas vezes por mês
- 4 - uma ou duas vezes por semana
- 5 - quase todo dia
- 6 - uma vez por dia ou mais

31 - Você acha que essas práticas sexuais - tais como o swing, sexo grupal, etc. - são?

- 1 - francamente positivas
- 2 - positivas
- 3 - neutras
- 4 - negativas
- 5 - francamente negativas

32 - Avalie o grau de felicidade existente no seu namoro:

- 1 - muito feliz
- 2 - moderadamente feliz
- 3 - nem feliz, nem infeliz
- 4 - moderadamente infeliz
- 5 - muito infeliz

- 33 - Avalie o grau de felicidade existente na união (casamento) de seus pais:
- 1 - muito feliz
  - 2 - moderadamente feliz
  - 3 - nem feliz, nem infeliz
  - 4 - moderadamente infeliz
  - 5 - muito infeliz
- 34 - Quais os erros que você acha que seu pai e sua mãe cometeram na união (casamento) deles, que você tentará não repetir?
- 35 - Quais os erros que você acha que seu pai e sua mãe cometeram no tocante à sua educação (ou a de seus irmãos) que você tentará não repetir com seus próprios filhos?
- 36 - Em todas as famílias alguém tem de decidir sobre coisas e assuntos importantes, cabendo a decisão final ora ao marido, ora à esposa. Na sua opinião, por exemplo, quem você acha que deve decidir sobre: (Indique a resposta mais correta, colocando o código numérico da situação que mais se aplica em cada caso).

Código para classificação das respostas:

1. marido sempre
2. marido mais que mulher
3. ambos igualmente
4. mulher mais que marido
5. mulher sempre

- 1 - pessoas convidadas para sair, fazer programas
- 2 - a que programa de TV assistir
- 3 - que carro comprar
- 4 - em que apartamento ou casa irão morar
- 5 - que emprego deve ser arranjado
- 6 - onde ir passar as férias
- 7 - utilizar ou não anticoncepcionais
- 8 - estabelecer os critérios de educação dos filhos
- 9 - administrar a casa
- 10 - decidir sobre investimentos financeiros

37 - Qual a sua religião?

- 1 - católica
- 2 - protestante
- 3 - judaica
- 4 - espírita
- 5 - umbandista
- 6 - outra (especifique)
- 7 - não sou religioso(a)

38 - Você costuma frequentar a igreja (templo, sinagoga, etc.)?  
(Não inclua aí a frequência a compromissos sociais, tais como casamentos, batizados, missas de 7º dia, etc.).

- 1 - todos os dias
- 2 - uma vez por semana
- 3 - uma vez por mês
- 4 - algumas vezes por ano
- 5 - uma vez por ano
- 6 - menos de uma vez por ano

39 - Sua idade:

\_\_\_\_\_ anos

40 - Sexo:

- 1 - masculino
- 2 - feminino

41 - Escolaridade:

- 1 - 1º grau incompleto (primário)
- 2 - 1º grau completo (primário)
- 3 - 2º grau incompleto (ginásio/científico/profissionalizante)
- 4 - 2º grau completo (ginásio/científico/profissionalizante)
- 5 - 3º grau incompleto ( universidade)
- 6 - 3º grau completo ( universidade)

42 - Com que classe social você mais se identifica?

1 - muito alta

2 - alta

3 - média-alta

4 - média-média

5 - média-baixa

6 - baixa

7 - muito baixa

P E R C E P Ç Ã O   S O C I A L   D O

C A S A M E N T O

C A D E R N O   D E   P E R G U N T A S

GRUPO SEP/REC

FGV/PUC/RJ

- 1) Indique a situação que melhor se aplique ao seu caso:
  - 1 - mora com um(a) companheiro(a)
  - 2 - casado(a) pela 2a. vez
  - 3 - separado (divorciado(a) ou desquitado(a))
  - 4 - casado(a) pela 3a. vez ou mais ou juntado(a)
  - 5 - eu e minha(meu) companheira(o) moramos em casas separadas
  
- 2) Quantas vezes você já se casou? (Ou uniu-se a alguém)
  - 1 - uma vez
  - 2 - duas vezes
  - 3 - três vezes
  - 4 - quatro vezes ou mais
  
- 3) Quando você conheceu o(a) seu(sua) primeiro(a) esposo(a)?
  - 1 - infância
  - 2 - adolescência (faixa dos 13 aos 18 anos)
  - 3 - universidade (ou faixa dos 19 aos 25 anos)
  - 4 - já adulto(a) (ou com mais de 25 anos)
  
- 4) Você aprova o casamento e as relações familiares como elas são?
  - 1 - certamente
  - 2 - sim, com restrições
  - 3 - igual número de defeitos e qualidades
  - 4 - não, embora haja muitos pontos positivos
  - 5 - de jeito nenhum

- 5) Segundo o seu ponto de vista o casamento como instituição mudou:
- 1 - para muito melhor
  - 2 - para melhor
  - 3 - não mudou
  - 4 - para muito pior
  - 5 - para pior
- 6) Se você acha que o casamento mudou (para melhor ou para pior, indique:
- 1 - em que melhorou? Por quê?
  - 2 - em que ele piorou? Por quê?
- 7) Se você acredita na propalada crise do casamento, a que fatores você a atribui? (Na folha de respostas, coloque em ordem decrescente de importância: primeiro, o número correspondente à causa mais importante, em segundo, à segunda mais importante, etc.)
- 1 - educação inadequada dos filhos
  - 2 - emancipação da mulher
  - 3 - declínio da fé religiosa
  - 4 - fatores econômicos
  - 5 - excessiva ênfase em sexo
- 8) Que você acha da emancipação da mulher e qual a importância deste fenômeno para o casamento nos dias de hoje?

9) O que você procurou no casamento? (Na folha de respostas, coloque em ordem decrescente de importância: primeiro, o número correspondente à causa mais importante, em segundo, à segunda mais importante, etc.)

1 - segurança financeira

2 - amor

3 - companheirismo

4 - sexo

5 - estabilidade

10) E o que você realmente encontrou? (Na folha de respostas, coloque em ordem decrescente de importância: primeiro, o número correspondente à causa mais importante, etc.)

1 - segurança financeira

2 - amor

3 - companheirismo

4 - sexo

5 - estabilidade

11) E o que você acha a maioria das pessoas procura no casamento? (Na folha de respostas, coloque em ordem de importância, da mais importante para a menos importante, como nas perguntas anteriores).

1 - segurança financeira

2 - amor

3 - companheirismo

4 - sexo

5 - estabilidade

12) Em caso de separação anterior, a quem você atribui o término da mesma? (Se você é separado(a) mais de uma vez, responda tendo em mente a primeira união).

1 - culpa do outro

2 - culpa sua

3 - culpa dos dois

4 - nenhum dos dois foi culpado

13) Em caso de separação anterior, a que causas você atribuiria o término da relação (união)? (Se você é separado (a) mais de uma vez, responda tendo em mente a primeira união)  
- Na folha de respostas coloque em ordem decrescente de importância, como nas perguntas anteriores.

1 - falta de persistência

2 - falta de vocação

3 - azar

4 - problemas financeiros

5 - incompatibilidade de gênios

6 - problemas específicos de um dos cônjuges (ex. alcoolismo, desvios de conduta, etc.)

7 - outros (especificar)

12) Em caso de separação anterior, a quem você atribui o término da mesma? (Se você é separado(a) mais de uma vez, responda tendo em mente a primeira união).

1 - culpa do outro

2 - culpa sua

3 - culpa dos dois

4 - nenhum dos dois foi culpado

13) Em caso de separação anterior, a que causas você atribuiria o término da relação (união)? (Se você é separado (a) mais de uma vez, responda tendo em mente a primeira união)  
- Na folha de respostas coloque em ordem decrescente de importância, como nas perguntas anteriores.

1 - falta de persistência

2 - falta de vocação

3 - azar

4 - problemas financeiros

5 - incompatibilidade de gênios

6 - problemas específicos de um dos cônjuges (ex. alcoolismo, desvios de conduta, etc.)

7 - outros (especificar)

- 14) Qual era o grau de franqueza na sua relação com seu (sua) ex-exposo(a)? (No sentido de lhe falar/contar tudo ou não).
- 1 - contava tudo
  - 2 - contava 75%
  - 3 - contava 50%
  - 4 - contava 25%
  - 5 - não contava quase nada
- 15) Na sua opinião, o que faz durar um casamento? (Na folha de respostas coloque em ordem decrescente de importância, como nas perguntas anteriores)
- 1 - persistência
  - 2 - sexo
  - 3 - sorte
  - 4 - amor
  - 5 - confiança
  - 6 - respeito mútuo
  - 7 - companheirismo
  - 8 - certos traços de personalidade
  - 9 - comunhão de idéias
- 16) Quem você acha que se esforçou mais para que sua primeira união não terminasse?
- 1 - eu, bem mais do que ele(a)
  - 2 - eu, pouco mais do que ele(a)
  - 3 - nós, em igual medida
  - 4 - ela(e), pouco mais do que eu
  - 5 - ela(e), bem mais do que eu

17) Com relação a algum(a) amigo(a) próximo(a) que tenha se separado a que causas você atribuiria o término da união? (na folha de respostas, coloque em ordem decrescente de importância, como nas perguntas anteriores)

- 1 - falta de persistência
- 2 - falta de vocação
- 3 - azar
- 4 - problemas financeiros
- 5 - incompatibilidade de gênios
- 6 - problemas específicos de um dos cônjuges (Ex. alcoolismo, desvios de conduta, etc.)
- 7 - outras (especificar)

18) No caso da sua separação, quais dos fatores abaixo foram a seu ver os maiores empecilhos no caminho da separação? (Na folha de respostas, coloque em ordem decrescente, como nas perguntas anteriores)

- 1 - as crianças
- 2 - motivos religiosos
- 3 - falta de coragem
- 4 - pressões sociais
- 5 - sentimento de culpa
- 6 - medo da pobreza
- 7 - medo da solidão
- 8 - pressões familiares
- 9 - medo do sofrimento

- 19) Liste 5 razões para explicar por que o casamento é vantajoso.
- 20) Liste 5 desvantagens da vida de casado.
- 21) Em uma semana típica (segunda a sexta), estime a porcentagem de tempo gasto em média por você nas seguintes atividades: (cuidando para que o total chegue a 100%)
- 1 - ver TV
  - 2 - atividades solitárias (leituras, hobbies, etc.)
  - 3 - afazeres domésticos
  - 4 - trabalho fora
  - 5 - lazer com a família
  - 6 - cuidar de outras pessoas (filhos, etc.)
- 22) Em uma semana típica (segunda a sexta), estime a porcentagem de tempo gasto em média que você consideraria ideal em termos de uma vida qualitativamente mais satisfatória (Cuidando para que o total chegue a 100%).
- 1 - ver TV
  - 2 - atividades solitárias (leituras, hobbies, etc.)
  - 3 - afazeres domésticos
  - 4 - trabalho fora
  - 5 - lazer com a família
  - 6 - cuidar de outras pessoas (filhos, etc.)

23) Em uma semana típica (segunda a sexta), estime a porcentagem de tempo gasto em média pela maioria dos seus conhecidos (Cuidando para que o total chegue a 100%)

- 1 - ver TV
- 2 - atividades solitárias (leituras, hobbies, etc.)
- 3 - afazeres domésticos
- 4 - trabalho fora
- 5 - lazer com a família
- 6 - cuidar de outras pessoas (filhos, etc.)

24) Pensando no que lhe proporcionaria maior felicidade pessoal, avalie percentualmente as duas possibilidades abaixo (cuidando para que o total chegue a 100%).

- 1 - trabalhar fora
- 2 - cuidar da casa e dos filhos

25) Você e seu(sua) primeiro(a) esposo(a) discutiam:

- 1 - o tempo todo
- 2 - muito frequentemente
- 3 - frequentemente
- 4 - medianamente
- 5 - pouco
- 6 - muito pouco
- 7 - nunca

26) Você admite a possibilidade de relações extraconjugais para o homem?

- 1 - sim
- 2 - não

- 27) Você admite a possibilidade de relações extraconjugais para a mulher?
- 1 - sim
  - 2 - não
- 28) Com quantas pessoas você manteve relações sexuais fora do casamento/união, enquanto casado(a) unido(a)?
- 1 - nenhuma
  - 2 - uma
  - 3 - duas
  - 4 - três
  - 5 - quatro
  - 6 - cinco ou mais
- 29) Como você avalia esta(s) experiência(s) em termos de consequências pessoais e seus reflexos no seu casamento/união?
- 30) Você se casou virgem?
- 1 - sim
  - 2 - não
- 31) Você acha que sua filha deveria se casar virgem?
- 1 - sim
  - 2 - não
  - 3 - tanto faz

32) Você acha que seu filho deveria se casar virgem?

- 1 - sim
- 2 - não
- 3 - tanto faz

33) Quais os principais fatores que contribuem na sua opinião para uma relação sexual satisfatória (Na folha de respostas coloque em ordem decrescente de importância, como nas perguntas anteriores)?

- 1 - espontaneidade
- 2 - atratividade do parceiro
- 3 - confiança
- 4 - experiência do parceiro
- 5 - criatividade
- 6 - amor
- 7 - desejo
- 8 - saúde
- 9 - sentir-se atraente

34) Considerando o seu primeiro casamento, qual era a frequência mdia de relações sexuais (últimos seis meses antes da separação)?

- 1 - nenhuma vez
- 2 - poucas vezes
- 3 - uma ou duas por mês
- 4 - uma ou duas vezes por semana
- 5 - quase todo o dia
- 6 - uma vez por dia ou mais

35) Você acha que essas práticas sexuais - tais como o swing,  
sexo grupal, etc. - são:

- 1 - francamente positivas
- 2 - positivas
- 3 - neutras
- 4 - negativas
- 5 - francamente negativas

36) Qual a situação que mais se aplica a você?

- 1 - meus pais nunca se separaram
- 2 - meus pais se separaram quando eu ainda era criança  
(menos de dez anos)
- 3 - meus pais se separaram quando eu tinha entre dez e  
dezoito anos
- 4 - meu pais se separaram quando eu tinha mais de dezoito  
anos
- 5 - outros (favor especificar)

37) Indique a situação que mais se aproxima do seu caso:

- 1 - eu e meu cônjuge tínhamos a mesma idade
- 2 - eu era mais novo(a) que meu cônjuge \_\_\_\_ anos
- 3 - eu era mais velho(a) que meu cônjuge \_\_\_\_ anos  
(na folha de respostas, preencha o espaço em branco  
com o número de anos)

38) Avalie o grau de felicidade existente na união (casamento) de seus pais:

- 1 - muito feliz
- 2 - moderadamente feliz
- 3 - nem feliz, nem infeliz
- 4 - moderadamente infeliz
- 5 - muito infeliz

39) Em todas as famílias alguém tem de decidir sobre coisas e assuntos importantes, cabendo a decisão final ora ao marido, ora à esposa. No seu primeiro casamento/união, por exemplo, quem você diria que decidia sobre: (Indique a resposta mais correta, colocando na folha de respostas o código numérico da situação que mais se aplica a cada caso).

- 1 - pessoas convidadas para sair, fazer programas
- 2 - a que programa de TV assistir
- 3 - que carro comprar
- 4 - em que apartamento ou casa irão morar
- 5 - que emprego deve ser arranjado
- 6 - onde ir passar as férias
- 7 - utilizar ou não anticoncepcionais
- 8 - estabelecer os critérios de educação dos filhos
- 9 - administrar a casa
- 10 - decidir sobre investimentos financeiros

Código para classificação das respostas na folha de respostas:

- 1- marido sempre
- 2- marido mais que mulher
- 3- ambos igualmente
- 4- mulher mais que marido
- 5- mulher sempre

- 40) Quais os erros que você acha que seu pai e sua mãe cometeram na união/casamento deles, que você tentou não repetir?
- 41) Quais os erros que você acha que seu pai e sua mãe cometeram no tocante à sua educação (ou a de seus irmãos) que você tenta não repetir com seu(s) próprio(s) filho(s)? (ou tentará, caso ainda não tenha filhos).
- 42) Qual a sua religião?
- 1 - católica
  - 2 - protestante
  - 3 - judaica
  - 4 - espírita
  - 5 - umbandista
  - 6 - outra (especifique)
  - 7 - não sou religioso(a)
- 43) Você costuma frequentar a igreja, (templo, sinagoga, etc.), não incluindo aí a frequência a compromissos sociais, tais como casamento, batizados, etc.
- 1 - todos os dias
  - 2 - uma vez por semana
  - 3 - uma vez por mês
  - 4 - uma vez por ano
  - 5 - menos de uma vez por ano

44) Você trabalha fora (há pelo menos um ano)?

1 - sim

2 - não

45) Para os que responderam sim à pergunta anterior:

1 - em horário integral

2 - em meio expediente

46) Com que idade você se casou?

\_\_\_\_\_ anos

47) Com que idade você se separou?

\_\_\_\_\_ anos

48) Com que idade você se "recasou"? (Se tornou a fazê-lo)

\_\_\_\_\_ anos

49) Sua idade:

\_\_\_\_\_ anos

50) Sexo:

1 - masculino

2 - feminino

P E R C E P Ç Ã O   S O C I A L   D O   C A S A M E N T O

C A D E R N O   D E   P E R G U N T A S

GRUPO CASADOS (N/ID)

FGV/PUC/RJ

1) Quando você conheceu o seu/sua esposo(a)?

- 1 - infância
- 2 - adolescência (faixa dos 13 aos 18 anos)
- 3 - universidade (ou faixa dos 19 ou 25 anos)
- 4 - já dulto(a) (ou com mais de 25 anos)

2) Você aprova o casamento e as relações familiares como elas são?

- 1 - certamente
- 2 - sim, com restrições
- 3 - igual número de defeitos e qualidades
- 4 - não, embora haja muitos pontos positivos
- 5 - de jeito nenhum

3) Segundo o seu ponto de vista o casamento como instituição mudou:

- 1 - para muito melhor
- 2 - para melhor
- 3 - não mudou
- 4 - para muito pior
- 5 - para pior

4) Se você acha que o casamento mudou (para melhor ou para pior), indique:

- 1 - em que ele melhorou? Por quê?
- 2 - em que ele piorou? Por quê?

- 5) Se você acredita na propalada crise do casamento, a que fatores você a atribui? (Na folha de respostas, coloque em ordem decrescente de importância: primeiro, o número correspondente à causa mais importante, em segundo, à segunda mais importante, etc.)
- 1 - educação inadequada dos filhos
  - 2 - emancipação da mulher
  - 3 - declínio da fé religiosa
  - 4 - fatores econômicos
  - 5 - excessiva ênfase em sexo
- 6) Que você acha da emancipação da mulher? E qual a importância deste fenômeno para o casamento nos dias de hoje?
- 7) O que você procurou no casamento? (Na folha de respostas, coloque em ordem decrescente de importância: primeiro, o número correspondente à causa mais importante, em segundo, à segunda mais importante, etc.)
- 1 - segurança financeira
  - 2 - amor
  - 3 - companheirismo
  - 4 - sexo
  - 5 - estabilidade

- 8) E o que você realmente encontrou? (Na folha de respostas, coloque em ordem decrescente de importância: primeiro, o número correspondente à causa mais importante, etc.)
- 1 - segurança financeira
  - 2 - amor
  - 3 - companheirismo
  - 4 - sexo
  - 5 - estabilidade
- 9) E o que você acha que a maioria das pessoas da sua idade procura no casamento? (Na folha de resposta, coloque em ordem de importância, da mais importante para a menos importante, como nas perguntas anteriores)
- 1 - segurança financeira
  - 2 - amor
  - 3 - companheirismo
  - 4 - sexo
  - 5 - estabilidade
- 10) Qual o grau de franqueza na sua relação com o(a) esposo(a) ou companheiro(a)? (No sentido de lhe falar/contar tudo ou não)
- 1 - conto tudo
  - 2 - conto 75%
  - 3 - conto 50%
  - 4 - conto 25%
  - 5 - não conto quase nada

- 11) Você se imagina passando o resto de sua vida com seu(sua) esposo(a)?
- 1 - sim
  - 2 - não
  - 3 - em dúvida
- 12) Na sua opinião, o que faz durar um casamento? (Na folha de respostas, coloque em ordem de importância, da mais importante para a menos importante, como nas perguntas anteriores).
- 1 - persistência
  - 2 - sexo
  - 3 - sorte
  - 4 - amor
  - 5 - confiança
  - 6 - respeito mútuo
  - 7 - companheirismo
  - 8 - certos traços de personalidade
  - 9 - comunhão de idéias
- 13) Qual a probabilidade de sua atual união/casamento terminar em separação?
- 1 - quase zero (altamente improvável)
  - 2 - por volta de 20 a 25% por cento
  - 3 - por volta de 50%
  - 4 - por volta de 70 a 75%
  - 5 - quase 100% (altamente provável)

14) Quem você acha que tem se esforçado mais para que sua união se mantenha bem?

- 1 - eu, bem mais do que ela(e)
- 2 - eu, pouco mais do que ela(e)
- 3 - nós, em igual medida
- 4 - ela(e), pouco mais do que eu
- 5 - ela(e), bem mais do que eu

15) Com relação a algum(a) amigo(a) próximo(a) que tenha se separado, a que causas você atribuiria o término da união? (Na folha de respostas, coloque em ordem decrescente de importância, como nas perguntas anteriores).

- 1 - falta de persistência
- 2 - falta de vocação
- 3 - azar
- 4 - problemas financeiros
- 5 - incompatibilidade de gênios
- 6 - problemas específicos de um dos cônjuges (ex: alcoolismo, desvio de conduta, etc.)
- 7 - outros (especificar)

16) Na hipótese de você vir a separar-se, e/ou já ter pensado seriamente em fazê-lo, quais dos fatores abaixo podem ser considerados como os maiores empecilhos para tal? (Na folha de respostas, coloque em ordem decrescente de importância, como nas perguntas anteriores).

- 1 - as crianças
- 2 - motivos religiosos
- 3 - falta de coragem
- 4 - pressões sociais
- 5 - sentimento de culpa
- 6 - medo da pobreza
- 7 - medo da solidão
- 8 - pressões familiares
- 9 - medo do sofrimento

17) Liste 5 razões para explicar porque o casamento é vantajoso. (Folha de respostas)

18) Liste 5 desvantagens da vida de casado(a). (Folha de respostas)

19) Em uma semana típica (segunda a sexta), estime a porcentagem de tempo gasto em média por você nas seguintes atividades: (Cuidando para que o total chegue a 100%)

- 1 - ver TV
- 2 - atividades solitárias (leituras, hobbies, etc.)
- 3 - afazeres domésticos
- 4 - trabalho fora
- 5 - lazer com a família
- 6 - cuidar de outras pessoas (filhos, etc.)

20) Em uma semana típica (segunda a sexta), estime a porcentagem de tempo gasto em média que você consideraria ideal em termos de uma vida qualitativamente mais satisfatória (cuidando para que o total chegue a 100%)

- 1 - ver TV
- 2 - atividades solitárias (leituras, hobbies, etc.)
- 3 - afazeres domésticos
- 4 - trabalho fora
- 5 - lazer com a família
- 6 - cuidar de outras pessoas (filhos, etc.)

21) Em uma semana típica (segunda a sexta), estime a porcentagem de tempo gasto em média pela maioria dos(das) seus (suas) conhecidos(as), (cuidando para que o total chegue a 100%)

- 1 - ver TV
- 2 - atividades solitárias (leituras, hobbies, etc.)
- 3 - afazeres domésticos
- 4 - trabalho fora
- 5 - lazer com a família
- 6 - cuidar de outras pessoas (filhos, etc.)

22) Pensando no que lhe proporcionaria maior felicidade pessoal, avalie percentualmente as duas possibilidades abaixo (cuidando para que a soma chegue a 100%)

- 1 - trabalhar fora
- 2 - cuidar da casa e dos filhos

23) Você e seu cônjuge discutem:

- 1 - o tempo todo
- 2 - muito freqüentemente
- 3 - freqüentemente
- 4 - medianamente
- 5 - pouco
- 6 - muito pouco
- 7 - nunca

24) Você diria que o nível de tensão e conflito existentes na sua união (casamento) é:

- 1 - muito alto
- 2 - alto
- 3 - médio
- 4 - baixo
- 5 - muito baixo

25) Você admite a possibilidade de relações extraconjugais para o homem?

- 1 - sim
- 2 - não

26) Você admite a possibilidade de relações extraconjugais para a mulher?

- 1 - sim
- 2 - não

- 27) Com quantas pessoas você manteve relações sexuais fora do casamento/união (enquanto casado(a)/unido(a)?
- 1 - nenhuma
  - 2 - uma
  - 3 - duas
  - 4 - três
  - 5 - quatro
  - 6 - cinco ou mais
- 28) Como você avalia esta(s) experiência(s) em termos das consequências pessoais e seus reflexos na sua união/casamento? (Folha de respostas)
- 29) Você se casou virgem?
- 1 - sim
  - 2 - não
- 30) Você acha que sua filha deveria se casar virgem?
- 1 - sim
  - 2 - não
  - 3 - tanto faz
- 31) Você acha que seu filho deveria se casar virgem?
- 1 - sim
  - 2 - não
  - 3 - tanto faz

32) Quais os principais fatores que contribuem na sua opinião para uma relação sexual satisfatória (na folha de respostas coloque em ordem decrescente de importância, como nas perguntas anteriores)?

- 1 - espontaneidade
- 2 - atratividade de parceiro
- 3 - confiança
- 4 - experiência do parceiro
- 5 - criatividade
- 6 - amor
- 7 - desejo
- 8 - saúde
- 9 - sentir-se atraente

33) Nos últimos seis meses com que frequência em média, você manteve relações sexuais com seu(sua) esposo(a)/companheiro(a)?

- 1 - nenhuma vez
- 2 - poucas vezes
- 3 - uma ou duas vezes por mes
- 4 - uma ou duas vezes por semana
- 5 - quase todo dia
- 6 - uma vez por dia ou mais

34) Você acha que essas práticas sexuais - tais como o swing, sexo grupal, etc. - são?

1 - francamente positivas

2 - positivas

3 - neutras

4 - negativas

5 - francamente negativas

35) Avalie o grau de felicidade existente na sua união (casamento):

1 - muito feliz

2 - moderadamente feliz

3 - nem feliz, nem infeliz

4 - moderadamente infeliz

5 - muito infeliz

36) Se você pudesse fazer tudo de novo, você se casaria com seu(sua) marido(esposa)?

1 - sim

2 - talvez

3 - não

37) Qual a situação que mais se aplica a você?

- 1 - meu pais nunca se separaram
- 2 - meus pais se separaram quando eu ainda era criança  
(menos de dez anos)
- 3 - meus pais se separaram quando eu tinha entre dez a de  
zoito anos
- 4 - meus pais se separaram quando eu tinha mais de dezoito  
anos
- 5 - outros (favor especificar na folha de resposta)

38) Indique a situação que mais se aproxime de seu caso:

- 1 - eu e meu cônjuge temos a mesma idade
- 2 - eu sou mais novo(a) que meu cônjuge \_\_\_\_\_ anos
- 3 - eu sou mais velho(a) que meu cônjuge \_\_\_\_\_ anos

(na folha de respostas preencher o espaço em branco  
com o número de anos)

39) Em todas as famílias alguém tem de decidir sobre coisas e assuntos importantes, cabendo a decisão final ora ao marido, ora à esposa. No seu casamento/união, por exemplo, quem você diria que decide sobre (indique a resposta mais correta, colocando na folha de respostas o código numérico da situação que mais se aplica em cada caso):

- 1 - pessoas convidadas para sair, fazer programas
- 2 - a que programa de TV assistir
- 3 - que carro comprar
- 4 - em que apartamento ou casa irão morar
- 5 - que emprego deve ser arranjado
- 6 - onde ir passar as férias
- 7 - utilizar ou não anticoncepcionais
- 8 - estabelecer os critérios de educação dos filhos
- 9 - administrar a casa
- 10 - decidir sobre investimentos financeiros

Código para classificação das respostas na folha de respostas:

- 1- marido sempre
- 2- marido mais que mlher
- 3- ambos igualmente
- 4- mulher mais que marido
- 5- mulher sempre

- 40) Avalie o grau de felicidade existente na união (casamento) de seus pais:
- 1 - muito feliz
  - 2 - moderadamente feliz
  - 3 - nem feliz, nem infeliz
  - 4 - moderadamente infeliz
  - 5 - muito infeliz
- 41) Quais os erros que você acha que seu pai e sua mãe cometeram na união(casamento) deles, que você tenta não repetir?
- 42) Quais os erros que você acha que seu pai e sua mãe cometeram no tocante à sua educação (ou a de seus irmãos) que você tenta não repetir com seu(s) próprio(s) filho(s)? (Folha de respostas).
- 43) Qual a sua religião?
- 1 - católica
  - 2 - protestante
  - 3 - judaica
  - 4 - espírita
  - 5 - umbandista
  - 6 - outra (especifique)
  - 7 - não sou religioso(a)

44) Você costuma frequentar a igreja (templo, sinagoga, etc.):  
(Não inclua aí a frequência a compromissos sociais, tais como casamentos, batizados, missas de 7º dia, etc.)

- 1 - todo os dias
- 2 - uma vez por semana
- 3 - uma vez por mês
- 4 - uma vez por ano
- 5 - menos de uma vez por ano

45) Você trabalha fora (há pelo menos um ano)?

- 1 - sim
- 2 - não

46) Para os que responderam sim à pergunta anterior:

- 1 - em horário integral
- 2 - em meio expediente

47) Seu cônjuge trabalha fora (há pelo menos um ano)

- 1 - sim
- 2 - não

48) Para os que responderam sim à pergunta anterior:

- 1 - em horário integral
- 2 - em meio expediente

49) Com que idade você se casou?

\_\_\_\_\_ anos

50) Sua idade:

\_\_\_\_\_ anos

51) Sexo:

1 - masculino

2 - feminino

52) Número de filhos:

1 - nenhum

2 - um

3 - dois

4 - três

5 - quatro

6 - cinco ou mais

53) Escolaridade:

1 - 1º grau incompleto (primário)

2 - 1º grau completo (primário)

3 - 2º grau incompleto (ginásio/científico/profissionalizante)

4 - 2º grau completo (ginásio/científico/profissionalizante)

5 - 3º grau incompleto (universidade)

6 - 3º grau completo (universidade)

54) Qual a sua profissão? (Folha de respostas)

55) Com que classe social você mais se identifica?

1 - muito alta

2 - alta

3 - média-alta

4 - média

5 - média-baixa

6 - baixa

7 - muito-baixa

## F O L H A   D E   R E S P O S T A S

GRUPOS CASADOS (N/ID)

Assinale a resposta que mais se aplique ao seu caso.

1) 1 2 3 4

2) 1 2 3 4 5

3) 1 2 3 4 5

4) a)

---

---

---

---

---

---

---

---

b)

---

---

---

---

---

---

---

---

5) (Colocar em ordem decrescente de importância, da esquerda para a direita)

---

---

---

---

---



19)

\_\_\_\_\_%  
 \_\_\_\_\_%  
 \_\_\_\_\_%  
 \_\_\_\_\_%  
 \_\_\_\_\_%  
 \_\_\_\_\_%  
 100%

20)

\_\_\_\_\_%  
 \_\_\_\_\_%  
 \_\_\_\_\_%  
 \_\_\_\_\_%  
 \_\_\_\_\_%  
 \_\_\_\_\_%  
 100%

21)

\_\_\_\_\_%  
 \_\_\_\_\_%  
 \_\_\_\_\_%  
 \_\_\_\_\_%  
 \_\_\_\_\_%  
 \_\_\_\_\_%  
 100%

22) 1 - \_\_\_\_\_%  
 2 - \_\_\_\_\_%  
 100%

23) 1 2 3 4 5 6 7

24) 1 2 3 4 5

25) 1 2

26) 1 2

27) 1 2 3 4 5 6

28)

---



---



---



---



---



---



---

29) 1 2

30) 1 2 3

31) 1 2 3

32) \_\_\_\_\_

33) 1 2 3 4 5 6

34) 1 2 3 4 5 6

35) 1 2 3 4 5

36) 1 2 3

37) 1 2 3 4 5

38) 1 - 2 \_\_\_\_\_ 3 \_\_\_\_\_ anos

39) 1 - \_\_\_\_\_ 6 \_\_\_\_\_

2 - \_\_\_\_\_ 7 \_\_\_\_\_

3 - \_\_\_\_\_ 8 \_\_\_\_\_

4 - \_\_\_\_\_ 9 \_\_\_\_\_

5 - \_\_\_\_\_ 10 \_\_\_\_\_

40) 1 2 3 4 5

41)

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

42)

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

43) 1 2 3 4 5 6 7

44) 1 2 3 4 5

45) 1 2

46) 1 2

47) 1 2

48) 1 2

49) \_\_\_\_\_ anos

50) \_\_\_\_\_ anos

51) 1 2

52) 1 2 3 4 5 6

53) 1 2 3 4 5 6

54) \_\_\_\_\_

55) 1 2 3 4 5 6 7

ANEXO I-b

EXEMPLO DE ETIQUETA COLOCADA NOS  
ENVELOPES DISTRIBUÍDOS

PUC/RJ - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Bernardo Jablonski

Rua Marquês de São Vicente, 225

Gávea - RJ

MNS.217L

22453

ANEXO II (a - h)

Respostas agrupadas em categorias após o  
pré-teste (oito perguntas)

## ANEXO II-A

## CASAMENTO MELHOROU

- 00 - ausência de resposta
- 01 - mais liberdade
- 02 - maior divisão de responsabilidade
- 03 - mais companheirismo
- 04 - menos autoritarismo do marido
- 05 - maior emancipação da mulher
- 06 - maior liberação sexual
- 07 - educação dos filhos mais liberal
- 08 - educação dos filhos mais refletida
- 09 - mais diálogo
- 10 - modernização da sociedade (crise econômica, mais acesso à informação, etc.)
- 11 - menor rigidez/mais flexibilidade
- 12 - mais igualdade
- 13 - mais respeito mútuo
- 14 - mais sinceridade na relação
- 15 - relação do casal mais refletida/mais valorizada
- 16 - maior possibilidade de separação
- 17 - livre escolha do(a) parceiro(a)
- 18 - maior contato com o futuro cônjuge
- 19 - menos ciúmes
- 20 - nova consciência do homem acerca dos direitos da mulher e de sua individualidade
- 21 - livre escolha do próprio casamento (tipo)
- 22 - maior autonomia econômica do casal
- 23 - maior autoconhecimento
- 24 - outros

## II-B

## CASAMENTO PIOROU

- 00 - ausência de resposta
- 01 - mau uso da liberdade adquirida
- 02 - mais imaturidade das pessoas e questões psicológicas afins (falta de seriedade, egoísmo, casar por casar, excesso de individualismo, ênfase excessiva em sexo, relações intelectualizadas, etc.)
- 03 - menor unidade familiar
- 04 - menor espaço para interação familiar (ambos trabalham)
- 05 - excessiva autonomia dos cônjuges (independência)
- 06 - liberdade excessiva
- 07 - maior possibilidade de separação (sujeitos não percebem o casamento como duradouro, etc.)
- 08 - menor consciência do que representa o casamento
- 09 - menos persistência
- 10 - maior aceitação da mulher descasada
- 11 - conseqüências adversas da urbanização (vida atribulada, problemas de trabalho, etc.)
- 12 - o casamento não se adaptou às mudanças sociais
- 13 - falta de romantismo
- 14 - mais infidelidade (falta de confiança)
- 15 - mais hipocrisia (pseudo-liberal)
- 16 - maior emancipação da mulher
- 17 - outros: dificuldades econômicas, piorou em tudo, homem não aceita a mulher independente, etc.
- 18 - falta de respeito mútuo.

## II-C

## EMANCIPAÇÃO DA MULHER E SUAS CONSEQUÊNCIAS

- 00 - ausência de respostas
- 01 - é ruim para o homem (não está preparado, não aceita)
- 02 - perda de poder para o homem
- 03 - avaliações positivas genéricas: ótimo, bom, criativo, válido, importante, fundamental, etc.
- 04 - mais igualdade no casal
- 05 - mais diálogo
- 06 - contribui para a crise do casamento
- 07 - menos atenção ao trabalho doméstico (crítica)
- 08 - excessos e radicalismos do movimento feminista (e outras respostas de desvalorização da emancipação)
- 09 - melhora o casamento
- 10 - é uma consequência natural do desenvolvimento social
- 11 - maior divisão de responsabilidade
- 12 - maior possibilidade de separação
- 13 - é um direito delas
- 14 - mulher mais independente (inclusive financeiramente)
- 15 - maior valorização da mulher (pelo homem, pela sociedade)
- 16 - maior conscientização de seus respectivos papéis
- 17 - maior crescimento emocional e sexual da mulher
- 18 - causa conflitos
- 19 - melhora as finanças do casal (parte econômica)
- 20 - pode ser bom ou mau

## II-D

## CINCO VANTAGENS DO CASAMENTO

- 00 - ausência de respostas
- 01 - satisfação psicológica e segurança emocional em termos individuais
- 02 - configura a possibilidade de se ter uma relação emocional mais sólida, estável, segura com o outro(a)
- 03 - intimidade e compartilhamento (momentos difíceis, 24hs, relação mais profunda, vida em comum, companheirismo, etc.)
- 04 - melhora a sexualidade (mais ativa, "natural", livre, legitimada socialmente)
- 05 - possibilidade de se constituir família, lar
- 06 - possibilidade de se ter filhos em condições ideais (mais adequadas, seguras, estáveis, etc.)
- 07 - crescimento sócio-econômico (manter bens de família, ascensão social)
- 08 - usufruir do ritual (lua-de-mel, festa, presentes, cerimônia)
- 09 - permite crescimento individual (mais amadurecimento, autoconfiança desenvolvimento)
- 10 - legitimização da relação social como um todo (pela sociedade)
- 11 - poder confiar em alguém (totalmente, acima de tudo)
- 12 - afasta a solidão (inclusive na velhice)
- 13 - poder sair de casa dos pais (ter casa própria, independência)
- 14 - outros: solidariedade, flexibilidade, etc.

## II-F

## AVALIAÇÃO DAS RELAÇÕES EXTRAMARITAIS

- 00 - ausência de respostas
- 01 - não teve rels. extramaritais
- 02 - pouco ou nada acrescentaram a nível pessoal
- 03 - poucos reflexos
- 04 - conseqüências positivas genéricas: maior vivência, enriquecimento pessoal, aprendizado, mais reflexão, etc.
- 05 - conflituosa
- 06 - levou à revisão de posições morais e filosóficas
- 07 - melhorou a sexualidade
- 08 - conseqüências negativas genéricas: foi ruim, sentiu-se mal, desgastante, etc.
- 09 - sentimento de culpa
- 10 - contribuiu para a separação
- 11 - afugentou a rotina
- 12 - trouxe segurança
- 13 - sacudiu a relação conjugal
- 14 - levou à reavaliação da relação
- 15 - não prejudicou o casamento
- 16 - foram reflexo/conseqüência de um mau casamento
- 17 - foi só uma questão física (sexo por sexo, desprovido de afeto)
- 18 - outros

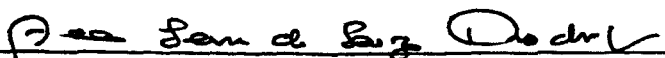
## II-H


ERROS QUE PAIS COMETERAM COM RELAÇÃO À EDUCAÇÃO DO SUJEITO  
(QUE ELE TENTARÁ NÃO REPETIR)


- 00 - ausência de respostas
- 01 - não cometeram erros/poucos erros
- 02 - falta de afeto - sentido e/ou demonstrado
- 03 - falta de diálogo (sincero/espontâneo)
- 04 - falta de respeito para com inclinações, desejos, pensamentos e individualidade dos sujeitos.
- 05 - educação rígida e autoritária (apelo ao medo e imposição de idéias e valores) e suas conseqüências (insegurança, timidez, etc)
- 06 - tratamento diferenciado aos filhos
- 07 - tabu do sexo (falta de liberdade para discutir o assunto, repressão, controle excessivo, etc.)
- 08 - superproteção e mimos exagerados ("paparicação", não delegação de responsabilidades, não serem levados a sério, orientação excessiva até nos mínimos detalhes, etc.)
- 09 - "comparação" entre os filhos
- 10 - pai (ou mãe) distanciado
- 11 - falta de estímulo a inclinações artísticas (desenho, teatro, etc)
- 12 - falta de estímulo à educação de um modo geral
- 13 - esconder problemas dos filhos - não discutir certos assuntos (sexo está em outro item)
- 14 - falta de liberdade (exigências em excesso, muita severidade, cobranças, perfeccionismo, muito controle)
- 15 - punições físicas e castigos/gritos.
- 16 - pai e mãe com modelos diferentes de como educar.
- 17 - excesso de responsabilidades antes do tempo
- 18 - foram pão-duros
- 19 - falta de rigor, liberdade demais
- 20 - muitos filhos e muita distância entre eles
- 21 - não se separaram "por causa dos filhos"
- 22 - outros: desconfiança, excessiva valorização de bens materiais, competiram com filhos, representar papéis impostos pelos pais, etc.

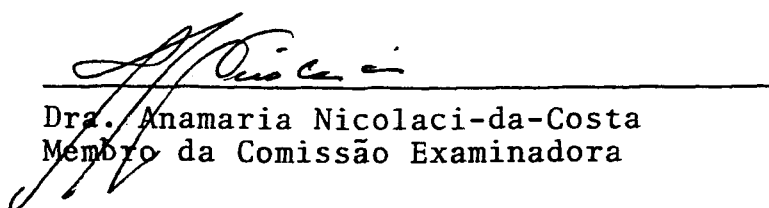
A tese "A CRISE DO CASAMENTO CONTEMPORÂNEO: UM ESTUDO PSICOSSOCIAL" foi considerada **APROVADA**.

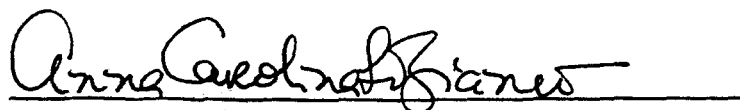
Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1988

  
Dr. Aroldo Soares de Souza Rodrigues  
Professor Orientador

  
Dr. Eliezer Schneider  
Membro da Comissão Examinadora

  
Dra. Monique Rose Aimée Augras  
Membro da Comissão Examinadora

  
Dra. Anamaria Nicolaci-da-Costa  
Membro da Comissão Examinadora

  
Dra. Ana Carolina Lo Bianco  
Membro da Comissão Examinadora